Da Organização Política Feminista

Memória, experiência e bases para a luta feminista

ALINE ROSSI (ORG.)

DA ORGANIZAÇÃO POLÍTICA FEMINISTA

Memória, experiência e bases para a luta feminista

Organização por Aline Rossi

2020

Para as grandes companheiras de luta na QG Feminista, na Assembleia Feminista de Lisboa e para todas as mulheres que constroem a revolução. Nós venceremos!

CARTA ÀS COMPANHEIRAS

Caras irmãs de luta,

Este material é uma compilação e organização de textos, notas e citações de diferentes momentos e autorias, com reflexões e análises importantes sobre a organização política do movimento feminista.

Neste livro, encontrará reflexões de várias das primeiras organizadoras do feminismo radical, o Movimento de Libertação de Mulheres, na década de 60/70. Além disso, encontrará ainda apontamentos de lutas contemporâneas, movimentos que estão sendo organizados hoje e que travam suas batalhas neste exato momento – nomeadamente, a luta e movimento das mulheres revolucionárias do Curdistão e Afeganistão.

É de vital importância que a companheira leitora tenha em mente que, por mais universais que as reflexões aqui contidas possam ser – e nisso reside o valor e a sua relevância desse conteúdo para a nossa luta hoje – estes textos são produtos do seu contexto, do seu momento histórico e tudo que isso implica: a cultura em que estava inserido, a conjuntura política no qual ocorreu, as lutas internas que criticam e analisam. Por isso, é necessário fazer uma leitura crítica, tendo sempre o cuidado de não sobrepor realidades incompatíveis e, assim, cair no erro mais crasso do anacronismo e revisionismo histórico: o contexto norte-americano de 1970 certamente não é o contexto brasileiro de 2020 e vice-e-versa.

O objetivo não é, de forma alguma, criar uma bíblia da organização feminista, um dogma ou um livro de regras, mas sim resgatar a experiência acumulada por décadas de ativismo em diferentes países, contextos e conjunturas políticas pelas mulheres que se coletivizaram na intenção de

confrontar o sistema de dominação masculina e levar adiante a luta pela emancipação das mulheres. Aqui está a maior riqueza deste material: o acúmulo, a experiência, a memória e o aprendizado de milhares de mulheres coletivizadas e organizadas no compromisso militante de revolucionar esta sociedade patriarcal.

Esse é um material útil para ser estudado dentro da sua organização, entre companheiras, para afinar os nossos métodos e não perder o horizonte de nossas lutas. Não precisamos reinventar a roda, não precisamos cometer os mesmos erros para chegar às mesmas conclusões tantas décadas depois. Podemos e devemos honrar e resgatar a memória política das mulheres antes de nós.

É esta a verdadeira sororidade, a verdadeira aliança política de mulheres comprometidas na revolução feminista, especialmente quando a maior arma da dominação masculina contra nós é o apagamento de nossas histórias, nossas lutas e nossas conquistas.

Saudações sororas,

Aline Rossi
Feminismo Com Classe

DA POLÍTICA FEMINISTA

Memória, experiência e bases para a luta feminista

SUMÁRIO

Aprendizados da coletivização feminista

Aline Rossi (2020)

AUTONOMIA NÃO É ISOLAMENTO

Um coletivo feminista é autônoma pela necessidade premente de mulheres se organizarem longe do seu opressor, seja para desenvolverem suas habilidades de liderança sem a síndrome do impostor autodirigida pela presença de homens ou pela necessidade de um espaço onde possam falar de opressões primariamente infligidas pelos mesmos. É essa autonomia garante a independência do coletivo no pensar, no agir e na definição de pautas.

Por outro lado, a autonomia não deve ser entendida como sinônimo de isolamento. O coletivo feminista não é um fim em si, não pode ser visto como suficiente, enquanto organização, apenas porque existe. Ele existe porque a segregação, a exclusão com base no sexo e a discriminação de mulheres em espaços mistos existem, mas sua função é fazer com que a sua própria existência deixe de ser necessária – assim, cumprindo seu objetivo. Portanto, um coletivo feminista precisa necessariamente formar alianças e operar em conjuntos com outros movimentos, organizações e estruturas na execução de sua agenda.

Resumidamente, o coletivo feminista é onde mulheres debatem, planejam e definem sua agenda. Fora do coletivo feminista é onde executam essa agenda política: não só nas ruas, organizando manifestações, piquetes, debates e outras ações de luta e de conscientização, mas também dentro dos sindicatos, dentro de

escolas, dentro de universidades, dentro de partidos políticos e das próprias comunidades.

POLÍTICA CRIA AMIZADES, MAS NÃO É AMIZADE

> *A amizade, parece-me, é construída com um pé no privado e no coração e o outro no lado político-público do pensamento… do pensar juntos. Com tudo isso, essa dimensão implica valores e responsabilidades sociais e humanas. – Margarita Pisano*

Talvez pela socialização para o trabalho emocional e a maternidade compulsória, talvez impulsionadas pelo sentimento solitário que é o resultado da rivalidade feminina e do acesso nunca permitido ao "clube do bolinha" da *broderagem*, a fraternidade masculina, é comum que mulheres jovens cheguem ao feminismo com a pretensão de integrar um grupo de afinidade.

A ideia de que toda mulher é sua amiga por partilhar da mesma condição oprimida ou de que feminismo é feito de, por e entre amigas é uma ilusão. E uma ilusão perigosa, fruto do distorcer liberal do conceito de sororidade (que era sobre aliança política, não sobre amizade ingênua e espontânea).

Se, por um lado, é verdade que queremos demolir a noção de política como a conhecemos hoje, envenenada pelo poder como dominação, por outro é verdade que esse é o nosso ponto de partida: não a utopia, mas a política com todo o veneno, com todos os problemas estruturais, pessoais-políticos que essa sociedade enraíza tão profundamente em cada uma de nós.

É, sem dúvida, mais fácil aproximar e ser aproximada, em termos de organização política, pela afinidade. Dificilmente nos unimos a projetos de longo-prazo – como são os movimentos, coletivos e partidos – sem que exista admiração ou alguma referência amistosa que seja parte desse projeto. Contudo, a amizade não é um pré-requisito para se organizar, mas uma consequência.

Fazer política vai exigir, com considerável frequência, que você lide com pessoas que não gosta. Essas pessoas podem ser mulheres. Vai exigir que você interaja, conviva e trabalhe conjuntamente com pessoas que, no seu conceito, são criticáveis ou com quem nunca imaginou ter alguma amizade. Não é raro que a socialização para a docilidade, o trabalho emocional e o maternar atravessem e mesmo atrapalhem a vida política das mulheres – no sentido em que constantemente nos autocensuramos ou tentamos mensurar as nossas dúvidas e críticas legítimas com medo de “ferir sentimentos”, quando não se trata, de todo, de sentimentos, mas de decisões complexas ou linhas orientadoras para um projeto que constrói com a sua vida, o seu tempo, a sua mente e toda a sua confiança.

Não é um mar de rosas, mas nem tudo são espinhos: a política também constrói amizades. E aqui vou citar Edda Gaviola, que esmiuçou muito melhor que eu jamais poderia apalavrar:

> *As cumplicidades políticas são as mais difíceis de construir. Estou convencida de que, para fazer isso, é necessário ter projetos comuns, pensar juntas e se reconhecer profundamente na outra, nos seus saberes e autorias, a fim de alcançar a aprendizagem recíproca. Mas também partir de uma rede de ideias comuns, uma análise crítica e compartilhada da realidade e da experiência histórica das mulheres, capaz de fluir e transcender no ato que vai do pessoal ao político.*

AFASTAMENTOS ACONTECEM

Ao longo da construção do coletivo e do movimento, pessoas se afastam, pessoas saem e não voltam, pessoas saem e depois voltam, somem sem dizer nada ou avisam e desaparecem. E isso acontece por inúmeros motivos: falta de tempo, falta de disposição mental, falta de motivação, momento difícil na vida, trabalho demais ou simplesmente aquilo não é mais suficiente e ela sente a necessidade de ir para outro lado. É normal. Afastamentos acontecem.

Como o objetivo-fim da militância feminista não é algo imediato, não é algo que provavelmente alcançaremos em nosso tempo de vida, o desgaste físico ou mental pode ser um acontecimento recorrente: vem e vai de tempos em tempos. É, então, comum que qualquer mulher venha a sentir necessidade de "tirar férias" do ativismo por um tempo para se recompor e depois retornar com as forças renovadas. Isso pode acontecer ao longo ou ao fim de campanhas muito exigentes, por exemplo, ou após um ano dedicado à construção de uma grande marcha, etc.

Esse afastar não necessariamente significa que o coletivo é infrutífero ou que o movimento não é viável. Alguns serão filtragem, geralmente de pessoas que idealizaram o ativismo ou o grupo de certa forma e a realidade posterior não coincidiu com a expectativa; ou alguém não estava no momento para se dedicar a tal jornada. Outros casos serão discordâncias ou ainda por razões completamente alheias às mulheres do grupo.

Afastamentos acontecem. É importante, entretanto, avaliar sempre que acontecerem de modo a tentar compreender a causa e, se for o caso, o impacto que aquela perda pode causar no grupo. Pode ser um

impacto de quebra de coesão, um clima de desconfiança ou de desmotivação que vai exigir uma redução de esforços externos e mais trabalho de construção e reforço interno. Pode ser a perda de uma integrante que assumia responsabilidades importantes e que, então, causa uma quebra de processos que precisará ser redistribuída.

Independente de qual for a situação, é importante fazer periodicamente o balanço das entradas e saídas (de membros) do grupo. Isso permitirá ter uma vista geral do que tem funcionado e de possíveis lacunas que precisam ser afinadas para o grupo ser mais eficiente politicamente. Sem coesão e coerência interna será impossível agir politicamente com coesão e coerência.

"Arrumar a casa" é sempre o primeiro e mais importante passo. O alinhamento ou afinamento das companheiras virá com o tempo. Mas até lá, precisamos entender o que atrai pessoas para o movimento e também o que as afasta.

HORIZONTALIDADE É UMA PRÁTICA

Porque somos educadas desde sempre em uma sociedade hierárquica, desde o ambiente doméstico até a nossa experiência nas instituições de ensino e de trabalho, o mais óbvio é reproduzir essa hierarquia dentro das nossas organizações, ainda que tenhamos definido como princípio a rejeição dessa estrutura.

A horizontalidade não é um princípio abstrato que possa ser definido pela mera ausência de lideranças (e, quase sempre, "liderança" é equacionado e confundido com "hierarquia"). Um coletivo feminista pode se afirmar horizontal por não ter lideranças e não exercer a horizontalidade na sua prática militante.

Há três situações mais comuns em que a quebra do princípio da horizontalidade é mais evidente:

1) Divisão de tarefas;
2) Tomadas de decisão;
3) Pertencimento e integração;

Relativamente à divisão de tarefas, este é talvez um dos exemplos mais corriqueiros (e flagrantes) de quebra da horizontalidade nos coletivos feministas que se afirmam ou se pretendem horizontais: quando mulheres apresentam propostas de atividades e tarefas, mas não assumem a sua execução, delegando o fazer para outras sem que isso tenha sido uma tarefa destacada – mas sim uma necessidade emergente de executar o que ficou acordado mas que, afinal, não houve comprometimento das proponentes em fazê-lo. Debater e sugerir ideias é claramente mais fácil que executar as ideias. O resultado disso é que se cria uma dinâmica em que há mais mulheres propondo do que mãos para executar – sendo que recursos humanos são, sabidamente, um dos problemas mais comuns em movimentos sociais. Assim, delegam, voluntária ou involuntariamente, a tarefa para outras companheiras do coletivo. Isso – quando alguém simplesmente se coloca na posição de delegar atividades suas para que outras executem – está muito mais próximo de uma hierarquia do que o reconhecimento e eleição de lideranças no movimento.

À parte de ideias propostas que são executadas, involuntariamente, por outras mulheres, há ainda as atividades administrativas (que Freeman chamou de “consumatória”). Quando uma companheira assume tarefas cumulativamente sem rotatividade (como escrever as atas, organizar as reuniões, gerir novas membros) sem que essa

responsabilidade tenha sido designada como seu papel em acordo comum.

Relativamente às tomadas de decisão, como os coletivos feministas tendem a ser compostos por poucas pessoas, é comum que a tomada de decisão seja feita primeiramente por consenso, usando a votação como segundo recurso. Contudo, as tomadas de decisão por consenso não necessariamente são horizontais e o maior problema, provavelmente, é que a falsa impressão de horizontalidade e acordo oculta essas desigualdades. Alguns dos problemas do consenso são:

a) Ainda que haja um alinhamento político dentro do coletivo, as mulheres quase sempre estão em estágios de consciência diferentes, o que impacta a forma como articulam seu discurso ou, principalmente, como percebem e analisam os discursos das outras;
b) Sempre haverá mulheres mais eloquentes e articuladas e mulheres mais reservadas e ouvintes, o que cria um vício no mecanismo de consenso em que a opinião mais forte ou com mais capacidade de convencimento (e não necessariamente a mais acertada) tende a prevalecer;
c) Ilusões de unanimidade levam as integrantes a acreditar que todas estão de acordo e se sentem da mesma maneira;
d) A autocensura faz com que aquelas que têm dúvidas ocultem seus medos ou receios, enquanto a pressão direta para se conformar e aderir ao “consenso” do grupo é colocada sobre aquelas que fazem questionamentos e apontamentos;

Certamente haverá outros aspectos sobre o consenso e a psicologia do pensamento de grupo, esses são apenas alguns dos que mais

sobressaem nos processos de tomada de decisão “horizontais” em coletivos de movimentos sociais.

Quanto ao pertencimento/integração, geralmente os grupos de mulheres se criam de duas formas: ou já nascem “fechados”, com um conjunto de membros definidos; ou começam “abertos” para a integração de novas membros, que vão entrando e saindo ao longo do tempo até que um núcleo estável acabe por se fixar. Existe uma ilusão de que um grupo aberto é sinônimo de horizontalidade, porque assim o coletivo é visto como “igual”, ou “de todas”. O problema óbvio que isso cria é uma falta de controle sobre o que é dito e/ou feito em nome do coletivo, visto que qualquer mulher que tenha participado alguma vez pode dizer-se pertencente/integrante e falar em nome das demais – mesmo que haja no seu discurso, e provavelmente haverá (quanto menor o envolvimento e tempo de participação no coletivo, maior será a dissonância e alinhamento), um desalinhamento político com os princípios manifestos do grupo.

A horizontalidade, portanto, só pode existir quando há uma partilha de responsabilidades e deveres. Um comprometimento não só com a luta e o movimento em geral, mas especialmente com as companheiras do coletivo – responsabilidade emocional, física (em termos de atividades e tarefas) e política (em termos de princípios).

Nesse sentido, a horizontalidade dentro de um coletivo é, em última instância, a própria prática da sororidade, como idealizada inicialmente no movimento de libertação das mulheres: uma aliança e comprometimento político com e entre mulheres na luta coletiva.

NÃO PODEMOS RECRUTAR TODAS AS MULHERES

Mais vale um grupo de cinco mulheres que seja coeso, ativo e funcional do que um grupo de 15 mulheres incapaz de tomar decisões e executar suas tarefas. Por norma, quanto maior o grupo, mais difícil e desgastante se torna mantê-lo ativo por longos períodos.

Como o feminismo radical é coletivista e analisa mulheres como um grupo, uma classe oprimida, a libertação coletiva está em nosso horizonte como objetivo político. O feminismo radical refutou a possibilidade da libertação individual, do empoderamento pessoal e apontou consistentemente que apenas a luta política e organizada das mulheres pode efetivamente fazer mudanças estruturais. Contudo, é comum que esse pensamento leve à percepção enganosa de que devemos ou que podemos recrutar todas as mulheres para o nosso lado da luta. Isso é falso.

Por um lado, não podemos e não iremos recrutar todas as mulheres que estão ao nosso alcance porque, de um lado, mulheres também estão embebidas na lógica do individualismo, do empreendedorismo do conto da carochinha capitalista e na hierarquia patriarcal. Mulheres não estão isentas de agir no seu interesse de classe e privilégios de raça. Assim, a conscientização é necessária antes do recrutamento. É contraproducente, e diria até impossível, organizar uma mulher sem consciência de classe (enquanto mulher). Uma mulher que não se vê como discriminada não vê, igualmente, motivos para ingressar numa luta política. Por outro lado, porque são as mulheres as principais responsabilizadas com o fardo de assegurar os cuidados no trabalho doméstico e reprodutivo, presas na maternidade compulsória e nos trabalhos mais precarizados, também é absolutamente comum

encontrar mulheres que não têm tempo ou disposição mental e física para se organizar politicamente, inclusive apesar de sua vontade.

Interessa-nos, sem dúvidas, conscientizar e mobilizar o máximo de mulheres possíveis. Mas não necessariamente nos interessa organizar as mulheres no nosso próprio coletivo. Cabe a nós, enquanto organizadoras do movimento, oferecer alternativas onde essas mulheres possam se organizar e, especialmente, capacitar mulheres para que se tornem elas próprias organizadoras.

Isso é o tão falado "trabalho de base": criar condições para que as mulheres se organizem por sua própria conta em seus próprios contextos e que isso seja autossuficiente para continuar independentemente do elemento externo que potencial a existência desse movimento.

Quem são as mulheres que queremos recrutar? Queremos recrutar mulheres que possam ser organizadoras ou, em outras palavras, multiplicadoras do movimento de libertação. Imagine que você ou seu coletivo participam e engajam em atividades de outros movimentos, por exemplo: sua intenção não é recrutar todas as mulheres daquele 'outro' movimento para o seu coletivo, mas sim conseguir recrutar a mulher com maior ou com alguma influência dentro daquele movimento para que ela possa levar a agenda feminista com ela para os outros espaços em que circula – espaços que você e seu coletivo talvez não tenham acesso.

Essa é uma das dinâmicas do recrutamento dentro de coletivos, uma dinâmica pró-ativa. Outra forma de fazer isso é manter por perto quem já está perto, colocado de outra forma: as mulheres que estão na periferia do coletivo, que frequentam as atividades, que comparecem

em debates e filmes e manifestações, mas não pedem diretamente para se organizarem no coletivo. Essas são mulheres que têm interesse manifesto em serem conscientizadas e politizadas – e que farão esse percurso também, mas não só, no frequentar das suas atividades. Em tese, é preciso menos esforço para recrutá-la do que para recrutar uma mulher desconhecida de fora do raio de alcance do coletivo.

Existe uma romantização e idealização na militância feminista, comum nos círculos de esquerda de modo geral, da imagem da pessoa que se quer recrutar/organizar. Nos círculos de esquerda, essa imagem é o operário fabril, que um militante partidário pode idealizar como o motor da revolução e, apesar dos esforços, nunca alcançar – ficando resignado aos círculos jovens estudantis que continuam a perseguir esse "membro" ideal. No feminismo, essa figura é a mulher dona-de-casa de meia idade. Ela é mãe, avó, trabalhadora, geralmente imaginada como pertencente a um grupo racializado – negra ou indígena. Há uma culpa constante nos grupos feministas, sempre levantado, por "não chegar a essas mulheres" – mesmo que o próprio grupo seja formado inteiramente por mulheres trabalhadoras, não jovens estudantes. O peso da culpa, da pressão e do sentimento de responsabilidade de recrutar essas mulheres – criado pela idealização de que elas são as lideranças naturais de uma revolução feminista – muitas vezes pode imobilizar a atividade de um coletivo ou mesmo acabar com um antes mesmo que comece a funcionar de fato.

Não podemos, não iremos e não queremos recrutar todas as mulheres. Queremos recrutar as mulheres com potencial de liderança, de multiplicação e com alinhamento político para executar as atividades. Iremos recrutar o que pudermos. E, com nosso grupo formado, tentaremos chegar e conscientizar ao máximo de mulheres possíveis – inclusive, óbvia e naturalmente, a figura idealizada no

imaginário militante da mãe e avó oprimida pelo trabalho reprodutivo que sofre violência masculina em casa, vitimizada por uma socialização conservadora patriarcal.

COLETIVOS POLÍTICOS: NÃO SERVIÇOS, NÃO ASSISTÊNCIA

A função de um coletivo feminista não é fornecer serviços, prestar um papel assistencialista para remediar a opressão que as mulheres vivem no seu dia-a-dia.

Muitas mulheres jovens que recém-adquiriram a consciência da dimensão real da opressão – de como mulheres são afetadas pela falta de creches, falta de educação sexual, falta de contraceptivos, pela violência, pelo estupro e a prostituição, etc. etc. – podem se sentir sobrecarregadas e impelidas a formar grupos de assistência ou serviços para "socorrer" mulheres em situação de opressão. Mas essa não é a função dos grupos feministas.

Não é que não possa ser feito ou não possa, eventualmente, ser parte das ações do grupo. Contudo, a assistência é uma ajuda pontual, um socorro imediato que não transforma a realidade – apenas a ameniza. Como disse Marighella, o objetivo de grupos revolucionários é fazer a revolução – e não fazer curativos.

A velha questão "reforma *versus* revolução" certamente pode ser invocada aqui. Muitos grupos se dissolvem em pautas únicas ou em lutas por reformas, perdendo de vista seu objetivo – a transformação completa da sociedade de dominação masculina. Contudo, o feminismo radical não pactua com o pensamento de que é possível alcançar a libertação das mulheres através de uma série de reformas.

"Mudar por dentro" não é uma opção, visto que leis e "direitos" são um acordo social abstrato, um pacto desse momento histórico e que podem ser revogados ou modificados para atender as necessidades do poder vigente. Um bom exemplo é o aborto, certamente uma conquista que ainda precisa ser feita em vários países, o Brasil um deles; contudo, o aborto legal, portanto na legislação, já foi proibido e legalizado em diferentes conjunturas políticas e momentos históricos, mesmo num mesmo país, conforme a necessidade do status quo. Por isso, a luta feminista não pode se pautar ou esgotar às reformas legais: elas não são garantidas, não são duradouras e não têm capacidade de mudar a realidade objetiva das mulheres de maneira permanente.

Ainda assim, a reforma não é diretamente oposta à revolução. Não podemos, imediatamente, dispensar a importância das reformas nas lutas feministas. A condição subalterna das mulheres na hierarquia social de dominação masculina é sempre um entrave para a revolução porque, via de regra, tira das mulheres a qualidade de sujeitos políticos e transforma-nos em objetos da história, objetos sobre o qual os outros, os verdadeiros sujeitos (status reservado aos homens), agem e decidem. As reformas a caminho de um certo nível de emancipação e de vida digna podem ajudar a resgatar um senso de sujeito político nas mulheres. Elas podem significar mudanças de paradigmas que precisam ser necessariamente rompidos para a conscientização que a luta demanda para acontecer.

> *"O marxismo revolucionário também luta para melhorar a situação dos trabalhadores na sociedade capitalista. Mas, em contraste com o revisionismo, está muito mais interessado em como a luta é conduzida do que nos objetivos imediatos. Para o marxismo, a questão do momento na luta sindical e política é o desenvolvimento dos fatores subjetivos da revolução da classe trabalhadora, a promoção da consciência de classe*

> *revolucionária. A afirmação contundente da reforma contra a revolução é uma afirmação falsa da questão; essas oposições devem receber seu devido lugar em todo o processo social. Devemos evitar perder de vista os objetivos finais, a revolução proletária, através da luta pelas demandas cotidianas." (MATTICK, Luxembourg versus. Lenin, Merlin Press, 1978).*

O QUE FAZER?

Ao longo da minha caminhada no feminismo, vi duas configurações de coletivos de mulheres: a) coletivos "feministas" formados por partidos de esquerda para mobilizar mulheres e recrutar ativistas; b) coletivos feministas formados por grupos de mulheres autônomas.

Por norma, aquela primeira formação falha (ou não) porque seu objetivo não é avançar a pauta das mulheres, mas sim recrutá-las para a organização partidária – portanto, não pode oferecer uma solução e nem ser considerado como se apresenta: feminista. Não consegue endereçar os problemas da dominação masculina porque, agindo no interesse de uma organização mista – quase sempre dominada por homens, ainda que de esquerda – não pode nomear o opressor, o agressor, e sua leitura sobre a opressão das mulheres se torna ineficiente e obscura, culpando um "sistema", uma abstração difícil de ser visualizada na realidade cotidiana das mulheres. Via de regra, os erros e acertos dessa formação não são colocados na conta do partido – mas sim na conta do feminismo, por mais que de feminismo nada tivesse.

O segundo, os coletivos autônomos, pecam por inexperiência. Levando o coletivo como um fim em si, uma organização autossuficiente – no sentido de não precisar de ninguém – é incapaz

de oferecer soluções de longo-prazo para mulheres, pois seu alcance e área de atuação está completamente reduzido ao espaço em que seus recursos humanos financeiros permitem estar.

Especialmente nos países da América do Sul e África – visto que o movimento radical teve seu berço na Inglaterra e Estados Unidos – o modelo de um coletivo autônomo parece apenas o eco do que foi a organização pensada inicialmente pelo movimento de libertação das mulheres. O problema aqui reside especificamente em ter importado uma ideia sem considerar o seu contexto político, histórico e cultural. Uma ideia, portanto, deslocada. Em certa medida, isso acaba fornecendo um modelo estéril de organização: incapaz de se tornar verdadeiramente um movimento de massas, político e revolucionário porque está fechado em si mesmo, sem conexões com outras organizações e movimentos, portanto, inapto a influenciar e mudar as estruturas existentes na sociedade e, consequentemente, esgota em si os seus recursos mais valiosos: as militantes que passam anos (geralmente poucos anos, diga-se de passagem) como um cão que corre atrás do próprio rabo.

O movimento de libertação das mulheres teve seu início numa época particular, em que o projeto neoliberal de globalização estava começando a ser solidificado: as guerras imperialistas (como a guerra ao Vietnã, em diversos países do Oriente Médio e em países do continente africano, bem como as ditaduras na América Latina apoiadas pelas potências imperialistas, especificamente os Estados Unidos). Esse não é mais o nosso contexto.

O contexto das feministas de hoje é uma sociedade de globalização solidificada e com suas contradições evidentes, como podemos perceber pelas crescentes e incessantes “crises de refugiados”, pelas ocupações e o mercado indecente de “ajuda humanitária”. Um

contexto em que a dominação masculina, imperialista e capitalista é global exige um movimento internacionalista, articulado em rede, com raízes locais e com abrangência global.

Os coletivos feministas precisam abandonar a ilusão do grupo como um fim em si e começar a encarar-se a si mesmos como o que são: espaços de planejamento das mulheres, espaços de debate, de definição de pautas e estratégias. Quando as pautas estão estabelecidas, não é dentro do coletivo que se age: é "lá fora", nos partidos, nos sindicatos, nas organizações diversas. Influenciando as estruturas de poder enquanto conscientizamos a base para abandonar a própria noção de poder hierárquico.

Está mais que na hora dos movimentos feministas unirem esforços, começando pela confederação dos coletivos numa frente radical e, posteriormente, ampliando esse horizonte para frentes internacionalistas. Como podemos reivindicar uma luta coletivista se nossos infinitos coletivos atuam isoladamente?

A atuação isolada cria diversos pontos-fracos que colaboram na dissolução dos próprios coletivos e, consequentemente, na contramão do objetivo de tornar o feminismo um movimento de massas político e revolucionário. Alguns desses pontos-fracos são:

1. Um coletivo isolado e desamparado por uma estrutura ou outros grupos é mais facilmente alvo de ataques;
2. Um coletivo isolado tem pouco ou nenhum poder de influência nas tomadas de decisão políticas a nível nacional e, por vezes, mesmo local;
3. Um coletivo isolado mais facilmente contradiz as premissas do movimento, entrando em choque com a atuação ou decisões de outros coletivos que se reivindicam igualmente radicais,

por falta de um alinhamento e/ou comunicação entre os grupos de mulheres.

Organizar um movimento feminista eficiente, com bases sólidas, de massas e revolucionário é a tarefa de nossos tempos. As mulheres antes de nós deram-nos a teoria, a experiência, o acúmulo e a memória. Nós não podemos nem queremos “recriar” esse momento, precisamos sim de dar continuidade ao trabalho iniciado: a revolução inacabada das mulheres.

Separar para integrar

Barbara Leon (1975)

Com o ressurgimento do movimento dos direitos das mulheres em meados da década de 1960, a questão do separatismo feminino rapidamente veio à tona. A questão crítica era a demanda por grupos de mulheres e por mulheres.

É claro que havia grupos de mulheres muito antes disso: no espectro político, elas variavam entre a Greve da Mulher pela Paz, à esquerda, e a Liga das Mulheres Eleitoras, no meio, e as Filhas da Revolução Americana, à direita. Além disso, havia inúmeras organizações não-políticas de mulheres - auxiliares de mulheres, clubes de mulheres, faculdades de mulheres, a YWCA etc. A composição exclusivamente feminina desses grupos não alarmou ninguém por causa de seus objetivos, por mais que diferissem de grupo para grupo, eram iguais no aspecto crucial de não abordar a questão dos direitos das mulheres.

Dadas as condições da supremacia masculina, os grupos dessas mulheres costumavam ser os únicos lugares onde as mulheres podiam trabalhar livremente no que as interessava. Na melhor das hipóteses, representavam uma tentativa de sobreviver sob a supremacia masculina, mas certamente não para acabar com ela. Dadas as demandas das mulheres para sair de casa, os homens permitiram essa forma de grupo de mulheres como uma alternativa preferível a ter mulheres nas fileiras, e especialmente na liderança, de suas próprias organizações.

No início e meados da década de 1960, as mulheres ativas no movimento radical começaram a agir para enfrentar a supremacia masculina em suas organizações e a questão de como trabalhar com os homens em bases iguais. Em 1964, por exemplo, as mulheres do SNCC realizaram reuniões informais para lidar com sua posição no

movimento. A certa altura, elas apresentaram essas questões para uma reunião da equipe do SNCC, uma ação liderada por Ruby Doris Smith Robinson, fundadora do SNCC. Foi nessas reuniões que a frase "libertação das mulheres" começou a ser usada. Os esforços posteriores incluíram a demanda por um painel para mulheres na convenção SDS de 1966 e na Conferência Nacional de Nova Política de 1967, onde as mulheres tentaram colocar os problemas das mulheres na agenda e paralelamente à demanda dos negros por 51% do poder de voto na Conferência. Durante esse período, as mulheres que estavam levantando o slogan "libertação das mulheres" e as idéias radicais por trás dele ainda tentavam muito seriamente trabalhar dentro do movimento radical "integrado". Grupos de libertação de mulheres independentes ainda não existiam.

Em junho de 1966, a Organização Nacional pelas Mulheres foi formada. Como o título indicava, não era para ser uma organização de mulheres, mas de mulheres e homens pelas mulheres. O primeiro parágrafo da declaração da NOW diz:

> *Nós, homens e mulheres que aqui nos constituímos como Organização Nacional pelas Mulheres, acreditamos que chegou a hora de um novo movimento em direção à verdadeira igualdade para todas as mulheres na América (...)*

Embora possam ser levantadas questões sobre a extensão ou o efeito da participação masculina no NOW, o grupo claramente rejeitou o separatismo feminino como uma ferramenta para conquistar os direitos das mulheres, alegando que excluir homens significaria concordar com a segregação. Elas se apresentaram como idealistas a esse respeito – elas não seriam culpadas do mesmo fanatismo que os homens – embora sempre se sentisse uma corrente de medo: medo de ser chamada de misândrica, de afastar outras mulheres, de confrontar a realidade do poder dos homens sobre as mulheres e decidir quais ações seriam necessárias para acabar com isso.

Pelas declarações e argumentos orais de muitos representantes da NOW, parece que a estratégia por trás da política de associação da NOW era defender um princípio, “viver” um princípio, fazer um “modelo” dele como a maneira de implementá-lo de fato. Supunha-se, em bases morais superficiais, que um grupo que lutava contra a exclusão de mulheres com base no sexo não podia, ele próprio, excluir com base no sexo. Mas uma análise da história e dos eventos reais mostra que os esforços feministas integrados da NOW permaneceram praticamente invisíveis até que as radicais começaram a organização separatista.

De 1967 em diante, grupos independentes de libertação de mulheres – grupos de e para mulheres – começaram a se formar. Foi uma resposta direta das primeiras fundadoras ao fracasso e, às vezes, ao ridículo, que encontraram nos seus esforços iniciais em levantar as questões da libertação das mulheres em grupos de movimentos integrados. Sua experiência em trabalhar com homens, homens que afirmavam ser simpáticos às ideias de libertação das mulheres e homens que afirmavam não ser simpáticos, combinada com a contribuição explosiva de ideias do movimento de poder negro, deixaram poucas dúvidas de que as mulheres teriam que se encontrar sozinhas, sem homens, para começar realmente a fazer algo sobre sua libertação. Embora suas razões variassem, quando as mulheres radicais estavam prontas para tentar iniciar um movimento de libertação independente, elas já haviam chegado à conclusão de que alguma forma de organização separatista era necessária.

Contudo, nas suas ações iniciais, essas mulheres radicais claramente diferenciaram sua ideia de separatismo do antigo conceito e prática de grupos sexualmente segregados. O separatismo que elas defendiam era apenas um meio para acabar com o antigo problema de segregação sexual e a desigualdade que ele gerava, uma distinção que foi enfatizada na primeira manifestação dos primeiros grupos de libertação das mulheres independentes.

Em uma ação conjunta do Radical Women de Nova York e Chicago em janeiro de 1968, o núcleo Radical Women de Nova York convocou as mulheres da Brigada Jeanette Rankin, um grupo de paz composto por mulheres, a parar de se organizar com base em seus papéis femininos tradicionais – neste caso, como esposas e mães pela paz – e começar a se organizar para a libertação das mulheres. Elas estavam, no fundo, convocando os grupos só de mulheres para acabar com (a necessidade por) grupos só de mulheres. No cerne do feminismo, afinal, estava a demanda pela integração de homens e mulheres na sociedade e o fim da divisão artificial do trabalho e do poder com base no sexo.

No entanto, houve diferenças nas razões pelas quais as mulheres radicais consideraram o separatismo como estrategicamente necessário e estas foram significativas. Mulheres como Shulamith Firestone, fundadora do grupo Mulheres Radicais de Nova York, via o separatismo como uma maneira de construir uma base de poder para as mulheres:

> "Não devemos vir como suplicantes passivas, implorando favores, pois o poder somente "coopera" com o poder... Até que nos unamos em uma força a ser reconhecida, seremos tratadas de forma paternalista e ridicularizadas até a total ineficácia política." (Firestone, folheto da Brigada Jeannette Rankin, janeiro de 1968)

Pam Allen, que também foi fundadora do Radical Women de Nova York, representou outra visão predominante. Ela via a razão do separatismo feminino em termos de psicologia, não de poder:

> "...as próprias mulheres não querem ocupar posições de liderança. Elas não se sentem tão qualificadas quanto os homens, nem tão competentes ou políticas. Descobrimos que existem sentimentos de inferioridade muito fortes entre as mulheres e que era muito produtivo e positivo que as mulheres se encontrassem e descobrissem que não era um problema individual (...) O chauvinismo é um problema do homem. Tínhamos muito que

> trabalhar para começar a desenvolver um senso de identidade verdadeira.”

Allen continua:

> “Eu pareço estar de um lado do que pode ser uma diferença muito básica (...) Tem a ver com o objetivo de alguém de atacar ou não homens e forçá-los a nos permitir fazer parte de sua sociedade ou começar a definir quem e o que nós somos em nossos próprios termos.” (Allen, trechos da entrevista da WBAI com Pam Allen e Julius Lester, 5 de maio de 1968)

A análise psicológica e terapêutica vs a análise política refletiu sentimentos muito diferentes sobre cada uma das mulheres. As mulheres que adotaram a visão política do separatismo não se sentiam desqualificadas relativamente aos homens e tinham se deparado com problemas com os homens radicais e não-radicais exatamente porque eram qualificadas.

Elas achavam que a oposição e o antagonismo colocados no caminho das mulheres que reconheciam sua igualdade e agiam sobre ela eram o problema essencial para as mulheres como um todo, quer elas se sentissem inferiores ou não. Os “sentimentos de inferioridade” descritos por outras mulheres, quando analisados corretamente, seriam revelados como medo genuíno, confusão etc. – em outras palavras, um resultado lógico de ter que lidar com pessoas com mais poder.

A necessidade de encontrar-se separadamente era devido a um conflito político de interesse com os homens naquele ponto da história social e política. **Não se podia organizar contra o poder masculino com homens na sala.** Pedir que as mulheres fizessem isso era exigir algum tipo de superioridade mística, que elas fossem melhores que os seres humanos comuns, tanto homens como mulheres.

As duas visões também refletiam objetivos diferentes. De acordo com Allen, tínhamos uma escolha de dois objetivos – tornarmo-nos "*parte da sociedade deles*" ou "*começar a definir quem e o que somos*". Fora dessa análise, fica o objetivo feminista radical de definir não quem somos, mas o que queremos e, ao fazer isso, moldar nossa sociedade – e não a deles.

De modo geral, se as porta-vozes dos primeiros movimentos de libertação das mulheres adotavam uma visão terapêutica liberal ou uma visão política radical da solução para seus problemas como mulheres, o separatismo era visto apenas como uma estratégia necessária. O objetivo sempre foi a integração com igualdade. Uma análise do uso original do slogan "a irmandade é poderosa" no folheto em que foi criado, mostra isso claramente. Ele exemplificava a teoria radical sobre a qual o movimento de libertação das mulheres foi lançado.

IRMANDADE

O movimento de libertação das mulheres independentes separatistas começou a lutar de muitas maneiras concretas para implementar esse tipo de integração feminista radical.

A luta pelo direito ao aborto, afinal, era uma luta pelas relações sexuais com os homens – mas em bases iguais. A luta para fazer os homens compartilharem o trabalho doméstico foi outra luta essencialmente integracionista de uma crescente base de poder do movimento de libertação das mulheres, assim como a luta por creches. O sucesso dessas lutas teria o efeito de libertar as mulheres para agredir os bastiões segregados de longa data da vida profissional e política.

A resposta da esquerda aos grupos de mulheres radicais mudou quando ficou óbvio que as ideias feministas estavam pegando e se espalhando por todo o país. Embora as primeiras respostas tenham

variado desde a ridicularização das mulheres até a minimização e individualização dos problemas das mulheres, agora algumas partes da esquerda começavam a expressar uma aparente aceitação da premissa básica de que as mulheres eram um grupo oprimido e que a questão era um problema importante para ser atacado imediatamente.

De fato, eles continuaram a resistir à libertação das mulheres, opondo-se aos meios de obtê-la – o movimento de libertação das mulheres independentes. Eles acusaram grupos feministas exclusivos – os mesmos grupos que forçaram esse reconhecimento mínimo da supremacia masculina nos grupos de esquerda – de perpetuar a divisão indesejável entre homens e mulheres.

Assim como a NOW, a esquerda insistia que homens e mulheres deveriam trabalhar juntos para mudar o sistema que os oprimia. Parece que, no que diz respeito especificamente à posição das mulheres, a esquerda finalmente chegou lá, mas não foi muito além da NOW “burguesa”, pela qual tinha tanto desprezo.

O que provocou resistência da esquerda foi a ameaça de ação real sobre questões feministas. Um exemplo foi quando o Fundo Educacional da Conferência do Sul despediu Carol Hanisch. Hanisch, então uma organizadora paga do FECS, queria organizar as mulheres em grupos de libertação das mulheres. O FECS respondeu que a supremacia masculina deveria ser tratada em "grupos mistos". Mas em "grupos mistos" os homens prevaleciam.

No entanto, o FECS apoiava grupos de mulheres cujas questões não fossem feministas. Uma carta de protesto da Radical Women de Nova York apontou para o FECS que a posição deles era exatamente o oposto dos princípios organizadores do movimento de libertação das mulheres:

> Formar grupos exclusivos de mulheres em questões que não sejam os direitos e a libertação das mulheres é reacionário. Faz parte dos

> projetos da supremacia masculina manter as mulheres segregadas, excluídas e "em seu lugar". Somente se o objetivo declarado de um grupo de mulheres é lutar contra o rebaixamento das mulheres a uma posição e status separados, em outras palavras, lutar pela libertação das mulheres, somente então um grupo separado de mulheres adquirirá um caráter revolucionário invés de reacionário. Assim, a separação se torna uma base para o poder, e não um símbolo de impotência (...) somos oprimidas de outras maneiras além do fato de sermos mulheres (...) temos que lutar por outros problemas também. Quando organizarmos questões da classe trabalhadora, no entanto, estaremos nos organizando como trabalhadoras, não como mulheres (...) a menos que, é claro, tenhamos de formar grupos de mulheres nos sindicatos para conquistar nossos direitos nesses sindicatos. Mas isso seria uma questão de direitos das mulheres e, portanto, exigiria um grupo de mulheres separado (e base de poder). Se não conseguirmos conquistar nossos direitos nas organizações gerais, formaremos novas organizações gerais abertas aos homens que aceitam nossas demandas. Organizações como Mulheres pela Paz, Mulheres pelas Escolas, e mesmo um Grupo de Ação de Mulheres que não consegue lidar de maneira aberta e direta com a opressão particular das mulheres, são basicamente formações de "auxiliares femininas". A palavra radical quando aplicada a essas organizações é uma contradição em termos. Elas servem para dar às mulheres "algo para fazer" sem balançar o barco supremacista masculino. Exigimos que o FECS pare de organizar essas auxiliares, chamando isso de 'libertação das mulheres'. (*Kathie Amatniek for New York Radical Women, NY Women's Liberation newsletter, 5/1/69*)

Os eventos do início da década de 1970 efetivamente resolveram a discussão sobre se deveria haver grupos de libertação de mulheres do sexo feminino. Esses grupos estavam de fato surgindo em todos os Estados Unidos e em muitas outras partes do mundo. Mas, embora as suposições políticas das primeiras mulheres radicais se mostrassem corretas, grande parte de sua análise da função de um movimento separado de mulheres se perdeu. Em um retrocesso irônico aos velhos tempos dos clubes femininos, muitos grupos de mulheres começaram

a ser vistos como fins em si mesmos – lugares para socializar, fazer amizades e autodesenvolvimento.

Antigas oponentes começaram a lutar de uma nova maneira, aceitando as ideias que haviam se mostrado tão populares e depois revisando-as. Muitas mulheres na política liberal, por exemplo, fizeram uso do slogan "**A Irmandade é Poderosa**" para tentar organizar mulheres em torno de questões não-feministas, formando grupos de mulheres contra a guerra, a pobreza, o imperialismo ou a exploração do consumidor.

O argumento delas, que ainda hoje é verdade, era que as mulheres são afetadas e devem lutar contra todos os tipos de repressão e exploração. No entanto, o uso do grupo de mulheres para fazer isso – em vez de lutar por grupos mistos em torno dessas questões com participação plena e igual para as mulheres – foi oportunisticamente baseado no apelo generalizado da libertação das mulheres.

Como o revisionismo da teoria feminista se tornou cada vez mais um problema no movimento de libertação das mulheres, a questão separatista ficou ainda mais distorcida. Nos últimos anos, foi elaborada uma ideologia que torna a separação sexual não uma tática, uma estratégia, nem mesmo um compromisso com uma situação ruim, mas um objetivo-fim. Assim, a reescrita da teoria feminista e especificamente da questão separatista alcançou um círculo completo de volta ao ponto em que as mulheres devem mais uma vez ser eternamente definidas por seu sexo.

Um dos exemplos mais marcantes desse separatismo reacionário é o elogio dado ao livro "**O primeiro sexo**", de Elizabeth Gould Davis. Este livro tenta provar a existência e superioridade de uma civilização matriarcal antiga (regra baseada significativamente na boa e velha maternidade) e pede um retorno ao matriarcado:

> Na nova ciência do século XXI, não a força física, mas a força espiritual liderará o caminho. Os dons mentais e espirituais serão mais procurados que os dons de natureza física (...) E nessa esfera a mulher voltará a predominar. Aquela que foi reverenciada e adorada pelo homem primitivo por causa de seu poder de ver o invisível será mais uma vez o pivô – não como sexo, mas como mulher divina –

> sobre quem a próxima civilização, como antigamente, giraria. (*Davis, O Primeiro Sexo, p. 339*)

Poder-se-ia perguntar sobre o que aconteceria, no mundo de Davis, às mulheres que estão cansadas da pressão de serem divinas, de serem mulheres em sua "esfera" especial e que querem simplesmente ser aceitas como humanas.

O trabalho de Jill Johnston é outro exemplo. Ela endossa a visão de Davis de um futuro matriarcal em seu livro "**Nação Lésbica: A Solução Feminista**", um livro que revisa a definição de feminista como lésbica, exatamente no título. Ela vai além:

> A palavra lésbica é expandida tanto por definição política que não deve mais se referir exclusivamente a uma mulher simplesmente em relação sexual com outra mulher (...) A palavra agora é um termo genérico que significa ativismo e resistência, e o objetivo previsto do estado de comprometimento de uma mulher. A essência da nova definição política é o agrupamento de pares. Mulheres e homens não são iguais e muitas pessoas duvidam seriamente de que possamos ser. (*Johnston, Nação Lésbica, p. 278)*

Johnston e outras cujo objetivo é a segregação ("grupo de pares") atacaram mulheres que não compartilham esse objetivo e que estão lutando ativamente contra exclusões baseadas no sexo. Elas reclamam que as feministas se veem como mulheres apenas em relação aos homens:

> Todas as questões feministas – aborto, puericultura, prostituição, representação política, remuneração igual – estão relacionadas ao homem. Em outras palavras, em relação à sexualidade reprodutiva. *(Nação lésbica, pág. 152)*

Embora seja difícil ver o que a representação política e a remuneração igual têm a ver com a sexualidade reprodutiva, o ponto geral sobre os homens e o ponto específico sobre questões

relacionadas à sexualidade reprodutiva são verdadeiros. **Mas isso não é uma contradição no feminismo; antes, é o seu coração.**

As feministas vêem as mulheres como uma classe oprimida, uma classe que só pode existir em relação a outra classe opressora, os homens, e com um objetivo, a exploração do trabalho, que no caso das mulheres também significa trabalho reprodutivo. O único objetivo radical é a eliminação de todas as classes.

Relacionada a este revisionismo da teoria feminista radical do separatismo está a tentativa de transformar a estratégia feminista de ação política em ação pessoal. Foi o feminismo radical que apontou a necessidade das mulheres passarem de soluções pessoais para soluções políticas para nossos problemas.

Separar dos homens na vida individual de alguém não fazia parte dessa estratégia política, isso caía no campo da ação individual e não na ação coletiva. As táticas específicas para a luta de libertação que as mulheres usavam enquanto indivíduos em suas vidas pessoais e circunstâncias particulares poderiam ser melhor determinadas pelas próprias mulheres.

A atual insistência em algumas seções do movimento de que as mulheres provam seu feminismo deixando de estar com homens, enquanto outras são vistas como mais "radicais", representa realmente uma limitação de táticas e um tipo de acomodação. Para aquelas que aceitam a ideia de que a supremacia masculina é incurável e, portanto, permanente, só pode haver duas alternativas: viver com ela ou se afastar dela. Elas então pressionam as mulheres a aceitarem essa análise e se resignam a uma opção ou outra.

Felizmente, a aceitação de classes sexuais permanentes não enganou as massas de mulheres que tiveram acesso ao feminismo real por um período muito curto a desistir tão facilmente. Ação e organização ainda resultam das idéias energizantes das feministas radicais pioneiras. Mas o enfraquecimento do feminismo radical pela segunda fase revisionista do movimento impediu temporariamente o desenvolvimento de uma nova teoria feminista e, assim, a abertura de novos caminhos na luta pela libertação das mulheres.

Isso pode ser parcialmente visto como resultado do carreirismo no movimento. As feministas, durante muito tempo, entenderam a importância de conseguir mais empregos para as mulheres. Mas não diferenciamos suficientemente entre a natureza progressiva da abertura de campos no mercado de trabalho e o perigo de criar empregos de "movimento" financiados pelo establishment (por exemplo, professoras de estudos femininos, escritoras de "libertação feminina" etc.) que dariam às mulheres uma aposta em perpetuar o movimento para sempre, transformando-o, na verdade, de um movimento para apenas outra arena da sociedade estabelecida.

Aqui, há uma lição a ser aprendida da história. As radicais do século XIX do movimento pelos direitos das mulheres acionaram um século inteiro de fomentação e ação. Mas as sufragistas conservadoras que vieram mais tarde, a segunda fase desse movimento, não forneceriam ou não puderam fornecer a liderança necessária para concentrar toda essa ação e mantê-la em andamento – na verdade, foram fundamentais para interromper a ação.

Curiosamente, uma das áreas em que elas erraram foi em aceitar a ideia de "esfera da mulher" – em outras palavras, separatismo reacionário; elas diziam, por exemplo, que as mulheres deveriam votar não apenas porque eram pessoas e tinham o mesmo direito de votar como homens, mas porque tinham qualidades femininas especiais que as tornariam ótimas "donas de casa do mundo" e guardiãs da pureza política.

Não se pode sustentar um movimento nesse tipo de mito, em qualquer nova versão das antigas mentiras sobre as mulheres. O pedestal ainda é irreal e, de qualquer forma, dificilmente substitui a libertação.

Quais são as implicações de toda essa teoria e experiência para a atual estratégia de feministas radicais?

O objetivo estabelecido na década de 1960 era construir uma base de poder de mulheres para atacar os poderosos bastiões segregados da supremacia masculina. As mulheres estavam lutando por uma nova

sociedade que garantisse a plena integração com base na igualdade. Houve uma tremenda resistência contra a construção de uma base de poder, mas o movimento de mulheres foi capaz de avançar enormemente no sentido de alcançar essa parte da meta.

O problema agora é colocar a base de poder para os propósitos integracionistas originalmente pretendidos, e novamente a resistência é forte. Se deve haver um movimento de mulheres, a supremacia masculina prefere vê-lo permanecer separado e desigual. A história a seguir, sobre a vida de uma maestra de orquestra pioneira, Antonia Brico, ilustra o ponto:

> Um dia, um grupo de mulheres veio até mim (...) acho que eram nove, e elas queriam que eu as regesse em um pequeno conjunto. E fiz a observação (...) ah! e que observação! (...) 'Se nove mulheres podem tocar juntas, por que não noventa?'. Então, fundei a Sinfonia Feminina de Nova York. Então, reuni um grupo de mulheres-chave e disse: 'Quantas mulheres musicistas existem em Nova York?'; ‘Ah’, elas disseram,' existem aos montes, mas elas não têm oportunidade de tocar em orquestras'. Eu disse: 'Nós vamos ver isso'. Então, reuni o Times e o Herald Tribune e disse que iria formar uma Sinfonia Feminina e que íamos anunciar e ver o que acontecia. Bem, elas começaram a vir de todos os lados, espanando seus instrumentos. Eles diziam “você nunca conseguirá instrumentos suficientes”, mas eu consegui. O conjunto completo complementa a orquestra de 100 peças – trompas, trombones, tudo.
>
> Elas vieram de todos os lugares e colamos papéis em todo lado. Fizemos nosso primeiro show na prefeitura e foi gratuito, apenas para interessar as pessoas e receber a imprensa. E então reunimos um comitê que estava incrivelmente empolgado e eu falei sobre isso e aquele almoço e tudo mais e a sra. Roosevelt deu seu nome como uma das patrocinadoras (...)
>
> Foi um grande sucesso e causou uma grande sensação. Em seguida, os comitês se reuniram e formaram um Conselho de Administração, e a Sinfonia Feminina de Nova York esteve no mercado por vários anos.
>
> Tínhamos patrocinadores e vendemos muitos ingressos. Finalmente, eu disse "certo; contudo, quero que as pessoas se misturem nas

> orquestras como na vida – homens e mulheres se misturam na vida e deveriam se misturar nas orquestras. E então mudei para uma orquestra mista. Então eles disseram que não havia mais aquela sensação – o Conselho de Administração não estava mais interessado.” (*Antonia, um filme de Judy Collins e Jill Godmilow)*

Os esforços de Antonia Brico eram aceitáveis desde que ela se limitasse a provar que as mulheres eram musicistas qualificadas. Ela não teve problemas para encontrar 100 mulheres que pudessem tocar em uma orquestra ou em conseguir apoio financeiro para isso. Mas encontrar apoio para que homens e mulheres tocassem juntos em uma orquestra verdadeiramente integrada mostrou-se impossível. Lutar pela integração provou ser mais uma ameaça à supremacia masculina e, portanto, mais difícil de alcançar.

O movimento de mulheres está no mesmo ponto agora. Podemos pegar o caminho mais fácil, o de aceitar a segregação, mas isso significaria perder os mesmos objetivos para os quais o movimento foi formado. O separatismo reacionário tem sido uma maneira de deter o impulso do feminismo.

Construir uma base de poder separada e pressionar pela integração são necessários para a vitória da libertação das mulheres. Os grupos de mulheres são progressivos apenas se existirem com o objetivo de se tornarem desnecessários.

Esperam que as pessoas negras e do Terceiro Mundo eduquem os brancos quanto à nossa humanidade.

Espera-se que as mulheres eduquem os homens.

Espera-se que lésbicas e homens gays eduquem o mundo heterossexual.

Os opressores mantêm sua posição e evitam sua responsabilidade por suas próprias ações.

Há um dreno constante de energia que pode ser mais bem utilizada na redefinição de nós mesmos e na criação de cenários realistas para alterar o presente e construir o futuro.

Audre Lorde

Mulheres e o Movimento Radical

Anne Koedt (1968)

No último ano, muitos grupos de mulheres radicais surgiram em todo o país. Isso foi causado pelo fato de as mulheres do movimento perceberem que desempenhavam papéis secundários em todos os níveis… seja em termos de liderança ou simplesmente em termos de serem ouvidas.

Elas viram-se a si (e às outras) com medo de se manifestar por duvidarem de si mesmas quando estavam na presença de homens. Seus papéis acabavam se concentrando na produção de alimentos, digitação, mimeografia, trabalho de assistência geral e como suprimento sexual para seus camaradas depois do trabalho.

Quando esses problemas começaram a ser discutidos, ficou claro que o que havia sido inicialmente endereçado como um problema pessoal era, na verdade, social e político. Encontramos fortes paralelos entre a libertação das mulheres e a luta pelo poder negro, sendo oprimidos por uma dinâmica psicológica/econômica semelhante. E quanto mais analisamos o problema e percebemos que todas as mulheres sofrem com esse tipo de opressão, mais percebemos que não era só um problema isolado do movimento de mulheres.

Tornou-se necessário ir à raiz do problema em vez de nos envolvermos na solução de problemas secundários decorrentes dessa condição. Assim, em vez de invadir o Pentágono enquanto mulheres, ou protestar contra a Convenção Democrática como mulheres, devemos começar a expor e eliminar as causas de nossa opressão como mulheres.

Nosso trabalho não é apenas melhorar as condições do movimento, mas também melhorar as condições profissionais da

mulher trabalhadora. São ambos reformistas se considerados como fins em si mesmos; e ignoram o conceito mais amplo de que não se pode alcançar a equidade para membros oprimidos de um grupo enquanto os demais não forem livres.

Ao escolher lutar pela libertação das mulheres, também não é suficiente explicá-la apenas em termos gerais de "sistema". Pois o sistema oprime muitos grupos de várias maneiras.

As mulheres precisam aprender que os métodos específicos usados para as manter oprimidas são convencê-las de que elas são sempre secundárias ao homem e que as suas vidas são definidas nos termos deles. Não podemos falar em nos libertar até que nos libertemos desse mito e nos aceitemos como primárias.

Em nosso papel de mulheres radicais, somos confrontadas com o problema de garantir uma revolução feminina dentro da revolução geral. E devemos começar a distinguir a liberdade real da liberdade aparente.

Homens radicais podem reivindicar certas liberdades para as mulheres quando elas se coadunam aos seus próprios interesses, mas essas não são verdadeiras liberdades, a menos que surjam do conceito de equidade entre homens e mulheres e enfrentem a questão da supremacia masculina.

Por exemplo, os homens podem querer que as mulheres lutem na revolução porque precisam de todas as pessoas capazes que conseguirem. E eles podem precisar que as mulheres se juntem à força de trabalho sob um sistema econômico socialista porque não podem permitir, como o capitalismo, ter uma força de trabalho desempregada (excedente) que não contribua para o trabalho, sendo apoiada pelo Estado. E os homens podem, portanto, defender as creches públicas, para que as mães não sejam impedidas de trabalhar.

Mas o conceito fundamental de mulher mudou? Essas mudanças significam que os homens renunciaram à antiga relação de supremacia, na qual as mulheres sempre devem ser definidas em termos do seu homem? O domínio básico mudou? É importante analisar a história das revoluções em termos de grupos de interesses especiais.

A Revolução Americana foi uma revolução burguesa branca masculina. A questão era conseguir lucrar livremente sem a interferência da Inglaterra: a Declaração de Independência foi escrita especificamente para justificar a independência da Inglaterra. Era um documento que não garantia direitos aos negros ou às mulheres.

Crispus Attucks, um dos primeiros homens negros a perder a vida pela revolução, estava lutando em uma revolução vicária — a revolução branca. Betsy Ross, costurando a bandeira, participou indiretamente de uma revolução masculina. Os direitos conquistados não eram para ela.

É sempre verdade, para um grupo oprimido, que o mero fato de sua existência significa que, em certa medida, eles aceitaram seu status inferior-colonial-secundário. Ensinados o auto-ódio, eles se identificam com o opressor. Resultando, assim, em fenômenos como negros branqueando a pele e alisando os cabelos, e mulheres respondendo horrorizadas à ideia de uma mulher presidente.

A revolução econômica — ou seja, a mudança do capitalismo para o socialismo — também pode ser vista em termos de interesse masculino.

Sob o capitalismo, a maioria dos homens era explorado e controlado por alguns homens que possuíam a riqueza e o poder sobre suas vidas. Ao mudar a estrutura econômica para o socialismo, essa exploração econômica específica foi erradicada.

As mulheres na União Soviética lutaram e apoiaram a revolução. Mas seja por genuína esperança de que a não-dominação e a não-exploração fossem aplicadas liberalmente a elas, ou pior, devido à falta de uma consciência mínima de que elas próprios eram importantes, a revolução soviética continuou sendo uma revolução do poder masculino, embora muitos novos benefícios tenham vindo para as mulheres.

A União Soviética ainda é governada principalmente por homens; a integração das mulheres na força de trabalho significava simplesmente que ela transferia seu relacionamento auxiliar de serviço com os homens para a área laboral. As mulheres soviéticas são professoras, médicas, assistentes, lidam com alimentos. E quando voltam do trabalho, espera-se que continuem com o papel de submissão aos homens e façam as tarefas domésticas, cozinhando e assumindo a responsabilidade primária pela educação dos filhos.

É importante que as mulheres radicais aprendam com esses eventos. A relação dominador/submissa entre homens e mulheres não foi contestada. Não foi confrontado. Em vez disso, fomos solicitadas, por eles, a equiparar a nossa libertação à deles… a culpar nossas condições inferiores na estrutura econômica em vez de confrontar o óbvio interesse masculino em manter as mulheres “em seu lugar”. Nunca insistimos em um programa tão explícito de libertação de mulheres como os homens exigiram para se libertar da exploração econômica.

Nunca confrontamos homens e exigimos que, a menos que desistam de seu domínio sobre nós, não lutaríamos por sua revolução, trabalharíamos em sua revolução. Nunca lutamos contra a causa principal, esperando que a mudança das características secundárias nos trouxesse liberdade. E terminamos com uma revolução que simplesmente transferiu a supremacia masculina, o paternalismo e o poder masculino para a nova economia. Uma revolução reformista

que apenas melhorou nossos privilégios, mas não mudou a estrutura básica que causava nossa opressão.

Um revolucionário negro hoje não ficaria satisfeito sabendo apenas que a estrutura econômica passou do controle privado para o controle coletivo; ele ia querer saber sobre o racismo. E você teria que mostrar a ele como o poder branco e a supremacia seriam eliminados nessa revolução antes dele se juntar a você.

Até que façamos demandas semelhantes, a revolução nos passará ao lado.

Conhecer a História para Fazer História

Carol Hanisch, (1996)

Quando era estudante, no início dos anos 1960, na Drake University, em Des Moines — Iowa, as regras eram bem diferentes para as mulheres. Não tínhamos permissão para usar calças na aula, a menos que estivesse um frio abaixo de zero. As mulheres eram obrigadas a viver nos dormitórios do campus até os 23 anos de idade. Os homens não. As alunas tinham que estar no dormitório às dez da noite durante a semana e à meia-noite nos finais de semana. Os homens não.

Lembro-me várias vezes de ficar muito irritada quando os oradores chegavam ao campus e as mulheres precisavam voltar aos dormitórios após o discurso, enquanto os estudantes do sexo masculino ficavam conversando com o orador. Em vez de exigir o que realmente queríamos — o fim de todas essas regras para as mulheres –, pedimos educadamente ao reitor dos estudantes que estendesse um pouco as nossas horas. Tínhamos muito que aprender.

Depois da formatura, me ofereceram um emprego de verdade como repórter no escritório da *United Press International Des Moines* — acho que fui a primeira mulher a ocupar esse cargo lá. Minha área era a legislatura do estado de Iowa.

Algumas semanas antes do início da sessão, outro repórter — um homem com ainda menos conhecimento e capacidade de escrever do que eu — foi contratado e ele recebeu minha função e eu fui designada para a redação. Fui nomeada repórter legislativa alternativa e, na primeira vez em que apareci no estacionamento da imprensa do Capitólio, o atendente não me deixou estacionar porque ele não acreditava que eu era realmente repórter, porque eu era mulher.

Quando finalmente entrei, descobri que os legisladores não queriam conversar com uma repórter. Tudo isso também era feito de forma descarada, já que não havia um movimento feminista para impedir.

Desgostosa e desesperada, fui me juntar ao Movimento pelos Direitos Civis do Mississippi, que estava travando e ganhando uma grande luta contra o racismo e a segregação. Imaginei que, se não pudesse escrever sobre eventos importantes, iria ajudar a fazer a história. Naquela época, eu não fazia ideia de que essa decisão mudaria completamente a direção da minha vida.

Quero deixar bem claro que não iniciamos o Movimento de Libertação das Mulheres na década de 1960 porque odiávamos os homens em si, mas porque odiávamos ser oprimidas. Os homens costumavam exercer a opressão e queríamos que eles parassem com isso. Queríamos que eles nos tratassem com respeito, saíssem da frente e que ficássemos lado a lado em nosso próprio lugar, parcialmente para que homens e mulheres pudessem realmente se amar — sexualmente e como camaradas — como iguais.

Acreditávamos que nossa libertação era do interesse da maioria dos homens a longo prazo e também do nosso, mesmo que isso significasse uma luta séria para fazê-los abandonar sua posição privilegiada. Sabíamos, por exemplo, que se os homens assumissem a mesma responsabilidade por seus filhos, perderiam algum tempo livre e teriam que trabalhar mais, mas ganhariam algo muito mais precioso: um relacionamento próximo e bom com a família.

Alguns homens veem isso mais claramente do que outros e querem apoiar o feminismo. Temos que ensiná-los como e por que dar esse apoio, assim como muitas vezes precisamos ensiná-los a fazer amor de uma maneira satisfatória ou a como realmente limpar o banheiro. Além disso, os trabalhadores são nossos aliados em potencial na luta contra nossos opressores capitalistas.

É muito difícil encontrar as palavras certas para falar dos anos mais bem-sucedidos do Movimento de Libertação das Mulheres no final dos anos 60 e início dos anos 70, porque os termos e conceitos com os quais todos tinham pelo menos uma familiaridade passageira foram cooptados, distorcidos, enterrados ou até virados do avesso. O resultado da distorção desses conceitos é que isso impede muitas mulheres de saber por que deveriam se preocupar com esses termos e com o rico tesouro de ideias que possuem.

Não estou tentando sustentar os anos 60 aqui como um tipo de ideal que nunca poderão alcançar. Muito pelo contrário. Estou aqui para falar sobre sua herança radical, porque acredito que vocês podem usá-la para tornar a história ainda melhor do que nós.

Chamamo-nos de “radicais” e “liberacionistas das mulheres” com muito orgulho. Por radical, não queremos dizer extremo; queríamos dizer “no coração” ou “na raiz”. Queríamos chegar ao cerne da questão, entender a raiz de nossa opressão como mulheres, para que soubéssemos lutar para vencer, não apenas lutar para aparecer ou para poder dizer que estávamos fazendo alguma coisa. Queríamos tanto para nós e nosso sexo; não estávamos dispostas a aceitar meras “migalhas da mesa da liberdade”, como costumava dizer o Movimento dos Direitos Civis.

Precisamos sempre lembrar que cada centímetro de liberdade que desfrutamos hoje foi disputado e conquistado por mulheres unidas na luta. Por mulheres que, como nós, queriam a libertação acima de tudo, porque era a única maneira de conseguir o que queríamos e precisávamos — realizar nossos sonhos.

O radicalismo sempre foi e ainda é crucial para essa luta. Há muita confusão sobre o que é e o que não é radical. A compreensão de uma ideia como “radical” não ocorre da noite para o dia ou do nada. Não vem dos livros, mas da experiência em lutas pela liberdade. Isso vem

particularmente da experiência real da teoria, estratégia e tática radicais, de realmente entrarmos na batalha.

Sem teoria radical, não haveria movimento de libertação das mulheres. Sem estratégias e táticas radicais, não temos esperança de abolir a supremacia masculina. A história — tanto a história do Movimento de Libertação das Mulheres quanto a história do progresso humano — mostra que sem radicais não há progresso para as mulheres ou para as massas de pessoas. Kathie Sarachild e outras explicam isso bem no livro "*Feminist Revolution*".

O teste da teoria radical é: "Isso é verdade no mundo real?". É uma verdade profunda que vai até as raízes, a fonte e o cerne de uma questão? O que é falso não pode ser considerado radical. Quando falamos de teoria feminista radical, queremos dizer a verdade profunda e radical sobre a situação das mulheres. Quando aplicamos "radical" ao Movimento de Libertação das Mulheres, queremos dizer a verdade profunda e radical sobre nossa luta pela libertação.

Agora, existem outras verdades — profundas e radicais — sobre outras coisas neste mundo além das mulheres e da libertação de mulheres. Mas devemos ter cuidado para não as confundir com as mulheres e a libertação das mulheres.

Por exemplo, muitas pessoas — inclusive as mulheres — tentam redefinir o feminismo radical para significar a luta contra todas as injustiças da sociedade, colocando-as sob o guarda-chuva feminista e, portanto, tornando o feminismo sem sentido. Dizer que exploração econômica, pobreza, racismo, paz ou meio ambiente são questões feministas não é, em primeiro lugar, verdadeiro. São questões que dizem respeito tanto a homens quanto a mulheres e devem ser resolvidas por homens e mulheres trabalhando juntos.

O efeito de chamar essas outras questões de feministas é que os problemas reais que nos afetam como sexo são deixados de lado. NOSSOS problemas são diluídos ou até perdidos. As mulheres acabam

lutando por tudo, menos por nossa própria liberdade. E isso tira os homens da reta, porque esses são problemas que os afetam e que eles deveriam estar combatendo. Se o Movimento de Libertação das Mulheres não lutar pela libertação das mulheres, quem o fará?

Nosso objetivo declarado está no próprio nome: Movimento. De Libertação. Das Mulheres. O encurtamento do nome para o movimento das mulheres às vezes é apenas negligência, mas muitas vezes é uma tentativa de redirecionar o impulso do feminismo radical e acalmá-lo. O objetivo de um “movimento de mulheres” pode ser praticamente qualquer coisa. O objetivo do Movimento de Libertação das Mulheres é claramente a libertação das mulheres. Lutar em grupos segregados como mulheres nessas outras questões — não importa quão cruciais elas sejam — é um passo atrasado e reacionário, porque nos torna uma espécie de senhoras auxiliares da verdadeira luta. Quando lutamos em questões gerais, fazemos isso como pessoas, não como mulheres.

Por outro lado, quando nos separamos em grupos apenas de mulheres para combater a supremacia masculina, é porque reconhecemos a necessidade de nos organizarmos fora do alcance do ouvido do opressor.

Assim como os sindicatos, tivemos que lutar pelo direito de nos encontrar sem os chefes na sala. Algumas mulheres dizem que precisamos de “espaços livres” de homens para combater essas questões gerais. Mas nunca evitamos os confrontos com os homens no movimento geral. Para nós, lutar pela igualdade nos grupos do movimento fazia parte da luta pela libertação das mulheres. Formamos grupos de mulheres dentro desses grupos para lidar com a supremacia masculina que estava nos impedindo de participar plenamente.

Portanto, a teoria feminista — para ser radical — deve ser verdadeira, honesta e sem medo de suas próprias conclusões. Deve

revelar a posição das mulheres como realmente somos. Ela testa todas as premissas em contraste com o que sabemos, o que podemos aprender compartilhando nossas próprias experiências, e não o que um homem, um livro ou mesmo uma mulher nos diz que é verdade.

No Movimento de Libertação das Mulheres, sempre confiamos muito em nossas próprias experiências e sentimentos para estudar nossa posição na sociedade e desenvolver nossa teoria e estratégia de mudança. Chamamos isso de **ALAVANCAR CONSCIÊNCIAS**. Estávamos firmemente comprometidas em encontrar a verdade sob a massa de mentiras sobre as mulheres e contá-la da maneira mais clara possível. Um dilúvio de regras sufocantes sobre como fazer a conscientização viria mais tarde, mas a princípio a única regra era dizer a verdade para que nossa análise se baseasse na verdade da vida das mulheres.

Colocamos na vanguarda de nossa luta as formas de opressão que todas as mulheres experimentam e da qual todos os homens se beneficiam, para que elas entendam que mesmo o melhor dos homens não é bom o suficiente e é necessária uma verdadeira mudança fundamental nas relações de poder.

Essas questões — puericultura pública, homens dividindo as tarefas domésticas, bom sexo, respeito, aborto, roupas restritivas e padrões de beleza — não eram necessariamente as mais sensacionais ou horríveis, nem as que mais cortavam o coração ou para atrair a mídia. Quando discutimos e organizamos questões que não acontecem diretamente a todas as mulheres e que não são cometidas por todos os homens, como estupro ou violência contra mulheres, as apresentamos como parte de todo o cenário, e não como questões isoladas de outros aspectos da nossa opressão.

A conscientização nos ajudou a cortar a tendência — que todos nós temos até certo ponto — de substituir a realidade pela ilusão. É absolutamente necessário entender nossa situação, se quisermos mudá-la.

É por isso que o (ato de) alavancar consciências veio de feministas radicais. Estávamos determinadas a examinar nossas vidas com base no que sabíamos e no que podíamos saber, sem olhar para algum pensamento positivo sobre uma idade de ouro do matriarcado quando as mulheres supostamente governavam o mundo.

Por meio da conscientização, aprendemos desde cedo que **O PESSOAL É POLÍTICO**, que muitos daqueles que pareciam ser nossos problemas e frustrações individuais eram realmente um problema social que era resultado do poder que os homens tinham sobre nós.

Estar presa ao trabalho doméstico e à educação dos filhos, falta de aborto e cuidado dos filhos, sexo insatisfatório, códigos de aparência opressivos, padrões duplos e falta de respeito foram todos problemas políticos que resultaram na usurpação de nosso tempo, trabalho e energia mental e emocional.

Portanto, argumentamos que cada mulher que resistia por si mesma, embora fosse muitas vezes necessário, não era suficiente para conquistar a liberdade. Teríamos que nos unir como os sindicatos haviam feito e como o movimento pela liberdade negra estava fazendo, para construir poder suficiente para mudar a sociedade como um todo, não apenas um homem de cada vez.

Precisávamos de um forte movimento de libertação das mulheres que pudesse falar e agir com o poder de uma classe no interesse de todas as mulheres.

O “pessoal é político” é um daqueles conceitos que foram invertidos. Isso não significava que agir em nossas vidas pessoais — como repreender um homem por contar uma piada sexista — é um substituto eficaz para trabalhar coletivamente em um grupo para conquistar algum poder real.

Se o teste da teoria radical é a verdade, o teste da estratégia e da tática radicais é a eficácia. Agora, algumas pessoas pensam que

“feminismo radical” significa pegar uma arma e atirar no primeiro machista que você vê. Não queremos limitar nossas táticas antes do tempo, mas parece óbvio que esse não é o caminho para fazer uma revolução feminista. Afinal, muitas de nós querem que os homens se moldem, não que desapareçam da face da terra.

Outras pensam que táticas radicais significam apenas marchar nas ruas. Embora essa seja certamente uma tática eficaz em muitas situações, estar nas ruas não é radical por si. Depende do por que estamos lá, e se estar lá é o que mais precisa ser feito naquele momento.

Ser radical significa permanecer flexível e adequar nossas ações à situação concreta em que nos encontramos. Às vezes, a coisa mais eficaz a fazer pode ser recuar rapidamente e viver para lutar outro dia. Às vezes, a coisa mais militante e radical que uma pessoa pode fazer é simplesmente dizer as coisas como elas são.

Precisamos aprender e usar velhas táticas comprovadas, bem como criar novas. Temos que ousar tentar as coisas, mas não de maneira individualista e não sem pensar nas coisas e entender o que estamos fazendo.

Acreditávamos e tentamos colocar em prática o slogan “**A SORORIDADE É PODEROSA**”, uma frase criada por Kathie Sarachild em 1968 na primeira ação da Radical Women de Nova York [na Brigada Jeanette Rankin em Washington, DC em janeiro de 1968]. Reconhecemos que a unidade das mulheres era necessária para um movimento político bem-sucedido.

Alguns de nossos grupos tinham regras como não flertar ou mexer com o homem de outra irmã. Não ficávamos desconcertadas ao exigir poder para as mulheres. Não caímos nisso de exigir o “empoderamento” covarde de mulheres individuais que tantas vezes vemos em pôsteres e títulos de livros. O empoderamento implica que uma mudança de atitude é suficiente, em vez de realmente colocar o

poder nas mãos das mulheres. A irmandade é poderosa não significava apoio individual e acrítico a qualquer coisa que uma mulher fizesse, como aconteceu mais tarde. Estávamos falando sobre poder político, poder social — a unidade para tomar o poder de determinar o que acontecia em e às nossas vidas.

Reconhecemos a necessidade de NOS ELEVAR ELEVANDO OUTRAS MULHERES. Não podíamos elevar nosso sexo apenas elevando a nós mesmas, porque enquanto uma mulher pudesse ser tratada como uma “estúpida”, qualquer mulher poderia. Nós éramos mulheres liberacionistas, não mulheres liberadas. Não nos considerávamos ou aspirávamos ser supermulheres, mas sim a criar condições em que nenhuma mulher tivesse que ser supermulher para ter o que precisava, ter respeito, ter uma família e contribuir com a força de trabalho pública fora de casa.

NÓS DÁVAMOS NOMES AOS BOIS. Betty Friedan escreveu sobre “o problema que não tem nome” e nós o denominamos: supremacia masculina. Dissemos que os homens oprimem as mulheres, os brancos oprimem os negros, os chefes oprimem os trabalhadores, os ricos oprimem os pobres, pelas reais vantagens materiais que obtêm disso, não porque sofrêramos uma lavagem cerebral ou fomos socializados por uma entidade vaga chamada “sociedade”.

Não falávamos sobre sexismo, racismo e exploração “aparentes”, como se eles talvez não existissem ou realmente não pudessem ser conhecidos. Não exigimos apenas “escolha”, mas sim “aborto gratuito sob demanda”. Dissemos as palavras que realmente queríamos dizer e que nos ajudavam a organizar.

Isso não desligou as mulheres; elas responderam em massa, como depois do protesto Miss America Pageant, quando Ros Baxandall, uma das integrantes do Radical Women de Nova York, apareceu no programa David Susskind e disse: “Todos os dias na vida de uma mulher é um Miss America Pageant ambulante” e nós recebemos mais

cartas do que podíamos responder. As mulheres responderam a um grupo que se chamava Mulheres Radicais de Nova York e escreveram: “Eu esperei por algo assim a minha vida toda”.

O Movimento de Libertação das Mulheres inicialmente teve bastante sucesso em expor o mito de que nossos problemas como mulheres estavam todos “na nossa cabeça”. Mostramos que eles vieram da sociedade supremacista masculina em que vivemos.

Falar a verdade sobre sexo, amor, homens, trabalho, em grupos de conscientização e depois analisar nossas experiências nos levou a descobrir que as circunstâncias reais geralmente estavam na raiz, e não em alguma dificuldade psicológica. Fazíamos certas coisas não porque sofremos lavagem cerebral ou condicionamento, mas porque existiam punições reais por ousar ir contra as regras — escritas ou não-escritas.

Se as mulheres usavam maquiagem, não era apenas porque sofremos uma lavagem cerebral pela publicidade, mas porque éramos forçadas a lidar com a pressão constante de homens e chefes para aparentar de certa maneira. Chamamos esse entendimento do porquê as mulheres agiam da maneira que agimos de LINHA PRÓ-MULHER. Como escrevi em “O Pessoal é Político” em 1969:

> O que [a linha pró-mulher] diz basicamente é que as mulheres são pessoas realmente legais. As coisas ruins que são ditas sobre nós enquanto mulheres são mitos (as mulheres são estúpidas), táticas que as mulheres usam para lutar individualmente (mulheres são vadias) ou são realmente coisas que queremos levar para a nova sociedade e queremos que os homens compartilhem também (as mulheres são sensíveis, emocionais). As mulheres como pessoas oprimidas agem por necessidade (agir como idiotas na presença de homens), não por opção. As mulheres desenvolveram excelentes técnicas de embaralhamento para sua própria sobrevivência (ser bonita e risonha para conseguir ou manter um emprego ou homem), que devem ser usadas quando necessário até que o poder da unidade possa tomar seu lugar. As mulheres são inteligentes para

> não lutar sozinhas (como são os negros e os trabalhadores). Estar em casa não é pior do que na corrida dos ratos do mundo do trabalho. Ambos são ruins. Mulheres, como negros, como trabalhadores, devemos parar de se culpar por nossos “fracassos”.

A Linha Pró-Mulher mais tarde seria distorcida para apoiar a ideia reacionária de que as mulheres são inerentemente superiores aos homens. Durante a luta de um século pelo direito de voto das mulheres nos Estados Unidos, muitas feministas alegaram que as mulheres usariam seu voto para trazer moralidade, paz e harmonia ao mundo. Isso não aconteceu.

As mulheres devem reivindicar seu direito de participar dos assuntos do mundo com base na justiça, não na pureza. Caso contrário, acabamos em uma nova prisão criada por nós mesmas. As mulheres são capazes de arrogância, crueldade, assassinato, abuso infantil, traição e trapaça, roubo e de serem soldados. Os homens são capazes de amar, cuidar, e de honestidade, humildade, fidelidade, justiça e desejo de paz. A questão complicada é como criamos uma sociedade na qual o positivo em todo o potencial humano é trazido à tona.

Como radicais, comprometemo-nos a mudar o mundo de uma maneira que dava esperança às pessoas e as atraía para se juntar a nós. As pessoas arriscavam ou abandonavam empregos, carreiras, amantes, lares, laços familiares, economia de vida, sanidade, segurança e, em alguns casos, a vida, por algo maior e mais importante que cada uma de nós como indivíduos.

Nós trabalhamos duro. Enquanto muitas de nós não pensávamos que a supremacia masculina — e o capitalismo e o racismo — seriam tão intransigentes quanto provaram ser, estávamos cientes de que seria necessária uma enorme quantidade de trabalho duro e sacrifício para melhorar nossas vidas. Incentivamos e estimulamos umas às outras a realizar o tipo de trabalho árduo que nos tornava eficazes.

Com toda a sinceridade, não posso dizer que não houve competição no movimento, mas, como regra, nos deliciamos com o trabalho umas das outras. Quando alguém escrevia um artigo, apresentava uma nova ideia ou adotava alguma ação ousada, ficávamos emocionadas e inspiradas.

Colocamos nossa fé no “povo”. Acreditávamos que poderíamos nos unir em uma força forte o suficiente para eliminar todas as mentiras e medos, para educar ou forçar as pessoas a abandonar seus preconceitos, ódios e privilégios. Eu tenho que admitir que esta é uma das ideias que eu acho mais difícil de manter.

O racismo, o sexismo, a arrogância de classe e o poder que permeiam nossa sociedade agora às vezes parecem insuperáveis. Mas então ouço falar de alguma luta pela liberdade, ou leio uma análise esclarecedora de alguma luta, ou o inimigo expõe sua fraqueza e estupidez e mostra que não é invencível, e fico pronta para voltar à luta. Às vezes, só preciso sentir a indignação e a raiva das pessoas que se manifestam contra a injustiça e penso: “É isso aí, vamos lá”.

Estas são apenas algumas, e principalmente muito genéricas, coisas que acredito que fizemos corretamente e que devemos construir para dar outro grande salto em frente, ou mesmo um grande passo. Nossos erros foram muitos e também precisamos entendê-los para não os repetir.

Mas, para fazer isso de qualquer maneira significativa, precisamos fazer história novamente. Sei que toda vez que ouso fazer algo, aprendo algo importante. Às vezes, pode ser frustrante, doloroso ou confuso, mas cada passo — mesmo que seja pequeno ou não seja o sucesso que esperávamos que fosse — nos ensina algo.

Lembro como foi difícil levantar e pendurar a faixa de libertação das mulheres dentro do salão de convenções no Miss America Protest. Fazer isso significava interromper o grande momento da saída da Miss América quando ela começasse seu discurso de despedida. Parecia

uma coisa tão rude e terrível de fazer com essa mulher. E lembro-me de pensar: “Nós realmente temos que fazer isso?” Mas, enquanto estávamos ali, gritando “Liberdade para as mulheres — não há mais Miss América — libertação das mulheres”, um grande e maravilhoso sentimento libertador me ocorreu.

Há um velho slogan dos anos 60 que diz “Ouse lutar; Ouse ganhar”. Nunca venceremos, a menos que ousemos lutar. Isso é um fato da vida. Você não pode avançar com a bunda sentada na cadeira.

Acho que uma das coisas mais importantes que o Movimento de Libertação das Mulheres pode fazer agora é se organizar em organizações eficazes. Já chega de “faça suas coisas”. Nem tudo o que uma mulher faz em nome do feminismo é bom, e nem tudo o que um grupo feminista faz é bom. Algumas estratégias são mais eficazes que outras, e algumas até nos atrasam.

No início de nosso movimento, éramos muito boas em alavancar consciências, mas deixamos de construir organizações contínuas com lideranças escolhidas e responsabilizáveis. Devemos levar ainda mais a sério nosso trabalho, realmente nos aprofundar e fazer a lição de casa.

A tarefa de fazer uma revolução feminista será mais difícil do que qualquer uma de nós imaginava quando iniciamos o Movimento de Libertação das Mulheres, quase 30 anos atrás. Teremos que ser mais bem organizadas do que nossos opressores, mais determinadas, mais persistentes, mas temos décadas de história recente para estudar e séculos de luta feminista para nos guiar.

A DIREITA REACIONÁRIA

Quero dizer algumas palavras sobre a direita reacionária — que é uma redundância em termos, acredito eu. Alguns dizem que “*a direita está forte hoje, o fascismo está chegando e nos pegará se não*

aplicarmos todos os nossos esforços em detê-los." Há alguma verdade nisso, mas a verdadeira questão é: "Qual é a melhor maneira de fazer isso?"

Antes de tudo, quero que vocês tenham a certeza que a Direita sempre esteve presente e sempre teve tanto controle quanto agora. Ei, eu cresci nos anos 50, quando os "valores da família" estavam tão no controle que eu não sabia o que era um aborto. Eu sabia que se engravidasse no ensino médio, teria um casamento relâmpago ou seria mandada embora para ter o bebê e dar para adoção. E você acha que a Direita está forte hoje?

O que depôs a Direita dos anos 50? O movimento dos anos 1960. Não com slogans e comícios para "Parar a Direita", mas com organizações dedicadas à liberdade e à igualdade — social, econômica e política. Dedicadas a colocar o poder nas mãos das pessoas — as pessoas que realmente fazem o trabalho — a produção e a reprodução — em vez de deixá-lo nas mãos de parasitas que vivem às custas de todo mundo.

Eu ouço as jovens se lamentando porque cresceram sob (o governo de) Reagan e Bush. Bem, nós crescemos sob McCarthy e General Eisenhower e Richard Nixon. Também tínhamos a mídia nos dizendo qual era o nosso lugar — e era em casa, ponto final. Os comerciais de TV estavam nos vendendo laquês da marca Toni e cera de chão, e uma mulher de verdade sabia como usá-los e ficava em êxtase ao ver um piso brilhante e ai dela se se atrevesse a exigir um pouco de êxtase no quarto!

A Direita não é forte porque eles estão corretos. Eles não são fortes porque sua ideologia é atraente para a grande maioria. Eles são fortes porque somos fracas. Não estamos ganhando tanto agora. Na verdade, estamos sendo empurradas para trás. Mas isso é porque estamos desorganizadas e temos pouca unidade. Nem sequer temos

publicações nacionais que trazem as notícias das lutas das pessoas e nos ensinam a fazer melhor nosso trabalho.

Eu tive um pequeno grupo de discussão em minha casa uma noite depois de assistir ao documentário sobre o Movimento dos Direitos Civis do Mississippi chamado “Liberdade em Minha Mente”. A única coisa que aprendi naquela noite foi que, quando se trata do movimento geral contra a opressão capitalista, dificilmente as pessoas ainda sabem o que querem. Nem sequer temos uma ideologia para nos unirmos. Como você pode ganhar se não sabe pelo que está lutando?

As pessoas que antes se consideravam socialistas olham para o que está acontecendo nos antigos países socialistas e dizem: “*O socialismo falhou. Acho que não posso mais ser socialista porque o socialismo não funciona.”* Em vez de olhar para o que deu errado com a prática — ao tentar colocar em prática os princípios do socialismo — eles dizem que é um fracasso.

Mas como Kwame Ture, que eu conheci como Stokely Carmichael, apontou em um discurso aqui recentemente, os princípios ainda são sólidos, mesmo que ainda não tenham sido corretamente colocados em prática. A libertação das mulheres também não foi posta em prática. Ainda não venceu, mas abandonaremos o grande princípio pelo qual lutamos porque ainda não vencemos?

Antes da queda da União Soviética e contratempos semelhantes para o socialismo em todo o mundo, ser vermelho significava que o governo e os poderes o consideravam um subversivo perigoso; agora isso significa que você é apenas uma relíquia do passado, pressionando uma ideologia ultrapassada e ineficaz. Isso é algo realmente inteligente para atrair os americanos, porque alguns de nós podem resistir — pelo menos às vezes — a ser considerado um subversivo perigoso, mas, olha… é tão difícil ou até mais difícil ser descartado como idiotas irrelevantes e obsoletos.

No momento em que as grandes empresas estão dando um grande salto em frente ao internacionalizar sua força de trabalho e seus mercados — ou seja, perseguir os mercados, mão-de-obra barata e outros recursos naturais ao redor do mundo aos quais não têm direito –, parece-me que a maior parte do que escrevem radicais masculinos como Marx, Lenin e Mao está se revelando verdade. Confira. Não ouça a interpretação de outra pessoa sobre o que esses grandes revolucionários disseram. Leiam por si mesmas.

Muitas de nós, no Movimento de Libertação das Mulheres, aprendemos muito com esses teóricos e com as revoluções que eles lideraram. O primeiro artigo que escrevi para o Movimento de Libertação das Mulheres em "Notas do Primeiro Ano" foi chamado de "*Mulheres do mundo, uni-vos — não temos nada a perder, a não ser nossos homens",* uma dica da unidade reivindicada no Manifesto Comunista: "*Trabalhadores de todo o mundo, uni-vos, vocês não têm nada a perder, a não ser suas correntes."*

Essas palavras fizeram os cabelos da minha nuca se arrepiarem quando as li numa aula da faculdade, porque imediatamente pensei no quão duro meus pais, que eram pequenos agricultores, tinham que trabalhar por tão pouco. A matéria se chamava "Democracia e seus inimigos", mas eu sabia que essas palavras não haviam sido escritas pelo meu inimigo! Elas levantaram em minha mente a ideia de que as coisas não precisam ser do jeito que são. Nós poderíamos nos juntar e melhorar. Certamente, se Marx estivesse aqui hoje, teríamos que alavancar sua consciência para mudar essa frase para "trabalhadoras e trabalhadores de todo o mundo" em vez de "trabalhadores"!

O alavancar das consciências veio diretamente da nossa experiência no Movimento dos Direitos Civis do sul — e da leitura de Mao e um livro chamado Fanshen, de William Hinton, sobre a Revolução Chinesa. Eu tenho que lhes contar essas coisas porque elas são a verdade e são parte da nossa história, mesmo que possam assustá-las um pouco, porque tudo o que vocês sabem sobre elas é

provavelmente o que lhe foi dito por uma estrutura de poder que deseja mantê-las afastadas dessas teorias, assustando-as com a grande palavra começada em C: comunismo.

À medida que os capitalistas se tornam mais organizados internacionalmente, é óbvio que "trabalhadores de todo o mundo, uni-vos! vocês não têm nada a perder a não ser as suas correntes" é mais relevante hoje do que nunca. Fronteiras nacionais significam cada vez menos. Ser americano de classe média não é mais uma garantia de uma vida confortável. A união e organização contra esse grande poder internacional se torna uma necessidade. E vocês terão que decidir de que lado estão — de que lado você dedicará seu tempo e seus talentos. Do jeito que as coisas estão indo, vocês podem acabar trabalhando em um emprego de salário mínimo de qualquer maneira — com ou sem esse diploma universitário.

Gostamos de pensar que qualquer pessoa que seja "inteligente" e/ou trabalhe duro o suficiente pode subir a escada ou, pelo menos, conseguir uma vida boa. A possibilidade de uma pessoa poder passar para a classe acima por iniciativa e trabalho duro é provavelmente um pouco maior do que ganhar na loteria. Como os trabalhadores dos direitos civis do Mississippi gostavam de ressaltar na década de 1960, "*se o trabalho duro enriquecesse, os negros seriam proprietários da América.*" (sem falar nas mulheres!)

Estamos vivendo um tempo de grandes oportunidades para dar um grande salto à frente para a humanidade. A consciência sobre nós mesmas como trabalhadoras está aumentando por causa do que está acontecendo com nossas vidas. Riqueza e poder herdados estão tanto na ordem do dia quanto reinos e feudos herdados eram nos dias do feudalismo.

Não há nada representativo ou democrático em nossa "democracia representativa", na qual um grupo de advogados e empresários na

pista administra o país a mando das frentes corporativas das famílias ricas da América.

As contradições do capitalismo, da supremacia masculina, do racismo — tanto neste país quanto no mundo — estão ficando tão nítidas que você precisa realmente fechar bem os olhos e cantar seu mantra bem alto para não as ver e ouvi-las. O que nos falta é um objetivo claro e uma organização eficaz — um programa com uma estratégia. Algo para nos unir com pelo menos uma ideia geral de como proceder. Temos que trabalhar nisso.

O controle corporativo da América é tão rigoroso que a maioria das pessoas aceita o fato de que os poderosos ganham 157 vezes mais do que as pessoas que produzem os produtos, mesmo quando esses CEOs obviamente fizeram o tipo de trabalho pelo qual um mero trabalhador seria demitido. Os poucos peixes grandes que são demitidos são recompensados com pacotes de indenização que os manterão vivendo muito confortáveis pela a vida toda.

Como esses executivos corporativos com excesso de remuneração decidem mudar ou fechar fábricas, demitir trabalhadores ou transformar metade da força de trabalho em migrantes de colarinho azul, branco ou rosa? Onde está a democracia quando se trata do local de trabalho onde passamos uma parte tão grande de nossas vidas e que dita muito do resto do que fazemos?

Embora nem todo mundo trabalhe para uma grande corporação, são essas grandes empresas que escolhem a música para o restante do país dançar. Benefícios progressivos, como a semana de 40 horas, licença médica e benefícios de férias, foram conquistados quando os trabalhadores puderam mudar a lei e/ou as políticas de empregados de grandes empresas, principalmente devido à pressão de greves e apoio popular. Trabalhadores desorganizados e trabalhadores de pequenas lojas sempre se beneficiaram dos sucessos dos sindicatos. Esses avanços conquistados pelas lutas trabalhistas estão sendo

revertidos e corremos o risco de perdê-los, assim como nosso limitado e duramente conquistado direito ao aborto está sendo corroído.

Insegurança e pobreza não estão mais limitadas a mulheres, pessoas racializadas e trabalhadores de colarinho azul e rosa. Nós, trabalhadores, devemos ir além da junção de mesquinhas organizações de "revolta fiscal" e tentar travar a assistência do governo aos pobres e desempregados como meio de solucionar nossa crise financeira. Devemos dar uma boa olhada em para onde realmente estão indo nosso dinheiro e empregos e quem está tomando as decisões. Não somos você e eu — e deveria ser. Precisamos reestruturar todo o nosso sistema para obter alguma democracia onde realmente importa.

Ao assumir essa luta, os homens podem fazer mais pela libertação das mulheres do que tentando trabalhar no Movimento de Libertação das Mulheres. Queremos o seu apoio quando o solicitarmos e esperamos que você esteja lá para apoiar. Mas sua batalha principal deve ser contra o capitalismo e pelo socialismo.

Eu estaria mentindo se subisse aqui e fingisse ter todas as respostas. Não tenho. Mas tenho algumas ideias sobre o que devemos fazer com base na minha participação na luta. Tudo o que sabemos no movimento vem da luta — a luta de alguém.

Algumas pessoas dirão: "Ah, eu li tudo sobre mulheres conquistarem o voto em um livro." Bem, ele ou ela podem ter lido o livro, mas se algumas pessoas não tivessem entrado e feito a luta, então vocês não teriam o livro para ler. E se o livro for realmente bom e contar verdades profundas, você pode apostar que alguém passou por algum tipo de luta para publicá-lo e para coloca-lo nas suas mãos.

Então se envolva. Faça você mesmo para melhorar sua própria vida e faça-o pela humanidade. A melhor maneira de fazer isso é ingressar em uma organização. Até onde sei, existem poucos lugares no país que possuem a rica tradição radical de luta e feministas radicais ativas

dispostas e ansiosas para lhe ensinar sua história e como se organizar. Se você estiver apta para ingressar em um sindicato, faça-o. Se você já está em um sindicato, seja ativa. Ou junte-se a outras organizações que trabalham pela justiça econômica e social. Se você é uma estudante, participe do movimento estudantil. Isso a ajudará a combater as taxas e mensalidades e outros problemas dos alunos.

Sei por experiência que nem todo mundo vai participar de um grupo de libertação de mulheres. Algumas de vocês não querem se envolver. Se você está com um pouco de medo de se envolver, tudo bem. Mas não deixe que esse medo a impeça.

Uma das coisas que aprendi no Movimento dos Direitos Civis é que todo mundo fica assustado às vezes. Você é covarde se deixar que esse medo o impeça do que precisa ser feito. A luta nem sempre é fácil e, às vezes, exige que você faça sacrifícios que prefere não fazer. Mas não deixe isso te impedir também.

Há muitos anos atrás, eu estava me sentindo muito deprimida com todos os contratempos que estávamos enfrentando. Parecia que poderíamos perder os direitos ao aborto e tudo mais pelo qual passei minha vida lutando. Então, um dia, percebi o quanto minha vida teria sido pior sem os ganhos que o movimento havia feito. Eu ainda estaria em agonia andando de cinto, saias e sapatos de salto alto! Ainda estaria me preocupando constantemente com meus relacionamentos com homens e não saberia o que fazer com eles. Eu me culparia por tudo o que há de errado na minha vida. E eu teria sido muito mais burra sobre o mundo e como ele funciona. Minha vida teria sido menos rica, menos interessante. Eu não teria a satisfação de saber que isso serve para alguma coisa — que faço parte da grande luta em andamento para libertar as mulheres e a humanidade das opressões que nos impedem de realizar nossos melhores sonhos. Também quero essa experiência para você.

Exorto você não apenas a estudar a história de nosso movimento de libertação, mas a doar seu tempo, energia e dinheiro para organizações que lutam pela justiça.

Lutem, irmãs!

A Associação Revolucionária das Mulheres do Afeganistão (RAWA) é a mais antiga organização de mulheres do Afeganistão que luta pela liberdade, democracia, justiça social e secularismo.

Nossas atividades políticas incluem a publicação de nossas revistas e artigos e a mobilização de mulheres para obter essa consciência e se juntar à nossa luta. Nossas atividades sociais estão fornecendo educação às mulheres (não apenas aulas de alfabetização, mas consciência social e política sobre seus direitos e como alcançá-los), ajuda de emergência, criação de orfanatos e atividades relacionadas à saúde.

Alavancando a consciência política das mulheres, queremos organizar as mulheres em uma luta resiliente. Estamos lutando por uma sociedade independente, livre e democrática, baseada nos pilares da justiça social, e onde mulheres e homens sejam iguais em todos os aspectos. O caminho até isso é longo e difícil e é uma tarefa enorme mobilizar e organizar as mulheres em um grande movimento, mas acreditamos que não há outra opção para atingir esses valores.

A liberdade das mulheres para nós é a nossa participação em todas as esferas da sociedade, baseadas na independência, democracia, secularismo e justiça social. É a nossa completa igualdade com os homens em todos os aspectos. Essa liberdade e igualdade está ligada diretamente à política e à sociedade.

Somente uma sociedade livre de ocupação e do vírus misógino fundamentalista, onde a democracia e a justiça social são implementadas, pode romper as cadeias de violência contra as mulheres e acomodar a completa liberdade e direitos das mulheres.

Entrevista realizada por ativistas do Movimento de Mulheres Curdas com Samia Walid, ativista da RAWA

O Problema da Hostilidade Horizontal

Denise Thompson (1993)

O termo 'hostilidade horizontal' foi cunhado por Florynce Kennedy em seu artigo, de 1970, "Opressão Institucionalizada vs. a Fêmea", impresso na antologia editada por Robin Morgan, "*Sisterhood is Powerful*" ("A Sororidade é Poderosa" [1], Penelope, 1992: 60). É um termo que data desde o comecinho do Movimento de Libertação das Mulheres (seja nos Estados Unidos ou onde quer que seu artigo tenha sido lido). E se o nome é tão velho quanto o MLM, o problema é tão velho quanto ou até mais.

A Hostilidade Horizontal é uma forma de poder-como-dominação entre e em meio às mulheres. Por isso, o melhor contexto para discutir isso é em termos de relações de poder entre mulheres.

O projeto feminista de identificar e desafiar a dominação masculina não significa que somente homens oprimem mulheres e que mulheres são automaticamente isentas de valores, atitudes e comportamentos supremacistas masculinos e que nunca se comportam mal com outras mulheres. É importante manter em mente o principal inimigo, isto é, a dominação masculina. Mas porque a opressão é institucionalizada, e porque ela constitui o status quo e supostamente o mundo, é sempre muito fácil cair em maneiras impensadas de comportar-se que reforçam padrões de dominação.

De qualquer maneira, porque as mulheres são subordinadas e os homens são dominantes sob condições de supremacia masculina, os padrões de dominação típicos das mulheres são sistematicamente diferentes daqueles de homens, ou seja: são menos diretos,

dissimulados, menos visíveis e ativos. O comportamento feminino que reproduz sentidos e valores supremacistas masculinos vai tender também a dar evidência da posição subordinada de onde as mulheres estão atuando, muito embora as ações em si envolvam autoengrandecimento às custas de outra. Por isso, a hostilidade horizontal entre e em meio a mulheres tipicamente envolve formas de poder-sobre que vêm desde uma posição de debilidade, não de força.

A Hostilidade Horizontal pode envolver bullying para subjugar alguém que é mais privilegiado numa hierarquia das relações sociais supremacistas masculinas ante aquela que acossa. Pode envolver tentativas de destruir a boa reputação de alguém que tem mais acesso aos níveis mais elevados de poder que aquela que está espalhando o boato ou a difamação. Pode envolver tornar alguém responsável pela opressão de outra pessoa, mesmo que ela também seja oprimida. Pode envolver demandas invejosas de que outra mulher pare de usar suas próprias habilidades, porque o sucesso de alguém mais bem colocado que você mesma 'faz' você se sentir inadequada e sem valor. Ou pode envolver tentativas de silenciar criticismo para atacar aquela percebida como a que faz a crítica. Em termos gerais, envolve percepções confusas sobre a fonte da dominação, localizando-a em mulheres que não estão se comportando opressivamente (na medida em que não estejam, claro). E isso é inspirado por ódio, aquela força primária motivadora que mantém o motor da supremacia masculina rodando.

Florynce Kennedy foi direto ao coração da questão quando colocou sua discussão sobre a hostilidade horizontal no contexto de consentir na opressão de si mesma. [2] Ela não estava argumentando que esse 'consentimento' era a causa da opressão. Muito embora ela dissesse que "*não pode haver um sistema realmente tão pervasivo de opressão,*

como aquele dos Estados Unidos, sem o consentimento da pessoa oprimida' (p. 492), ela não queria dizer que se parássemos de consentir a opressão simplesmente desapareceria.

Mulheres não consentem ao estupro, por exemplo, mas isso não tem marcadamente diminuído a sua ocorrência. Ela estava consciente de que mulheres não eram responsáveis por sua própria subordinação. Ela quis, porém, apontar que aquela opressão não era somente coagida ou violentamente forçada, mas que uma ordem social opressiva requeria um certo grau de cumplicidade para sua continuada existência.

A cumplicidade requerida de nós sob condições de supremacia masculina é a cumplicidade na ideologia da debilidade feminina. Mulheres devem ser 'fracas' para que então homens possam ser 'fortes'. A força de homens é adquirida às custas das mulheres. Esse requerimento ideológico da fraqueza feminina não passa incontestada mesmo sob as condições cotidianas da realidade falocrática.

Mulheres constantemente resistem à subordinação aos homens de maneira a conseguir alguma liberdade de ação e influência própria. Maneiras convencionais de resistir, porém, reforçam invés de desafiar o status quo. Derrotar o opressor em seu próprio jogo, por exemplo, deixa as regras do mesmo jogo intactas, mesmo quando uma mulher ocupa a posição mais alta na hierarquia.

As perspicácias e seduções femininas inflam o ego masculino ao mesmo tempo em que elas conferem às mulheres benefícios a curto-prazo. Lágrimas e tantras, ou frieza e afastamento, podem fazer o ego ser mantido sob controle temporariamente, mas ele normalmente possui outro lugar a mais para ir, uma vez que o mundo é construído em sua própria imagem e semelhança.

Mesmo quando uma mulher individual maneja derrotar um homem individual, ou homens, o que surge não é um relacionamento de igualdade. O papel da mulher 'dominadora' é permitido por dentro da forma falocrática de vida, seja como uma maneira de intimidar mulheres à subordinação – a 'vadia', a 'histérica', a 'enchedora de saco', a 'fêmea castradora' – ou como uma forma de erotizar a culpa masculina, por exemplo a 'dominatrix' no encontro sexual sadomasoquista.

Paradoxalmente, a ideologia da fraqueza feminina requere uma grande quantidade de violência para ser mantida. A Hostilidade Horizontal é o uso, em meio às mulheres, dessas técnicas desenvolvidas no contexto de resistência ao poder masculino. A intenção é induzir a submissão à outra que é percebida como enormemente poderosa, enquanto que, ao mesmo tempo, reforça a ideia de que mulheres não podem ter poder.

Kennedy mencionava isso como '*mulheres sendo utilizadas como agentes para os opressores*' (p.493), mas sua discussão sobre hostilidade horizontal, que ela também chamava como '*descarte*', era tentadoramente breve. Ela não dava exemplos da ocorrência disso entre feministas. Ela tinha mais a dizer sobre o controle do eu do que sobre as maneiras nas quais tentamos controlar umas às outras. '*A mulher*', ela diz, '*em sua condição consensual de lavagem mental frequentemente atua fora de seu papel de mãe rondante sem qualquer pressão que se note.*' Repare no "note" (p. 494). Ela, de qualquer forma, se referia ao papel desempenhado pela '*hostilidade horizontal' na 'demolição' ... de alguns grupos políticos radicais, e é triste dizer, alguns grupos de libertação de mulheres*' (p.495). Ela segue a dizer que isso é parte das '*técnicas de dividir-e-conquistar do establishment*':

> *Pessoas oprimidas são frequentemente muito opressivas quando primeiramente liberadas. E por que não deveriam ser? Elas sabem bem ambas posições. A bota de alguém no seu pescoço ou a bota delas no pescoço de alguém… mesmo se estas se agrupam na atmosfera fria, úmida da sua recém-descoberta libertação… mulheres… muitas vezes chocam umas com as outras antes de aprender a compartilhar e desfrutar sua recém-descoberta liberdade (pp. 495-6).*

Suas sugestões recomendadas também são breves e não-elaboradas. Ela diz:

> *Para evitar esses efeitos destrutivos da hostilidade horizontal, as mulheres necessitam um despertar político e/ou social da patologia do oprimido quando confrontadas pelos especialistas do 'dividir-e-conquistar'. (p.495)*

Ela também sugere abstermo-nos de enfurecer com individualidades e, ao invés disso, dirigir a nossa raiva a alvos mais apropriados, isto é, sistemas e instituições ao invés de pessoas.

"*Chutar o balde*" – ela diz, "*deveria ser apenas para as situações em que um balde está protegendo o Sistema*" (p. 499). Esse comentário mostra que ela estava consciente que suas soluções sugeridas eram menos que perfeitas, uma vez que as instituições funcionam por meio de ações, atitudes e compromisso de individualidades. Contudo, suas recomendações servem como um alerta para nós para mantermos em mente o inimigo principal. E a despeito da brevidade de sua explicação, está claro que ela considerava a hostilidade horizontal como uma forma de '*poder sobre*' recriado por mulheres contra mulheres, e que essa invariabilidade servia aos interesses do opressor e trabalhava contra os interesses das mulheres. Neste sentido, era uma re-

elaboração dos padrões de comportamento dominantes adquiridos como um resultado da participação na realidade falocrática.

Julia Penelope está em acordo substancial com Florynce Kennedy. Ela também vê isso como uma forma de consentimento para a opressão. Ela se refere a isso como ‘opressão internalizada’, e descreve como:

> “Hostilidade Horizontal é o melhor método do hétero-patriarcado para nos manter em ‘nossos devidos lugares’; nós fazemos o trabalho dos homens e de suas instituições por eles… (…) ela nos faz direcionar nossa raiva – que surge de nosso estatuto marginal e subordinado no hétero-patriarcado e que deveria ser dirigida aos nossos opressores – à outras lésbicas e mulheres, porque sabemos que é mais seguro… Ela funciona para garantir nossa continuada vitimização dentro dos nossos próprios grupos, e nos mantêm silenciadas quando a maioria queremos falar; nos mantêm passivas quando a maioria queria desafiar, porque não queremos ser o alvo da raiva de outra lésbica.” (Penelope, 1992: 60).

INSULTOS

Uma das formas de hostilidade horizontal discutidas por Penelope é o ‘*chamar de*’. Ela diz que o insulto é ‘*um substituto medíocre à análise reflexiva*’ (p. 65). Ela pontua que o chamar alguém de algo é fácil. Fácil de fazer, fácil de acreditar e fácil de lembrar, porque, como ela diz, ‘*não requer absolutamente nenhuma reflexão, nenhuma análise, e nenhuma justificação*’ (p. 69).

Rotular outros com nomes como ‘nazi’, ‘fascista’, ‘racista’, ‘etarista’, ‘classista’, ‘fiscal de sexo’ [3], ‘puritanas’, ‘moralistas’, etc. é também perigoso se é bem-sucedido em conseguir o que isso

pretende, isto é, intimidar aquelas rotuladas para o silêncio e cessar qualquer desafio ou debate.

Aquelas que acreditam que estes nomes dizem algo certo sobre as que foram rotuladas, sem pensar sobre o que essas palavras significam, ou sem pedir por substância ou evidência, também participam na hostilidade horizontal, mesmo se estas pessoas não são as originais rotuladoras.

O xingamento busca destruir a boa reputação daquelas pessoas rotuladas, controlar seus pensamentos e ações, e aterrorizá-las ao silêncio. Trivializa os verdadeiros horrores do fascismo, racismo, da opressão classista e da supremacia masculina, e diminui as agonias daquelas e aqueles que tenham sofrido mais sob esses regimes. Embaça distinções importantes entre, por um lado, aqueles que – como supremacistas brancos, neonazis, ideólogos supremacistas masculinos, violadores, etc., – advogam, glorificam e praticam violência e comportamento desumanizadores sobre aqueles que estes definem como ‘inferiores’, e, por outro lado, aquelas de nós que podem reter atitudes racistas, etc., atitudes a despeito das nossas melhores intenções. E estabelece distinções preconceituosas entre nós mesmas por meio de enfatizar aquelas opressões que nos dividem, às expensas de e para a exclusão da opressão que temos em comum como mulheres e lésbicas.

SENTIMENTOS NÃO BASTAM

Outro tipo de hostilidade horizontal que Penelope discute é o uso de ‘predicados psicológicos’. Essas são formas de uso de linguagem

que descrevem como nos sentimos sobre e relacionamos às demais, de uma maneira que atribui uma fonte desses sentimentos a alguém.

Dizer a alguém que ela é ‘intimidante’, por exemplo, Penelope diz, ‘*requer a experiência do sentimento específico nomeado pelo verbo para descrever a ela mesma como um objeto ao qual se atua sobre pelo comportamento ou atitude de alguém*’ (p. 73). O uso de predicados psicológicos permite àquela que o diz evitar a responsabilidade pelos seus sentimentos, e pôr essa responsabilidade em alguém. Também permite atribuir intenções à suposta ‘intimidadora’ que esta pode não ter, e acusá-la do desejo de dominar, que ela pode não ter, e estabelecer a visão daquela que denuncia como a única interpretação possível.

Falar sobre este processo em termos de uso de linguagem, Penelope diz, não é negar a realidade de nossos sentimentos. É, ao invés disso, alertar-nos de que é sempre fácil culpar a outras e acusar falsamente – a linguagem é construída para isso.

Penelope comenta de que o uso de tal linguagem ‘mantém a ficção hétero-patriarcal de que somos emocionalmente dependentes’ (ibid.). Eu acrescentaria que isso também reforça a crença de que somos fracas e desprotegidas e completamente à merce de outros todo-poderosos. Porque tal desproteção tende a ser defendida, tendemos a atacar de maneira a aniquilar aquelas que percebemos como a fonte dessa sensação. É esse senso de desproteção que é a verdadeira fonte da hostilidade horizontal.

Isso é sugerido por algo que Vera Ray diz em seu artigo ‘*Uma investigação da Violência em relações diádicas lésbicas*’. (Ray, 1991). Ela diz que, muito embora haja similaridades entre o abuso de mulheres por homens em relações heterossexuais e a violência em

relações lésbicas, há uma diferença crucial. Onde o homem usa violência para manter e reforçar sua dominação na relação, a agressora lésbica usa violência para 'equalizar' o que ela percebe como um desequilíbrio de poder. Ela percebe a si mesma como 'fraca' e a sua parceira como 'forte', e ela a ataca de maneira a demolir aquela 'força' que ela (erroneamente) sente que é a fonte de sua própria 'fraqueza'.

Isso não justifica a violência, como aponta Vera. Ninguém 'merece' ser agredida. Mas isso indica que a violência entre mulheres se origina na debilidade e não na força. Como Vera coloca, nesta instância mulheres '*são corrompidas por um senso de falta de poder*' (p.46).

A mesma observação foi feita por Joanna Russ em seu artigo '*Poder e Vulnerabilidade no Movimento de Mulheres*' (Russ, 1985). Neste artigo, Russ critica o que ela chama '*o grande Imperativo Feminino*', a expectativa de que '*espera-se que mulheres façam as outras pessoas se sentirem bem, que supram a necessidades de outras sem ter nenhuma necessidade própria*' (p.43). Ela descreve com este imperativo é reforçado nas mulheres por outras mulheres por meios de síndrome de "Mamãe Mágica/Irmã Temerosa". Uma 'Irmã Temerosa' (IT), ela diz, é uma mulher que abraçou a sua própria indefensibilidade e ineficiência de maneira a evitar a culpa servil de satisfazer as suas próprias necessidades, exercitar suas próprias habilidades e alcançar seu próprio sucesso. Uma IT elevada ao status de 'Mamãe Mágica' (MM) é qualquer mulher que alcançou algo que ela mesma foi incapaz de alcançar. Ela culpa a MM pelos maus sentimentos que ela tem sobre a sua própria falta de conquistas e segue a demandar que a MM tome conta dos sentimentos feridos (da IT) e tome conta dela. Uma vez que isso é impossível, a IT se torna enfurecida e 'lincha' a MM. A MM, que a esse ponto pode ter estado

inconsciente de seu status ‘mágico’, cai na cilada e aceita a visão da IT. Ela se torna uma MM por meio de reagir com culpa, por tentar abrandar os sentimentos feridos, por desculpar-se por desprezar seus próprios ganhos, empreendendo-se em ajustar tudo e fazer todo mundo se sentir bem. Dada a impossibilidade disso, sua resposta atual é medo e paralisia face aos permanentes gritos de raiva da IT.

Russ sugere que o caminho para fora do círculo vicioso de culpa, autorrecriminação e paralisia para as mulheres é reclamar nossas próprias conquistas e valor próprio. A IT precisa dar-se conta que, embora seus sentimentos de desolação possam ser resultado de relações de poder fora do seu controle, eles também podem não ser. Ela precisa aprender que ela retém sua própria agência moral mesmo sob condições de opressão (usando o conceito desenvolvido por Sarah Hoagland-Hoagland, 1988), e que há ainda algumas coisas que ela pode fazer, que ela ainda tem alguma responsabilidade, mesmo que sua liberdade de ação seja constrangida por condições objetivas.

Ela precisa aprender que atribuir enormes quantidades de poder a outra mulher é uma ilusão, assim como seu sentido de que ela mesma é completamente impotente. E ela precisa aprender que o oprimido também pode ser opressivo. Não apenas pode o oprimido partilhar, ainda que minimamente, dos status e privilégios dos dominantes às expensas de outras pessoas oprimidas, mas também oprimidas(os) também possuem maneiras de manipular os dominantes. A IT precisa proteger-se usando essas técnicas contra outras mulheres, técnicas de dissimulação vitimista, de birras, de demandas de que alguém resolva seus problemas para ela, e considere seus sentimentos feridos à exclusão de seus próprios projetos.

A MM, por outro lado, precisa aprender que ela não é infinitamente disponível, incomensuravelmente suportiva, eternamente paciente,

ou seja, que ela não é a 'mamãe' de ninguém (no sentido supremacista masculino de absoluto autossacrifício). Ela também precisa aprender que, como Russ coloca, '*sentimentos de culpa não automaticamente significam que ela está para ser culpada de tudo*', ou mesmo de qualquer coisa que seja, e deve, portanto, fazer reparação colocando tudo em ordem.

A culpa é tão endêmica na população feminina, e funciona tão sistemicamente para manter mulheres a serviço dos homens, que ela pode simplesmente ter mudado para o seu compartilhamento do padrão generalizado. Neste caso, uma vez que não haja nada para corrigir, ela deve simplesmente lidar com os sentimentos de culpa até que eles se vão embora.

COMO RECONHECER A HOSTILIDADE HORIZONTAL

É importante distinguir entre hostilidade horizontal e criticismo genuíno, porque o criticismo é geralmente confundido com hostilidade. Enquanto que o criticismo infundado é destrutivo e paralisante, o criticismo é ainda assim necessário se o feminismo pretende continuar a crescer e se desenvolver e manter-se relevante, e não se degenerar em um dogma apapagaiado.

Enquanto o feminismo necessita de criticismo, ele não precisa do terrorismo irracional da hostilidade horizontal. Enquanto ambos podem se sentir daninhos e humilhantes, a hostilidade horizontal é duramente cruel, não tem outra motivação que não seja a de machucar. É uma cega castigação e criação de bode expiatórias daquelas que estão acessíveis porque elas não são tão diferentes em poder e privilégio.

O criticismo, por outro lado, não tem a intenção de ferir, mas de esclarecer e desvendar a verdade da questão. É ponderado e prudente. Envolve um intento genuíno de trabalhar o que está indo, e mostra consideração pela outra por meio de não ser deliberada e cruelmente rude. Assim que possível, é caracterizado por uma discussão considerada, bem pensada e substancial.

Mesmo que isso não seja sempre possível, especialmente no calor do momento, o criticismo é até o último momento sincero nas questões que coloca. Não é uma competição sobre quem está certa e quem está errada, sobre quem vence e quem perde. Ao invés disso, o criticismo está preocupado em desvendar a verdade e está oposto a mentiras, segredos e silêncios, trapaças e rumores sem substância.

Não é necessário ter tudo ordenadamente trabalhado antes de expressar dúvidas. Mas é vital questionar para saber e para avaliar as próprias reações. É importante se colocar questões como: '*Estou me sentindo ameaçada pelo que ela está dizendo? E se sim, porquê? Estou justificada em sentir-me incomodada? Qual é a fonte de meu desconforto? Há evidências suficientes?*' etc.

Algumas vezes, as questões vão ter respostas imediatas. Mas reservar julgamentos é também uma forma de criticismo e uma maneira de se recusar a engajar em hostilidade horizontal.

Enquanto o criticismo é caracterizado por uma busca cuidadosa do sentido do que está sendo dito, a hostilidade horizontal é sem sentido, porque a informação contida em um nome indecente é muito esparsa. O que significa, por exemplo, chamar a outra feminista de 'racista' ou 'classista' ou 'fascista' sem aprofundar em justificar isso e dar as razões? A palavra 'fascista' tem algum significado aplicado a outra mulher, dada a história do Fascismo e os males perpetrados sob sua

influência? A acusadora deve estar esclarecida em sua própria mente sobre o significado dos termos que ela aplica a outra mulher e sobre a forma particular ou as formas nas quais a acusada foi ofendida. É melhor permanecer em silêncio, que ganhar uma vitória fácil sobre outra mulher que provavelmente já tem um vasto estoque de culpa generalizada pela acusação para acionar.

***

Deve-se assumir que essas recomendações são relevantes não somente para aquelas com treinamento em pensar, argumentar e raciocinar, isto é, aquelas com educação terciária. Mas podemos todas pensar. Não é uma técnica confinada às instituições do 'alto saber'. Todas podemos também entender nossas próprias mentes. Podemos todas separar verdade de falsidade, o hostil do amigável, o que é meramente confuso ou ignorante daquilo que é deliberadamente errado. Um bom argumento não é necessariamente sofisticado e amplo.

Todas podemos dar razões pelo que fazemos, mesmo se não estamos inicialmente conscientes das razões e que tome algum tempo para encontrá-las. E todas somos capazes de entender que cometemos erros, reconhecendo-os e aprendendo com eles. Todas somos capazes de decidir se há ou não evidências suficientes, e de reservar julgamento até que possamos fazer um juízo que seja informado. Todas somos capazes de substanciar o que falamos e de confirmar nossas asserções com as evidências. Também somos capazes de respeitar a boa reputação de cada uma. E somos todas capazes de examinar nossos próprios motivos.

Está longe de ser o caso de que essas habilidades estejam confinadas a uma elite pequena, é vitalmente importante que todas as

feministas as desenvolvam. Fracassar em fazê-lo nos manterá na cilada dos jogos de poder da ideologia supremacista masculina

COMO EVITAR A HOSTILIDADE HORIZONTAL

Por ‘evitar hostilidade horizontal’, não quero dizer encontrar maneiras de evitar a ser submetida a isso ou proteger alguém de ser submetida a isso. À medida de que ela não se origina comigo, não há nada que possa fazer para impedi-la de acontecer. Se não é meu comportamento, a decisão de se engajar-se ou não nisto não é minha.

Há, é claro, numerosas maneiras nas quais posso reagir uma vez que tenha acontecido, e essas maneiras podem ser mais ou menos apropriadas, mais ou menos deliberadas, mais ou menos engrandecedoras. Posso reagir com vergonha ou culpa, e permitir que isso me silencie; ou posso aceitar as coisas negativas ditas sobre alguém, sem pensar e sem pedir por verificação e evidência. Ou podemos engajar em batalhas verbais que podem terminar ou não em uma inimizade de longo termo e recusa em nunca mais falar uma com a outra novamente.

Alternativamente, a batalha deve limpar o ar e acabar com uma convencendo a outra ou com um acordo em discordar. Ou pode ser legal, desapegado, respeitoso e razoável, requerer que a outra dê suas razões pelo que ela está dizendo e avaliar as razões desde o melhor da minha habilidade. Na ausência do que eu sentiria como razões adequadas, eu posso suspender o julgamento a menos que haja evidências suficientes. Porém, se a razão falha em convencer, nada mais funcionará sequer.

Se, contudo, não posso impedir as outras de serem hostis, eu posso recusar a engajar-me em hostilidade horizontal. Eu posso estar atenta para não cair em padrões automáticos e impensados de dominação. Eu posso perguntar a mim mesma, como Julia Penelope diz, se realmente quis dizer o que eu disse. Eu posso questionar-me se o que eu digo é verdade. Eu posso questionar quais são as minhas motivações – estou buscando apenas machucar, humilhar e demolir, ou estou defendendo o que eu acredito, tentando esclarecer coisas, tentando ajustar a situação? Eu respeito a outra mesmo se eu discordo dela, mesmo se eu sei (ou penso que sei) que ela está errada?

Precisamos estar aptas a decidir o que é hostilidade horizontal e o que não é. Precisamos exercitar uma grande quantidade de cuidado em discernir comportamentos que podem ser justificadamente identificados como opressivos, abusivos ou dominantes, daqueles que não são.

O processo de discernimento requer autoconhecimento, uma habilidade de pensar problemas, e um certo grau de desapego dos sentimentos como raiva, humilhação e vingança. Também requer autorrespeito e respeito pelas demais. E isso requer a rejeição da violência, física ou verbal, e uma maneira de lidar com desequilíbrios de poder percebidos.

A tarefa crucial neste contexto é desenvolver maneiras de decidir quando estamos justificadas em perceber quando outras mulheres estão a se comportar opressivamente e quando elas não estão, e de discernir os métodos apropriados e inapropriados de lidar com aquele comportamento.

Acima de tudo, envolve identificar a supremacia masculina como o inimigo principal e reconhecer que os valores e significados desta

ordem social são o status quo, a menos que estejamos conscientemente comprometidas na sua recusa.

***

NOTAS

1. Usei o termo ‘sororidade’ embora a tradução direta pudesse ser ‘irmandade’ porque o termo sororidade está mais difundido e reconhecido pelas pessoas, enquanto ‘irmandade’ pode ter outras conotações que não são tão agradáveis para a intenção do termo em inglês que é o reconhecimento das outras mulheres como companheiras ou a identificação entre mulheres.

2. Conceitos como 'falsa consciência', 'ideologia', a noção de hegemonia de Antônio Gramsci e a preocupação da Escola de Frankfurt com 'a personalidade autoritária' foram tentativas, dentro de um contexto marxista, de lidar com o mesmo fenômeno, a tendência em grupos oprimidos, a classe trabalhadora no caso do marxismo, de abraçar significados, valores e "realidades" que reforçavam os interesses da classe dominante enquanto trabalhavam contra os interesses libertadores dos próprios oprimidos. Em particular, a Escola de Frankfurt preocupou-se em explicar como a classe trabalhadora alemã adotou o fascismo em vez do socialismo no período entre as duas guerras mundiais.

3. Fazendo um paralelo para pensar hoje em dia, outras formas atuais de censurar o debate e a reflexão feminista é acusar feministas (radicais, por exemplo, ou mais críticas ou que pensam criticamente a sexualidade e as políticas de identidade atuais) de “transfóbicas”, “cissexista”, “moralistas” (termo que todo homem acusou feministas,

baseado na sua cultura de estupro) ou o termo atual “polícia feminista”. Houve um encontro onde aconteceu uma assembleia sobre consentimento e acordos coletivos, alguém acusou uma mulher de ser “polícia feminista” e essa pessoa foi imediatamente cortada por uma amiga que disse “Não gente, a polícia não está aqui, ela não veio, ela não está nesse encontro”. Temos de lembrar que é muito forte e difamante quando alguém é acusada de coisas graves ou associadas com figuras fortes de maltrato, como policiais. Outro exemplo é um cartaz que diz “Microfascismo em cada coração anti-trabalho sexual’, ataques deste tipo recebem feministas com uma perspectiva abolicionista invés do sistema prostituinte, e é outra forma de desqualificação, bastante parecida com a acusação de ‘feminazi’. Entendo todos esses ataques e desqualificações fáceis e discursos vazios e desonestos como misoginia e antifeminismo (Nota da tradutora).

Alavancar consciências: uma arma radical

Kathie Sarachild, 1973

A IDEIA

Para que possamos compreender o que significaria “alavancar consciências” é necessário lembrar de que o início se deve a um projeto entre mulheres que se consideravam radicais.

Antes de avançarmos, vamos examinar a palavra “radical”. Essa palavra normalmente é associada a extremismo, mas na verdade não é isso que a palavra significa. O dicionário define radical como raiz, proveniente da palavra latina para raiz. E é isso o que queremos dizer quando nos chamamos de radical.

Nós estávamos interessadas em chegar às raízes dos problemas na sociedade. Pode-se dizer que queríamos arrancar pelas raízes as ervas daninhas do jardim e não apenas arrancar as folhas superficiais para fazer com que as coisas ficassem mais bonitas momentaneamente. O Movimento de Libertação das Mulheres (MLM) era liderado por mulheres que se consideravam radicais, nesse sentido da palavra.

Nosso objetivo em formar um grupo pela libertação das mulheres era de dar início a um movimento massivo de mulheres para colocar um fim à segregação e discriminação baseada no sexo. Nós sabíamos que o pensamento e a ação radical seriam necessários para alcançar tal objetivo. Nós também acreditávamos que seria necessário formar grupos de Libertação das Mulheres que excluíssem os homens das reuniões.

Para uma abordagem radical, para chegar à raiz, parecia lógico que tínhamos de estudar a situação da mulher, não apenas agir aleatoriamente.

A melhor ideia de como conseguir isso surgiu em um dos grupos do MLM do qual participo — o Grupo de Mulheres Radicais de Nova York, um dos primeiros do país. Estávamos planejando nossa primeira ação pública e iniciamos uma discussão sobre o que fazer em seguida. Uma mulher do grupo, Ann Forer, se pronunciou: *“Eu acho que temos muito ainda a fazer quanto a alavancar consciências”. “Alavancar consciências?”,* eu me perguntava o que ela queria dizer com isso. Eu

nunca tinha ouvido esse termo sendo usado relativamente às mulheres.

"Comecei a pensar na mulher como um grupo oprimido há pouco", ela continuou, "*e a cada dia que passa aprendo mais sobre isso — minha consciência aumenta".*

Não considero que eu própria tenha começado a pensar na opressão da mulher há pouco. Na verdade, considero que tenho pensado e lido sobre isso há muito tempo. Mas quando Ann conseguiu expressar de forma a exemplificar algo que ela tinha percebido, isso se tornou, também para mim, um jeito mais profundo de olhar a questão.

"Eu penso muito sobre isso de ser atraente", ela disse, "*mas as pessoas não acham o verdadeiro eu das mulheres atraentes*". Ela seguiu dando exemplos. E eu fiquei ali, ouvindo-a descrever todos os papéis que as mulheres são forçadas a representar: se fazer de burra, sempre se apresentar de forma agradável, sempre sendo amáveis, sem mencionar tudo o que temos que fazer com nossos corpos, com roupas e sapatos que temos que vestir, as dietas que temos que seguir, ficando cegas por não usarmos óculos, tudo porque os homens não acham o nosso eu verdadeiro, nossa liberdade humana, nossa simples humanidade, "atraente".

Então eu percebi que ainda poderia aprender mais sobre como entender e descrever as opressões específicas que sofremos de forma a alcançar outras mulheres do mesmo jeito que tinha acontecido comigo. O grupo, tanto quanto eu, ficou emocionado e decidimos naquele momento de que precisávamos — usando as palavras de Ann — alavancar um pouco mais a nossa conscientização.

No encontro seguinte, houve uma discussão sobre como alcançar esse objetivo. Uma mulher — Peggy Dobbins — declarou que o que ela gostaria de fazer era conduzir um estudo intensivo na literatura para descobrir se realmente há diferenças biológicas entre homens e mulheres. Eu fiquei indignada com essa sugestão.

"*Eu acho que será uma perda de tempo*", afirmei. "*Para cada estudo científico que utilizamos, a oposição cita outros tantos. Além do mais, a questão é sobre o que nós queremos ser, o que nós achamos que somos e não o que algumas autoridades afirmam que nós somos em nome da ciência. É cientificamente impossível afirmar quais são as diferenças biológicas entre homens e mulheres — se há outras além das diferenças óbvias — enquanto os fatores sociais e políticos não forem os mesmos para homens e mulheres. Tudo o que nós temos que saber, que temos que provar, nós podemos retirar da realidade das nossas vidas. Por exemplo, na questão sobre a inteligência das mulheres. Nós sabemos, por experiência própria, que nós nos fazemos de burras porque se nos mostrarmos muito inteligentes os homens não gostarão de nós. Eu sei que isso é verdade porque já fiz isso. Todas nós já fizemos isso. Portanto, podemos simplesmente deduzir que as mulheres são mais inteligentes do que os homens imaginam, e mais inteligentes do que imaginam todos aqueles que conduzem estudos e que há muitas mulheres que são mais inteligentes do que aparentam ser e mais inteligentes do que qualquer outra pessoa, além do que elas e alguns de seus amigos possam imaginar*".

No final, o grupo decidiu trabalhar o alavancar de consciências estudando a vida de mulheres em tópicos, como infância, trabalho, maternidade etc. Nós faríamos todas as leituras adicionais que quiséssemos e que julgássemos importantes. Mas o nosso ponto de partida para discussões, assim como o nosso teste para verificar a

veracidade do que encontrávamos nos livros, seriam as experiências reais que tínhamos nessas áreas. Por sugestão de Ann Forer, uma das perguntas que orientaria todos os nossos estudos seria: quem e o que tem interesse na manutenção da opressão em nossas vidas?

Nós decidimos que os tipos de ações que o grupo deveria se engajar, nesse momento, conforme ideia de outra mulher do grupo, Carol Hanisch, seriam ações que levassem a um aumento de conscientização das pessoas. Ações trazidas para o público com o propósito deliberado de desafiar velhas ideias e propor outras novas, ou seja, os mesmos assuntos feministas que estávamos nós mesmas aprendendo.

Decidimos que o nosso papel não era ser uma "organização de serviços" nem uma "organização para membros". O que discutíamos que seríamos era de fato um grupo de ação direta, de agitação política e de educação, similar ao que havia sido o Comitê Coordenador Estudantil de Não-Violência (S.N.C.C). Nós seríamos as primeiras a ousar dizer e fazer o impensável: o que as mulheres realmente sentiam e queriam. A primeira coisa a fazer agora era alavancar consciências e entendimento, em nós mesmas e nos outros, consciência essa que impelisse às pessoas a se organizarem e agirem em larga escala coletivamente.

O método científico da nossa pesquisa foi baseado na decisão de enfatizar nossos próprios sentimentos e vivências como mulheres e colocar a teste todas as generalizações e leituras que havíamos feito a partir da nossa própria experiência. Na verdade, estávamos repetindo o desafio que a ciência fez à Escolástica no século XVII: "estude a natureza, não os livros", e coloque todas as teorias à prova das práticas de vida e de ação. Foi também um método radical de organização testados por outras revoluções. Estávamos aplicando às mulheres e a

nós mesmas na condição de organizadoras do Movimento de Libertação das Mulheres uma prática que uma grande parte de nós tínhamos aprendido como organizadoras do Movimento pelos Direitos Civis no Sul [dos Estados Unidos] no início dos anos 60.

Alavancar consciências — estudando toda a gama da vida de mulheres, começando pela crua realidade de nós mesmas — seria também uma forma de manter o movimento radical, impedindo assim que ele se desviasse para agendas de reformas de questões isoladas e de organização visando resolver um único problema. Seria não só uma forma de fazer com que a teoria das mulheres avançasse, mas também uma forma de lançar a base para alcançar soluções radicais para mulheres, ainda inéditas em todos os cantos.

Parecia claro que entender como as nossas vidas se relacionam com a condição geral das mulheres faria de nós melhores lutadoras em nome de todas as mulheres. Sentíamos que todas teriam de ver a luta das mulheres como uma luta sua e não apenas como uma luta para ajudar "outras mulheres". Que seria necessário que elas encarassem a verdade sobre a realidade das suas vidas antes de poder lutar radicalmente por qualquer outra mulher.

"*Lute contra seus opressores*", disse Stokely Carmichael para os trabalhadores brancos que lutavam pelos seus direitos civis quando o movimento negro começou. "Você não se radicaliza lutando batalhas alheias", como disse Beverly Jones no seu pioneiro ensaio "A caminho de um movimento pela libertação da mulher".

***

A RESISTÊNCIA

O simples fato de mulheres estudarem a sua própria situação encontrou resistência, especialmente por não incluir homens.

No início, nós decidimos estudar para agir melhor. Nós não podíamos imaginar que apenas estudar esse assunto e identificar os problemas seria uma ação radical em si, a ponto de gerar grande e persistente resistência de lados que continuam a me estarrecer.

A resistência geralmente provinha da falta de informação sobre o que estávamos fazendo e, não importava o quanto explicávamos, a incompreensão permanecia. Os métodos e as hipóteses por trás da proposta de alavancar de consciências surgiram tanto da tradição científica quanto da tradição de políticas radicais; e, ao serem aplicados aos problemas das mulheres, várias pessoas "científicas" e "radicais" — especialmente homens — de repente não conseguiam ver o que tentávamos demonstrar.

Inúmeras áreas da vida das mulheres foram taxadas como fora dos limites da discussão. Os tópicos de conversas de nossos grupos foram descartados como sendo "mesquinhos" ou "não políticos". Geralmente, essas áreas eram consideradas áreas-chaves para se compreender a mulher como um grupo oprimido — como trabalho doméstico, cuidados com crianças e sexo.

Todos, de republicanos a comunistas, concordavam que igualdade salarial era um assunto válido e que merecia apoio. Mas quando mulheres tentaram descobrir por que elas não conseguiam receber a mesma remuneração pelo mesmo trabalho em qualquer lugar, e tentaram observar essas áreas, de repente o que estávamos fazendo não era qualificado como política, economia e nem ao menos estudo, mas "terapia", algo que as mulheres deveriam resolver elas mesmas individualmente.

Quando começamos a analisar esses problemas à luz do machismo, nós éramos a prova viva do quão retrógradas as mulheres são. Embora já tivéssemos participado de ações políticas radicais e já tivéssemos corrido riscos várias vezes, quando propúnhamos discutir o chauvinismo masculino repentinamente nós éramos apenas mulheres que reclamavam o tempo todo, que se limitavam ao pessoal e nunca entravam em ação.

Algumas pessoas foram diretas em afirmar que o que estávamos fazendo era perigoso. Quando simplesmente mostrávamos exemplos concretos retirados das nossas vidas de discriminação ou exploração contra a mulher, nos acusavam de “odiar homens” ou de “dor de cotovelo”. Essas acusações demonstravam novos esforços para impedir que as ideias que estávamos discutindo fossem aceitas como objetos genuínos de estudo e debate, classificando-as de delírio psicológico.

E quando tentávamos descrever a realidade das nossas vidas de uma determinada forma, não interessava o quão lógica a explicação — por exemplo, quando dizíamos que homens oprimem mulheres, ou que todos os homens se beneficiam da opressão da mulher — algumas pessoas ficavam muito chateadas. “Você não poder dizer que são os homens que oprimem as mulheres! Homens também são oprimidos! E mulheres também discriminam contra mulheres!”. Pode parecer óbvio afirmar que se as mulheres, quando comparadas com os homens, ocupam um status secundário na sociedade e são tratadas como criaturas subordinadas, que então quem se beneficiaria dessa organização seriam aqueles que tem status principal.

Nossas reuniões eram chamadas de “hora do chá”, “festa de despedida de solteira” ou “sessão de reclamação”. Nós respondíamos “sim, vagabundas, irmãs, putas” e passamos a dizer que a hora do chá

era uma forma histórica de resistência à opressão. Os xingamentos e ataques eram uma fonte constante de irritação e, às vezes, de incredulidade quando não raro provinham de outros grupos radicais que acreditávamos que dariam às boas-vindas a esse novo movimento de massas de um outro grupo oprimido.

Pior ainda, as mentiras nos impediam de atingir mulheres as quais acreditávamos que teriam gostado de aprender sobre o que realmente estávamos fazendo.

***

O PROGRAMA

Não se podia negar, no entanto, que nós também estávamos aprendendo enormemente com as reuniões e discussões e que estávamos todas bastante empolgadas.

Dos nossos encontros para alavancar consciências saíam os escritos que estavam a formular o básico da teoria do Movimento de Libertação das Mulheres. Shulamith Firestone, autora do livro A Dialética do Sexo; Anne Koedt, autora do artigo “O Mito do Orgasmo Vaginal”; Pat Mainardi, autora do artigo “As Políticas do Trabalho Doméstico”; Carol Hanish, autora do artigo “O Pessoal é Político”; Kate Millet que escreveu “A Política Sexual”; Cindy Cisler, que liderou a luta pela oposição à lei antiaborto em Nova York; Rosalyn Baxandall, Irene Peslikis, Ellen Willis, Robin Morgan e muitas outras participaram dessas nossas reuniões.

A maioria de nós já se considerava radical; mas nós estávamos começando a descobrir que tínhamos apenas começado a ter uma compreensão radical da mulher — e de outras questões como classe, raça e mudança revolucionária.

O grupo crescia rapidamente. Outras mulheres também se mostravam tão fascinadas quanto nós com a ideia de agir politicamente sobre aspectos das nossas vidas que nem sonhavam que poderiam ser objetos de ação política, que imaginávamos que teríamos de encontrar sozinhas uma melhor forma de lidar com essas questões. A maior parte dessas questões não eram abordadas pela Organização Nacional pelas Mulheres (NOW — National Organization for Women). Seria porque essas questões eram "mesquinhas" ou por que tocavam no cerne da questão ao abordarem áreas de profunda humilhação para as mulheres?

A NOW tampouco estava organizando grupos para alavancar consciências, o que só passou a ocorrer depois de 1968 quando grupos mais novos e mais radicais se formaram, com uma visão de massa. A primeira ação pública do nosso grupo depois da publicação da revista foi uma tentativa de alcançar as massas com nossas ideias sobre aqueles tais "tópicos mesquinhos": o tópico da aparência.

Nós protestamos contra o concurso Miss América, fizemos manifestações, atiramos na lata de lixo sapatos de salto alto, cintas e outros objetos de tortura para as mulheres. Foi essa iniciativa que despertou uma conscientização generalizada sobre o Movimento de Libertação das Mulheres, que conquistou o interesse do mundo e que deu nome ao movimento.

Nossos grupos de estudos estavam radicalizando nossas próprias consciências e de repente ficou claro que as mulheres poderiam fazer, em massa, o que estávamos fazendo no nosso grupo, e que a próxima ação radical lógica seria divulgar para o mundo o que estávamos fazendo. Esse tipo de estudo faria parte das ações necessárias para alcançar a libertação das mulheres em larga escala.

Um padrão nos obstáculos à conscientização também estava se tornando claro. Desenvolvi, então, um artigo sobre isso — sobre como esses assuntos taxados de "sessão de reclamação" são, na verdade, assuntos políticos e indiquei quais importantes informações ainda tínhamos que obter ao estudarmos as experiências e sentimentos das mulheres, descrevendo alguns dos obstáculos e propondo que mulheres em toda a parte participassem.

***

RAÍZES DA CONSCIENTIZAÇÃO

"Por que eu deveria, em um oceano tão vasto de livros, pelo qual as mentes dos homens estão perturbadas e cansadas … expor essa nobre filosofia a ser condenada e despedaçada pelas maldições daqueles que ou já juraram lealdade à opinião de outros homens ou são tolos corruptores das boas artes, idiotas eruditos, gramáticos, sofistas, simplórios e gente perversa?… Foi somente para vocês, verdadeiros filósofos, homens honestos que buscam conhecimento não apenas nos livros, mas das coisas em si, que eu abordei esses princípios magnéticos…" - William Gilbert, prefácio de ON MAGNETISM, 1628

"Nós tivemos que adotar o método usado às vezes pelos médicos quando são chamados a ver um paciente tão desesperadamente doente que se encontra inconsciente de sua dor e sofrimento. Tivemos que descrever às mulheres sua própria condição, explicar-lhes os fardos que pesavam tanto sobre elas e, por esses meios, como uma irritação benéfica, despertamos a opinião pública sobre o assunto e, através da opinião pública, tomamos medidas frente ao Poder Legislativo." - Ernestine Rose, em "História do Sufrágio Feminino", 1860

“Todo conhecimento se origina na percepção do mundo objetivo externo através dos órgãos dos sentidos físicos do homem. Aquele que nega tal percepção, nega a experiência direta ou nega a participação pessoal na prática que muda a realidade e não é um materialista.” - Mao Tsetung, “Da Prática”, 1937

“Você não pode dar às pessoas um programa até que elas percebam que precisam de um e até que percebam que todos os programas existentes não estão… produzindo… resultados. O que gostaríamos de fazer… é abordar o nosso problema e apenas analisar… e questionar as coisas que você não entende para que possamos…ter uma ideia melhor do que estamos enfrentando. Se você der às pessoas uma compreensão completa do que as confronta e das causas básicas que as produzem, elas criarão seu próprio programa; e quando as pessoas criam um programa, o resultado é ação.” - Malcolm X, 1964

***

SEIS ANOS MAIS TARDE

Desde 1967, alavancar consciências se tornou um dos primeiros programas, principalmente educacional, para o Movimento de Libertação das Mulheres.

Grupos feministas e mulheres que no início não acreditavam que necessitavam aumentar suas consciências, agora estão todas praticando. Conforme a proposta de alavancar consciências foi se popularizando, muitos grupos e indivíduos se envolveram e o objetivo se modificou, tomando novos sentidos.

Assim, o termo alavancar consciências foi amplamente empregado em contextos contraditórios. Um artigo do New York Times recente utilizou o termo “uma curiosa sessão para alavancar consciências” ao

se referir a uma reunião convocada por Henry Kissinger entre as maiores redes de telecomunicação e o Secretário de Estado para discutir o conteúdo de suas programações.

Até mesmo dentro do Movimento de Libertação de Mulheres havia vários tipos de propostas para alavancar consciências; pessoas que são tidas como “especialistas nesse campo” e pessoas que estão desenvolvendo alguns tipos de diretrizes e regras sobre o uso da expressão. E assim, o propósito original de alavancar consciências — sua ligação com as mudanças revolucionárias para as mulheres — frequentemente perde-se no meio do caminho. É exatamente por isso que olhar para as origens do movimento de alavancar consciências proporciona uma perspectiva muito interessante.

O objetivo do Movimento de Libertação de Mulheres era derrotar a supremacia masculina e alcançar equidade para as mulheres. Nós acreditamos que essa era uma tarefa enorme. Como abordá-la, então? O que parecia ser necessário era exatamente alavancar consciências sobre a opressão.

As Instituições da supremacia masculina e suas forças de discriminação contra a mulher, que a conscientização buscava criticar, se adaptaram sem dificuldades às críticas. E, agora, a oposição à conscientização vem frequentemente disfarçada de apoio, total ou parcial. As instituições estão tentando modificar a conscientização, enfraquecendo-a, diluindo-a, para que, ao remover sua força, ela não provoque mais mudanças.

Voltar para as fontes, para suas raízes históricas, para o trabalho que colocou todo o movimento em marcha, é uma das formas de lutar contra esse processo.

A fonte do poder de alavancar consciências sobre a opressão feminina está no comprometimento com o método radical e soluções radicais.

O que de fato aconteceu no programa inicial de conscientização que o tornou tão provocador foi que o pensamento por trás dele, a literatura que o grupo original produziu, fez dessa experiência a essência de onde todos os outros ensinamentos brotaram.

Retornando às raízes históricas, podemos descobrir também o que poderia ter havido de equívoco no pensamento original que permitiu que algumas tentativas de organização tenham se perdido pelo caminho. Porém, qualquer modificação na ideia inicial deve ser feita almejando que a ferramenta de alavancar consciência se torne mais incisiva ao invés de mais suave.

***

ANALISANDO AS FONTES ORIGINAIS

As pessoas que iniciaram o processo de alavancar consciências não se viam como iniciantes na política, tampouco, em vários casos, no feminismo. E, no entanto, elas propunham alavancar consciências sobre a opressão feminina não apenas para as verdadeiras iniciantes, mas também para si mesmas.

A conscientização era vista, portanto, tanto como um método de se chegar à verdade quanto uma forma de ação e organização. Era uma forma das próprias organizadoras poderem fazer uma análise da situação e uma ferramenta a ser utilizada por aquelas que elas estavam organizando — e que por sua vez viriam a organizar mais pessoas. Igualmente, a conscientização não era vista apenas como um estágio no desenvolvimento feminista, que daria lugar a uma fase

subsequente, uma fase de ação, mas sim como uma parte essencial da estratégia global feminista.

Para dar início a uma conscientização, nós, organizadoras, priorizamos nossas ações e nossas iniciativas políticas. De certa forma, nós víamos isso como uma fase inicial — despertar as pessoas para esses assuntos, para que elas começassem a refletir e a agir. Mas nós também víamos o alavancar de consciências como uma fonte permanente e contínua de teorias e ideias para ações.

Nós supusemos que a maioria das mulheres não era diferente de nós — suposição básica para alavancar consciências — de modo que discutir assuntos que nos diziam respeito, assuntos que nos assolavam, também interessariam às outras mulheres. Ter a ousadia de falar de nossos sentimentos e experiências seria muito poderoso. Nosso próprio processo de alavancar uma consciência feminista nos levou à essa suposição ao revelar que toda as mulheres enfrentam opressões na sua condição de mulher e que todas têm interesse em colocar um fim a essas opressões.

Apenas uma abordagem radical do feminismo nos interessaria, e às outras mulheres também, pois qualquer coisa menos que isso não mereceria nossos esforços. Nós sentíamos que outras mulheres responderiam a uma abordagem radical, mesmo que talvez elas não se identificassem como “radicais”, já que o uso indiscriminado da palavra levou a uma distorção do seu verdadeiro significado.

Desde o início, como pode ser visto no programa delineado em 1968, não existe um método único para alavancar consciências. O que realmente importa não é o método, mas sim os resultados. Os únicos “métodos” de alavancar consciências são, na sua essência, princípios. São os princípios básicos da política radical, os princípios de ir às fontes

originais, tanto históricas quanto pessoais, de voltar-se às mulheres e buscar a teoria e a estratégia na experiência vivida.

A experiência em alavancar consciências não pode ser julgada pelo conhecimento especializado em quaisquer métodos alegados, mas pela experiência na obtenção de resultados, na produção de insights e compreensão. É impressionante quantas pessoas, nas circunstâncias certas, podem repentinamente tornarem-se especialistas por esses padrões! Uma das descobertas emocionantes e conscientizadoras do Movimento de Libertação das Mulheres tem sido sobre a quantidade de conhecimento e compreensão que podem advir da simples honestidade e do acúmulo de experiências em uma sala cheia de mulheres interessadas em fazer exatamente isso.

A parafernália de regras e metodologia — o novo dogma do "A-C" (alavancar consciências) que cresceu em torno da conscientização à medida que se espalhava — teve o efeito de criar interesses próprios para os especialistas em metodologia, tanto profissionais (por exemplo, psiquiatras) quanto amadores. Várias "regras" formais ou "diretrizes" para a conscientização foram publicadas e distribuídas, com um ar de autoridade, em grupos de mulheres como se elas representassem o programa original de alavancar consciências. Mas novos conhecimentos são a fonte da força e do poder da conscientização. Os métodos existem simplesmente para servir a esse propósito: para serem alterados se não estiverem funcionando.

***

PRINCÍPIOS RADICAIS TRAZEM RESULTADOS

Nas reuniões, por exemplo, o objetivo por trás de ouvir o testemunho de cada mulher, uma prática comum e empolgante da

conscientização, era ajudar a manter o foco, trazendo a discussão de volta ao assunto principal, depois de explorar uma tangente, e ouvir a experiência do maior número de pessoas possíveis sobre o leque de experiências comuns.

O propósito de ouvir a todas as mulheres nunca foi sobre ser agradável ou tolerante, ou para desenvolver capacidades comunicativas ou “capacidade de escuta”, mas sim de se aproximar da verdade. O conhecimento e a informação permitiriam que as pessoas pudessem “falar”.

O objetivo de ouvir os sentimentos e a experiência das pessoas não era terapia, não era para dar a alguém a chance de desabafar… isso é o objetivo de uma amizade. Nosso objetivo era ouvir o que ela tinha a dizer. A importância de ouvir os sentimentos de uma mulher era para coletivamente analisar a situação das mulheres, não a analisar como pessoa.

A finalidade não era mudar as mulheres, não era provocar nelas “mudanças internas”, exceto no sentido de expandir seus conhecimentos. Nosso objetivo era e é a condição que as mulheres se encontram, e o que queremos mudar é a supremacia masculina.

Embora geralmente seja muito provocativo, fascinante e informativo, “dar a palavra a todas as mulheres presentes” pode se tornar fatal e nada informativo, podendo até mesmo derrotar o objetivo da conscientização quando nos deparamos com regras rígidas como “sem interrupções”, “sem tangentes”, “sem generalizações”.

O objetivo de conscientizar nunca foi acabar com generalizações, mas sim para produzir outras generalizações mais verdadeiras. A ideia era levar nossos próprios sentimentos e experiências mais a sério do

que quaisquer teorias que não os esclarecessem satisfatoriamente, e criar novas teorias que refletissem as reais experiências, sentimentos e necessidades das mulheres.

A conscientização, portanto, não é um fim em si nem um estágio a ser alcançado, mas um meio para um fim distinto.

É uma parte substancial de um compromisso bastante abrangente que visa obter e garantir mudanças radicais para as mulheres na sociedade. A visão da conscientização como um fim em si mesma — que é o que acontece quando a conscientização é transformada em uma metodologia, uma psicologia — é uma distorção tão severa e destrutiva da ideia e do poder original da arma que é a conscientização, quanto encarar a conscientização apenas como um estágio. Como disse Michal Goldman: "*eu me canso das pessoas que estão sempre experimentando, nunca descobrindo nada; sempre examinando, mas nunca vendo — sempre mudando, sempre permanecendo as mesmas*".

Tampouco alavancar consciências, como sugerem alguns, pressupõe que o aumento da conscientização, conhecimento ou educação, por si só, elimine a supremacia masculina. A conscientização através da experiência compartilhada nos ensina que para se descobrir a verdade — para que se possa dar nome ao que realmente está acontecendo — é necessário, mas por si só insuficiente, para provocar mudanças. Com maior compreensão descobrimos uma necessidade nova de agir — e novas possibilidades de ação.

Para encontrar a solução para um problema é necessário tanto a teoria quanto a ação. Uma leva à outra, mas ambas são igualmente necessárias. Do contrário, o problema nunca será realmente resolvido.

***

ATIVISMO IRRACIONAL

O objetivo da conscientização era chegar às verdades mais radicais sobre a situação das mulheres, a fim de tomar ações radicais; mas o apelo à “ação” pode ser, às vezes, uma maneira de impedir a compreensão — e de impedir ações radicais.

A ação acontece quando nossa experiência é finalmente verificada e esclarecida.

Há uma tremenda energia na conscientização, um entusiasmo voltado para se chegar à verdade das coisas, descobrir o que realmente está acontecendo. O ato de se aprender a verdade pode levar a vários tipos de ação, e essas ações por sua vez levarão à outras verdades.

***

UMA PERGUNTA PARA ALAVANCAR CONSCIÊNCIAS

> *Essa reunião foi realizada … numa tentativa de educar os jovens padres revolucionários sobre os fundamentos das relações e consciência de classe, para que eles pudessem, como eles mesmos disseram, “chegar à raiz da calamidade”. … A reunião durou três dias e foram discutidas três questões importantes: (1) Quem depende de quem para viver? (2) Por que os pobres são pobres e os ricos são ricos? (3) O aluguel deve ser pago aos proprietários? …*
>
> *Quando no terceiro dia a reunião terminou, as três principais questões haviam sido respondidas na mente da maioria: (1) A própria subsistência dos proprietários depende do trabalho dos camponeses (2) Os ricos eram ricos porque “descascavam e*

> *aparavam" os pobres. (3) aluguéis não devem ser pagos aos proprietários. - William Hinton, FANSHEN, 1966*

No entanto, nenhuma mudança específica no comportamento pessoal de uma mulher, nem nenhuma ação ou estratégia específica, são pressupostas. Pela própria lógica, nenhuma ação pode ser antecipadamente exigida na conscientização, a menos que um grupo esteja usando a conscientização especificamente para levantar ideias para uma ação. A ideia é estudar o caso específico para determinar que tipos de ações, individuais e políticas, são necessárias.

Isso também é verdade na prática. Se as mulheres recearem que terão de agir sobre o que estão falando, especialmente agir sozinhas, como indivíduos, elas ou não falarão sobre nada que não estejam prontas para agir, ou não serão sinceras em suas falas.

Ademais, parte do motivo pelo qual a conscientização é uma abordagem radical é o fato de que não se espera que as mulheres tomem medidas imediatas. Não podemos limitar o pensamento ou a nossa ação apenas àquilo que podemos fazer imediatamente. É necessário agir, mas geralmente a ação deve ser planejada — e protelada.

Nossa ideia inicial era de que alavancar consciências — por meio de grupos de conscientização e ações públicas — despertaria cada vez mais mulheres para uma compreensão de quais eram seus problemas e que elas, por sua vez, começariam a agir, tanto individual como coletivamente. E isso indubitavelmente aconteceu em uma escala sem precedentes.

Obviamente, mais poderia ter sido feito e resolvido com uma maior unidade e organização. Mas as pessoas precisam aprender isso, e há

cada vez mais a se aprender sobre quais métodos de organização e ação precisamos.

Da mesma forma, mais ainda pode ser feito para esclarecer nossos objetivos e definir nossos obstáculos; estabelecer conexões entre a opressão das mulheres e outros sistemas de opressão e exploração; analisar a experiência de nossas vidas pessoais e no movimento. Ler sobre a experiência de luta de outras pessoas e conectá-las a nossa. A conscientização nos manterá no caminho, avançando o mais rápido possível em direção à libertação das mulheres.

***

“Precisamos redefinir a existência e a energia da mulher para descobrir a verdade. Isso deve incluir análises da sociedade, mulher e vida; as relações entre mulheres e homens e seus relacionamentos com a sociedade; cultura e sociedades da maternidade e sua destruição; a causa do desenvolvimento da mentalidade patriarcal; os métodos usados pela mitologia, religião, filosofia e ciência e sua abordagem à existência da mulher.

É importante a teoria ou a prática? Se não houver prática da vida, as teorias perderiam seu valor. Se a teoria não puder ser coletiva e social, permaneceria no nível individual e apenas nos papéis da história. Uma teoria alternativa pode ser eficaz apenas através de renovações contínuas e vivas. (…)

(…) Movimentos sociais e políticos alternativos que pretendem combater o sistema ainda permanecem no campo de prover “caridade ou apoio” a movimentos de outras áreas do mundo. Eles permanecem fracos quando se trata de complementarem-se uns aos outros como atores.

A luta contra a ocupação, o fascismo e o patriarcado não pode ser feita apenas pela reação. No entanto, a luta contínua contra a mentalidade patriarcal e as mentalidades tradicionais entre as mulheres deve começar com críticas e autocríticas.”

Necîbe Qeredaxî em “Contra a Divisão das Questões Sociais: uma perspectiva desde a Jineolojî” (Komun Academy, 2018)

“(…) o Movimento de Libertação das Mulheres abriu dois caminhos, um de prazer — o choque alegre de se apaixonar por mulheres, mulheres como tal, uma série de mulheres — e um de profunda raiva e dor numa afiada consciência politizada da violência masculina e exploração sexual de mulheres e crianças.”

- Cynthia Cockburn

A fuga para o Feminismo Cultural

Brooke Williams (1978)

Muitas mulheres sentem que o movimento de mulheres está atualmente num impasse. Este artigo considera que isso se deve a uma desradicalização e distorção do feminismo que resultou, entre outras coisas, no "feminismo cultural".

O feminismo cultural é a crença de que as mulheres serão libertadas por meio de uma cultura alternativa de mulheres. Isso leva a um foco no estilo de vida e na "libertação pessoal" e se desenvolveu às custas do feminismo, mesmo que se autodeclare "feminista radical".

A expressão "feminista cultural" foi originalmente usada para atacar mulheres radicais que estavam expondo questões supostamente pessoais, como sexo e trabalho doméstico, como questões políticas e de libertação das mulheres. Vi a frase ser utilizada pela primeira vez num artigo em "*Women: A Journal of Liberation*" (Vol. 2, № 4), de Elizabeth Diggs, que se autodenomina uma "feminista socialista". As feministas socialistas cunharam a frase e a usaram de forma intercambiável com "feminista radical", em seus esforços para caracterizar o feminismo como não-político. O termo feminismo cultural e feminismo radical, juntamente com aquele, foi então adotado por mulheres que realmente têm uma visão não-política do feminismo.

***

DESENVOLVIMENTO DO FEMINISMO CULTURAL

O feminismo cultural começou de fato no movimento de mulheres com a dissolução da Nova Esquerda, por volta de 1970, e refletia a ênfase política decrescente da Nova Esquerda. Da mesma forma, a "contracultura", que floresceu ao longo dos anos 60, ganhou um impulso com a repressão da Nova Esquerda. O feminismo cultural é um descendente direto da contracultura, adotando as tendências antidrogas e de volta à natureza tão prevalecentes nessa última.

As tendências existentes no movimento de mulheres ajudaram nisso. O feminismo tem sido continuamente e deliberadamente desradicalizado. Isso foi feito de várias maneiras: através da mudança da definição de feminismo radical; censurando o feminismo militante inicial na imprensa; e através da restrição de feministas militantes, principalmente por meios indiretos, acusando de ataques pessoais ao invés de ataques políticos.

As mulheres militantes que criaram o Movimento de Libertação das Mulheres basearam seu trabalho e teoria organizadores na premissa de que todas as mulheres são oprimidas como mulheres e que a libertação pessoal era impossível. O conceito de "mulher empoderada" ou "estilo de vida liberado" foi refutado pela análise feminista radical da opressão comum das mulheres como classe. O lócus da opressão das mulheres, portanto, não é cultura, mas poder: o poder de classe dos homens.

Como a opressão das mulheres é uma questão política que afeta todas as mulheres, é necessário que as mulheres criem um movimento de mulheres massivo e político para derrubar a supremacia masculina.

Outra teoria, cada vez mais pressionada à medida que o próprio feminismo cresce, isenta os homens de qualquer responsabilidade, exceto a psicológica (se houver), pela opressão das mulheres e culpa tudo isso vagamente em “papéis sexuais” ou “sociedade”. A ideia é que nossa opressão é puramente psicológica e a maneira de sair dela é desenvolver um “senso de si mesma” e ver como “homens também são oprimidos” pelos papéis sexuais.

Essa teoria promove uma “Revolução do Papel Sexual” em vez de uma verdadeira revolução feminista, oculta o antagonismo de classe entre homens e mulheres e substitui a mudança de poder pela mudança cultural. Ela amplamente substituiu o feminismo radical como a ideologia da maioria do movimento de mulheres, adotando o nome feminismo radical.

A mídia feminista reflete a opinião do movimento. Porém, também ajuda a formar, e é aí que entra a despolitização da mídia. As primeiras publicações periódicas (1968–1971) do movimento de mulheres estão cheias de notícias de ações e novas ideias, dando uma sensação de dinamismo que é conspicuamente ausente em publicações posteriores (com algumas exceções).

Em 1972, as ideias radicais do feminismo estavam em evidência em praticamente lugar nenhum. A expressão “feminista radical”, contudo, estava em toda a parte. “Feminista radical” é amplamente utilizada como termo descritivo — mas para descrever o feminismo cultural. (Ocasionalmente, feministas socialistas aplicam o termo a si mesmas também.)

Na maioria dos artigos que pretendem fornecer visões ideológicas do movimento de mulheres, três categorias são listadas: feminismo reformista (política do tipo da NOW), feminismo cultural (frequentemente chamado feminismo radical) e feminismo socialista

(esquerda masculina). O feminismo radical genuíno é totalmente deixado de fora. A censura de ideias feministas radicais é associada à mistificação, chamando diversas coisas de “feministas radicais” quando elas não são. Assim, frases feministas radicais como “alavancar consciências” e “o pessoal é político” são usadas, mas as definições radicais originais e os documentos originais não são. Ambos os termos, de fato, foram distorcidos muito além do reconhecimento.

As mulheres se envolvem no feminismo cultural por meio de quatro motivações gerais, que obviamente se sobrepõem. A maioria das feministas culturais nunca foram muito políticas para começar. Muitas delas estão no movimento de mulheres porque virou moda e o feminismo cultural é a coisa mais fácil de entrar. As mulheres que se envolvem em outros grupos, são queimadas (principalmente de esquerda) e se refugiam no feminismo cultural. As lésbicas que se recuperam de uma sociedade hostil e de um movimento de mulheres hostis se refugiam no feminismo cultural, porque pelo menos aqui elas podem ser aceitas. Algumas mulheres se envolvem porque os únicos grupos de outras mulheres em sua área são grupos como o NOW, e o feminismo cultural parece mais radical (“mais radical” é equiparado a “menos reformista”).

Os principais baluartes do feminismo cultural são os centros femininos. A maioria foi formada como um lugar para as mulheres se reunirem socialmente, com pouca pretensão de quaisquer motivações políticas. Eles são dirigidos por grupos de afinidade e têm reuniões sociais, na maioria das vezes frequentadas por panelinhas de amizade que permanecem no centro[1]. Outros centros de feminismo cultural

---

[1] O problema com os centros femininos não é simplesmente quem os dirige. Suas estruturas militam contra a iniciativa política. O centro típico de mulheres é uma federação de grupos de questões únicas (projeto) pouco conectadas, que raramente,

são as universidades (consulte a maioria dos grupos de mulheres do campus), comunidades de mulheres e centros de arte (culturais) de mulheres.

ESTILO DE VIDA OU… "ESTÁ TUDO NA SUA CABEÇA, MANA"

Qualquer pessoa que tenha tido contato com feministas culturais sabe que como vivemos e com quem vivemos é mais importante do que qualquer política que possamos adotar. De fato, se não vivermos da maneira certa, seremos vistas como ignorantes e sem liberdade.

Viver da maneira certa é a política. A posição política é que, se nosso estilo de vida for suficientemente puro e criarmos situações "alternativas" suficientes, a revolução chegará magicamente e tudo opressivo entrará em colapso automaticamente por meio de boas vibrações acumuladas. Enquanto isso, modelos pós-revolucionários devem ser fornecidos para todos os não liberados existentes na sociedade pré-revolucionária. O estilo de vida "liberado" e as mulheres envolvidas nele serão o modelo.

Essa teoria baseia-se no modelo liberal de educação e na "mudança de imagem" (autoimagem e imagem de grupo) da mudança social, que também aparece na contracultura masculina e no papel sexual. Ela se recusa a lidar com as realidades da supremacia masculina de que todas as mulheres, incluindo aquelas que substituem política por estilo de vida, têm de lidar. Elas lidam com a supremacia masculina retirando-se dela e fingindo que não existe.

---

se é que chegam a fazê-lo, operam juntas em alguma coisa. As energias daquelas que trabalham nos centros femininos são absorvidas pela manutenção do centro ou são desviadas para grupos de projetos.

Definir situações "alternativas" não funciona, na verdade. A maioria das alternativas atinge muito poucas pessoas. Elas precisam lutar apenas para se manter operantes, quem dirá alcançar as outras.

A recente onda de negócios feministas é algo semelhante. Embora essas empresas possam fornecer serviços úteis e apoiar financeiramente as pessoas (dependendo de sua situação e função), elas não podem ser vistas como uma solução para a opressão das mulheres. Há algo inquietante nas mulheres que promovem a ideia de pequenas lojas como o caminho para a libertação, quando a economia já as ultrapassou há muito tempo.

A concentração em "alternativas" faz com que um movimento renuncie à derrubada da sociedade ao redor por uma convivência pacífica. E as probabilidades de cooptação de instituições alternativas são notórias.

Há uma crença de que a revolução chegará inevitavelmente e tudo o que precisamos fazer é sentar e esperar por ela. Uma coisa que encontrei em comum em todos os reformistas e revolucionários de sucesso no passado é que eles trabalharam duro para preparar uma revolução. (Se não fizermos o nosso trabalho, alguém poderá fazê-lo — e esse alguém pode muito bem ser nosso inimigo.)

Muitas feministas culturais concordam que a revolução é necessária. "*Mas*", dizem elas, "*a revolução vem como resultado de pequenas mudanças que as pessoas fazem em suas próprias vidas, não em cataclismos*". Por "pequenas mudanças", elas querem dizer mudanças individuais, mudanças no estilo de vida. Nossa história não carece de mulheres fortes e individuais que fizeram grandes mudanças em suas próprias vidas (e às vezes na vida de outras pessoas) contra todas as probabilidades. Mas não conheço um caso em que essas mulheres individuais, sem um forte movimento feminista ao seu

redor, mudassem os padrões de vida da maioria das mulheres que apontam, ou mesmo se libertaram. No máximo, elas serviram como exemplos inspiradores. As feministas culturais veem sua principal função como exemplos inspiradores.

Nesse ponto, surge o argumento de que se toda mulher fizesse essas pequenas mudanças… Esse argumento mostra uma falta de entendimento da abrangência da supremacia masculina. Mudanças individuais, não importa quantas pessoas as façam, não podem ir além de mudanças mínimas, a menos que as estruturas políticas e econômicas mais amplas da supremacia masculina também sejam alteradas. O argumento delas parece uma boa maneira de dizer: vá devagar, não se mova muito rápido. As feministas culturais estão esperando que todas se tornem perfeitas antes de fazer qualquer coisa, o que certamente garante que elas nunca farão nada.

Se soluções para nossos problemas pudessem ser encontradas em mudanças individuais ("juntando nossas cabeças"), não precisaríamos de um movimento. Se temos um movimento político, ele não existe para pequenas mudanças, mas para grandes.

É aparente que a ênfase no estilo de vida segue uma ênfase na genuína mudança social. Apesar da conversa, as feministas culturais não acreditam na possibilidade de uma revolução ou querem uma. Sua posição política mostra uma crença de que a revolução (ou tentar uma) é fútil e, portanto, elas devem obtê-la onde puderem.

***

"UM EXÉRCITO DE AMANTES NÃO FALHARÁ" — PERDER

A ascensão do lesbianismo como uma questão dentro do movimento de mulheres coincidiu com a ascensão do feminismo cultural. Os dois tiveram um impacto mútuo no desenvolvimento um do outro e se misturaram até certo ponto.

Lésbicas envolvidas no feminismo cultural que adotam a linha "lesboradical" tendem a vir de dois lugares diferentes. Muitas separatistas lésbicas vieram diretamente da esquerda masculina e de suas colônias no movimento de mulheres (Mulheres Anti-imperialistas, Pão e Rosas, etc.) para o separatismo lésbico por volta de 1971, sem realmente passar pelo feminismo. A maioria dessas mulheres, antes da Grande Mudança, era heterossexual, antilésbica e antifeminista. Elas ainda são antifeministas. Elas se tornaram anti-heterossexuais em oposição à supremacia antimasculina.

Usando uma versão lésbica da linha da esquerda masculina, que enfatiza as divisões entre as mulheres por causa das relações das mulheres com os homens, elas concluíram que as mulheres não podiam e não deveriam se reunir como mulheres. Essas mulheres ainda estão atuando no movimento de mulheres como colonizadoras para benefício da esquerda masculina.

Outro grupo de lésbicas que se envolveu no feminismo cultural são mulheres que sempre foram lésbicas (ou bissexuais), mas que não são de todo políticas, ou se foram, foram da seção dos direitos civis (para homossexuais). Muitas dessas mulheres já trabalhavam com a Libertação Gay e tendem a se identificar mais como homossexuais do que como mulheres. Elas também ignoravam o feminismo. Seu lesbianismo sempre enfatizou a solução pessoal, e elas estão envolvidas principalmente no feminismo cultural para uma vida social melhorada e uma alternativa à cena do bar.

A versão lésbica do feminismo cultural tem dois lados:

1. Ser lésbica é, por si só, suficiente para ser feminista. Isso é favorecido pelas mulheres mais orientadas para a vida social.
2. É preciso ser lésbica para ser feminista. Isso é favorecido pelas separatistas orientadas pela esquerda masculina. O lesbianismo é confundido com o feminismo ou colocado acima dele.

Na melhor das hipóteses, é o feminismo cultural apolítico, passando a ser considerado feminismo radical. Na pior das hipóteses, é uma eliminação antipolítica do feminismo com o objetivo do lesbianismo universal substituído pelo objetivo da libertação das mulheres. Pode se tornar abertamente antifeminista, como acontece com "*O feminismo é a queixa e o lesbianismo é a solução*", de Jill Johnston. Ou a prática do feminismo se identifica com o lesbianismo como com o lema "*O feminismo é a teoria, o lesbianismo é a prática",* como sugeriram Ti-Grace Atkinson e Rita Mae Brown. O pensamento político é evitado, substituído por uma ênfase no estilo de vida e na vida social.

A função do feminismo é criar mudança social, não vida social. Amigas, etc., podem ser uma consequência do feminismo, mas não seu objetivo. Esse uso do movimento de mulheres é oportunista e corrupto.

Atualmente, lésbicas reais constituem uma minoria de feministas culturais lésbicas. Mulheres heterossexuais, desencorajadas de serem honestas sobre sua orientação sexual, querendo estar "na" multidão, achando atraente o elemento rebelde no lesbianismo e tentando evitar o feminismo real, fizeram conversões milagrosas em massa. Há tantas 'lésbicas da moda' por aí, não é engraçado. Essas mulheres usaram, machucaram e expulsaram muitas lésbicas sérias do movimento de mulheres. Muitas mulheres heterossexuais (que são

muito honestas e não são facilmente intimidadas) também deixaram o movimento de mulheres organizado. (Algumas fanáticas também se foram.)

Os escritos atuais do movimento sobre o lesbianismo concentram-se em quão ótimo isso é, e não na análise objetiva, honesta e política do lesbianismo. O movimento lésbico (como ele é) agora é totalmente corrupto. Falando como lésbica, prefiro ver as mulheres serem honestas a se tornarem gays. Falando como mulher, prefiro ver uma mulher se tornar feminista do que lésbica.

A MÁFIA DA SORORIDADE

Nos estágios iniciais do movimento de mulheres, a sororidade significava que reconhecíamos que as mulheres são uma classe e isso era algo que nos dava um terreno comum e razões para nos unir politicamente.

O poder das flores chegou ao movimento de mulheres, e o que começou como um slogan político agora significa amar a todas. E "amar", no novo vocabulário, significa "relacionar". Como se relacionar muitas vezes implica sexualidade, isso alimenta o culto lésbico e vice-versa. De qualquer forma, temos que "nos relacionar" com todas as mulheres (na verdade, com todas as feministas culturais que sentem o desejo) que cruzam nosso caminho.

As situações comunitárias promovidas por muitas feministas culturais encorajam fortemente o "relacionamento". A falta de permissão para privacidade mental e física dificulta seriamente o trabalho. É impossível dedicar tempo ao trabalho sério e "se relacionar" também.

A insistência na “sororidade” fornece poderosas sanções sociais e políticas contra o desacordo (com feministas culturais!) ou a tomada de iniciativa. As mulheres da esquerda masculina usam muito a retórica da sororidade para mascarar diferenças políticas e se infiltrar em grupos feministas. As oportunistas usam pelos mesmos motivos.

Isso também tem sido relacionado à questão da liderança. Muitas mulheres viram a linha anti-liderança que surgiu como a causa de todos os problemas atuais do movimento de mulheres. A questão da liderança é de fato acadêmica. O objetivo principal da tendência anti-liderança era remover a liderança feminista militante original e substituí-la pela liderança feminista cultural. Na verdade, agora que as feministas culturais e oportunistas estão firmemente na sela, a liderança virou moda. As oportunistas agora conseguem evitar qualquer debate (e possível exposição) proclamando que aquelas que discordam delas são “líderes” ou agora “anti-líderes”. Mais uma vez, questões políticas não são investigadas e motivações psicológicas são impostas.

Se queremos um movimento político, devemos julgar nossas colegas de trabalho pelas políticas delas, e é melhor julgarmos a política de todos, inclusive a nossa, se quisermos vencer.

O feminismo cultural, através da Máfia da Sororidade, muda o foco do movimento de mulheres, de conquistar nossa liberdade para ser uma “boa pessoa”. Promove o modelo de terapia da libertação (basta olhar para a disseminação da “terapia feminista”) e substitui organização política com rearmamento moral. A conclusão lógica do moralismo é a tendência matriarcal.

***

MATRIARCADO

O matriarcado é popular não apenas por causa de seus laços com o feminismo cultural, mas porque reconhece a necessidade das mulheres tomarem o poder. No entanto, prontamente mitologiza a ideia de poder, baseia-o na moralidade e o define no passado. Isso remove a ideia de libertação das mulheres da possibilidade real para uma utopia mítica, negando-a.

Ele se baseia em um passado desconhecido em vez de definir um futuro real. Sua estratégia e/ou objetivo é retirar-se da luta contra a supremacia masculina e criar uma comunidade de mulheres separada, o que provará aos homens o erro de seus caminhos, envergonhando-os com a moral superior das mulheres.

Essa é outra "instituição alternativa" — por quanto tempo vamos receber alternativas em vez do objetivo real?

Junto disso vem o argumento sobre Deus. O matriarcado volta à religião. Existem documentos dedicados a Deus como mulher. Em alguns deles, restaurar a adoração à deusa mãe é transformado no tema central do movimento de mulheres. O artigo de Jane Alpert "*Mãe Certa: Uma Nova Teoria Feminista*" é mais notório, mas o artigo de Robin Morgan "*Lesbianismo e Feminismo: Sinônimos ou Contradições*?" é um segundo próximo. A mulher pura pode se concentrar no céu e deixar os homens se concentrarem na terra. Questões celestes, se é que existe um céu, devem ser deixadas para aqueles que já estão lá.

O misticismo e a religião são baseados no fatalismo. O fatalismo vê como impossível a mudança feita por nós mesmas em condições concretas. Como tal, o fatalismo é absolutamente contrário à mudança revolucionária.

A tendência matriarcal é muito útil para as forças do fascismo, que promovem a busca pela Terra Prometida de alguma idade de ouro (seja no passado ou após a morte) para que as pessoas se envolvam, enquanto consolidam seu poder aqui e agora. Não acho que seja coincidência que essa coisa do matriarcado esteja sendo empurrada agora, com o aprofundamento da repressão.

O LADO REPENTINO — "FEMINISMO SOCIALISTA"

Enquanto as quimeras da contracultura assumiram o movimento de mulheres, o lado esquerdista masculino do movimento adotou o "feminismo socialista" para preencher a lacuna política — principalmente através de várias "ligas de mulheres" em todo o país. O feminismo socialista e o feminismo cultural, apesar das diferenças superficiais, conseguem coexistir muito bem.

Como as feministas socialistas veem as mulheres oprimidas como mulheres principalmente em nossas vidas privadas (psicologicamente) por meio de papéis sexuais, o feminismo também é visto pelos feministas socialistas como um fenômeno puramente de irmandade, estilo de vida, pessoal e doce, criado para facilitar um pouco a vida das barricadas e ajudar as mulheres no autodesenvolvimento.

As feministas socialistas veem o único ou maior problema para as mulheres, como mulheres, sendo o capitalismo ou a "sociedade", não a supremacia masculina ou mesmo o sexismo. Na verdade, elas não analisam o problema de forma diferente da classe trabalhadora como um todo. Assim, as mulheres devem se concentrar na luta contra o capitalismo, ao lado de seus "irmãos". O feminismo é empurrado para o lado e, no interesse de todos os homens da esquerda (os verdadeiros

"irmãos"!), não seria necessário ter o feminismo muito ameaçador e político.

Como o feminismo cultural, o feminismo socialista desradicaliza o feminismo ao se opor ao seu elemento político. Elas censuram o feminismo político em suas publicações, assim como as feministas culturais. (As feministas socialistas também atacam as ideias do feminismo radical — como um movimento independente das mulheres, os homens como opressores das mulheres — vinculando-as ao feminismo cultural e nunca dizendo que essas são duas posições diferentes no movimento de mulheres. Elas usam os erros óbvios do feminismo cultural para atacar o feminismo radical. Outra tática que elas usam, para agravar a confusão, é chamarem-se de feministas radicais de vez em quando.)

Como o socialismo radical está implícito no feminismo radical (e vice-versa), a remoção do feminismo genuíno tende a negar o socialismo genuíno. O feminismo socialista não apenas não tem uma definição clara de feminismo, mas também não tem uma definição clara de socialismo. Um socialista é definido por feministas socialistas como alguém que quer uma sociedade melhor com novas relações entre as pessoas, virtualmente uma definição de estilo de vida. O socialismo, como o feminismo, é "culturalizado" e despolitizado pelo feminismo socialista.

A combinação de socialismo e feminismo, dois dos movimentos mais radicais que existem, deve ser uma força mais potente. E isso (o feminismo socialista) não é. As feministas socialistas também não usam as partes radicais de ambas e acabam com uma doutrina liberal e oportunista.

RETIRANDO A POLÍTICA DA ANÁLISE

1. FEMINISMO SOCIALISTA

Atualmente, existem dois polos ideológicos representando as tendências predominantes dentro do movimento. Uma é em direção a novos estilos de vida dentro da cultura feminina, enfatizando a libertação e o crescimento pessoal, e o relacionamento das mulheres com as mulheres… A outra direção é aquela que enfatiza uma análise estrutural de nossa sociedade e sua base econômica. Ela se concentra nas maneiras pelas quais as relações produtivas nos oprimem… Como feministas socialistas, compartilhamos as análises pessoal e estrutural. ("Feminismo Socialista", Hyde Park Chapter Chicago Women's Liberation Union, 1972)

Uma premissa do feminismo socialista é que as mulheres são oprimidas de três maneiras: econômica, psicológica ou culturalmente. (Elizabeth Diggs, Women: a Journal of Liberation, 1972)

2. FEMINISMO RADICAL

"Após séculos de luta política individual e preliminar, as mulheres estão se unindo para alcançar sua libertação final da supremacia masculina (…) Como vivemos tão intimamente com nossos opressores, isoladas umas das outras, fomos impedidas de ver nosso sofrimento pessoal como uma condição política. Isso cria a ilusão de que o relacionamento de uma mulher com seu homem é uma questão de interação entre duas personalidades únicas e pode ser trabalhado individualmente. Na realidade, todo relacionamento é de classe e os conflitos entre homens e mulheres são conflitos políticos que só podem ser resolvidos coletivamente. (…) Os homens controlaram todas as instituições políticas, econômicas e culturais e apoiaram esse

controle com força física. Eles usaram seu poder para manter as mulheres em uma posição inferior. Todos os homens recebem benefícios econômicos, sexuais e psicológicos da supremacia masculina. Todos os homens oprimiram as mulheres.” (Redstockings Manifesto, 7 de julho de 1969)

***

“A separação de classes entre homens e mulheres é uma divisão política.” (The Feminists, 15 de julho de 1969)

O feminismo radical reconhece a opressão das mulheres como uma opressão política fundamental, na qual as mulheres são categorizadas como uma classe inferior com base em seu sexo. O objetivo do feminismo radical é organizar-se politicamente para destruir esse sistema de classes sexuais. (Anne Koedt, New York Radical Feminists Manifesto, December, 1969)

CONCLUSÃO

O feminismo cultural é, então, uma tentativa de transformar o feminismo de um movimento político em um movimento de estilo de vida. Suas expectativas em relação à “nova” mulher ideal refletem as antigas.

O feminismo cultural é uma tendência idealista e as mulheres têm sido oprimidas em nome dos ideais que esperam de nós por tempo demais. O feminismo cultural vê a ideologia como a causa da opressão. Evita toda a questão do poder, baseia seu pensamento no moralismo, na psicologia, nos papéis sexuais e na cultura e é fatalista em suas visões políticas. É, portanto, diretamente hostil à mudança revolucionária, uma vez que a revolução real lida direta e basicamente com o poder (como a política em geral) e com condições reais.

O ponto principal da opressão das mulheres não reside em nossas estrelas, estilos de vida, senso de nós mesmas ou papéis sexuais. Está em quem tem poder e quem não tem. Os homens têm poder e os benefícios que o acompanham, tudo às custas das mulheres. Os papéis sexuais podem ser mesclados ou até alterados, com a situação real de poder permanecendo a mesma.

Como o feminismo cultural sempre enfatizou o processo e não o conteúdo, e evitou olhar para onde estamos indo, transformou o movimento de mulheres em um movimento sem objetivos, um lugar onde as radicais temem pisar. O feminismo cultural serviu como desvio de nosso trabalho e como cortina de fumaça para a nossa opressão. As pessoas têm aproveitado bastante o feminismo cultural — em detrimento do movimento de mulheres.

Há duas coisas que podem acontecer: o feminismo radical pode evaporar, deixando uma escolha entre o reformismo, uma contracultura apolítica ou o velho esquerdismo masculino. Ou a polarização pode se desenvolver entre o feminismo radical e o feminismo cultural, relegando o último à margem do movimento.

Ao mesmo tempo, feministas radicais podem declarar claramente — e agir sobre — nossas diferenças com o reformismo e o “feminismo socialista”. É a segunda possibilidade que devemos promover se queremos que o movimento de mulheres seja uma força viável para as mudanças revolucionárias.

Luta comum e Revolução

(…) Acreditamos que é necessário repensar o conceito de solidariedade e internacionalismo, especialmente quando se trata de mulheres. Temos de nos aproximar da noção de luta comum para nos defender e não apenas mostrar solidariedade umas às outras.

É disso que se trata a revolução: encontrar soluções para os problemas da sociedade. Não pode haver libertação individual. Deve ser sempre um processo coletivo e deve haver uma dialética entre libertação individual e social. (…)

Assim, por um lado, as mulheres estão se organizando autonomamente e, por outro, estão participando igualmente de todos os desenvolvimentos e estruturas gerais. Isso requer um nível muito profundo da consciência das mulheres, da consciência de gênero. E isso não foi realizado dentro de um dia. Este foi um processo muito longo, que ainda está em andamento.

Quando disse que a revolução das mulheres estava determinando a libertação de toda a sociedade, o mesmo se aplica às relações entre o movimento das mulheres e o movimento geral. Se o movimento das mulheres é forte, o movimento geral também é forte. Se for fraco, toda a revolução será fraca. É assim que é.

Por isso, para nós é muito importante, como movimento de mulheres, fortalecer-nos ideologicamente, praticamente, politicamente… aprofundar o nível de organização autônoma, conhecimento e consciência, para poder desempenhar nosso papel histórico dentro de nosso movimento de libertação nacional e também universalmente.

Trecho de "A revolução das mulheres no século XXI: da solidariedade à luta comum" (Komun Academy, 2019)

Organização Política do Movimento Feminista

Jo Freeman (1975)

Um movimento social é um fenômeno muito complexo e pouco compreendido. Envolve várias misturas de ingredientes espontâneos e estruturados, visando alguma combinação de mudança pessoal e/ou institucional. Assim, muitas vezes é difícil desvendar os fatores salientes que determinam seu caráter e a natureza de suas atividades.

Em grande parte da literatura sociológica, uma organização de movimentos sociais é frequentemente confundida com o próprio movimento social. Assim, a orientação, os objetivos e até o sucesso do movimento são julgados pelos da organização. Isso geralmente leva a avaliações erradas.

Embora exista certamente uma relação entre os dois, é imperfeita, mutável com o tempo, e a inevitável concentração de um estudo sobre uma organização de movimento não deve ser confundida com uma análise minuciosa do próprio movimento. Consequentemente, o estudo da organização de um movimento não é necessariamente o estudo de sua estrutura. Toda coletividade tem uma estrutura; nem toda coletividade tem organizações. Os movimentos sociais geralmente têm estruturas informais e organizações formais.

Ao contrário das organizações comuns, as organizações de movimentos estão operando para mudar a sociedade na qual se originam, não se adaptando às suas necessidades. Assim, seu ambiente é frequentemente hostil e cria pressões organizacionais desconhecidas para grupos menos ameaçadores. Em segundo lugar, sua base de recursos é diferente. Os números, os tipos e o comprometimento de seus apoiadores são, em última instância, tudo

com o que podem contar. Outras organizações, especialmente as voluntárias, também confiam nesses fatores, mas raramente de maneira tão completa.

A falta de legitimidade de uma organização de um movimento social e sua dependência do tipo de compromisso da sua base social inevitavelmente a tornam muito mais uma criatura de seu ambiente do que uma organização tradicional. Esse ambiente é duplo, consistindo tanto da sociedade em geral quanto dos partidários do movimento em particular, e muitas vezes é inconsistente em suas demandas.

No entanto, uma organização de movimento social não é apenas uma criatura de seu ambiente; tem sua própria dinâmica interna, seus próprios valores e suas próprias estruturas. E, como a maioria das organizações, não é a-histórica. A maneira como uma organização é estruturada no começo "carrega os dados" não apenas por seus objetivos, mas também por sua estratégia de como alcançá-los. Assim, é preciso olhar para o processo de crescimento e mudança de uma organização de movimentos sociais como o resultado de três grandes influências:

a) os valores e normas herdadas dos criadores e as maneiras pelas quais estes moldam o desenvolvimento futuro do movimento;
b) a dinâmica interna da organização e os diferentes subgrupos dentro dela; e
c) os efeitos e a estrutura ambiental das oportunidades de ação disponíveis.

Embora o movimento de libertação das mulheres hoje se manifeste em uma variedade quase infinita de grupos, estilos e organizações, sua estrutura geral reflete o fato de que tinha duas origens distintas, gerando dois estilos diferentes de organização e orientação. A

primeira origem pode ser datada da formação da Organização Nacional para as Mulheres (NOW) em 1966 por mulheres associadas às Comissões Presidenciais e Estaduais sobre o Estatuto da Mulher. A segunda origem foi do outro lado do hiato de geração, por mulheres jovens — geralmente não-estudantes — envolvidas nos movimentos de direitos civis e jovens da última década.

Os dois ramos resultantes são estruturados de maneiras distintas. O que eu chamo de ramo mais antigo do movimento (porque começou primeiro) possui várias proeminentes e numerosas organizações centrais menores. A estrutura de grupos como NOW, *Women's Equity Action League* (WEAL — Liga de Ação das Mulheres pela Equidade), *Federally Employed Women* (FEW — Mulheres Servidoras Federais) e cerca de 50 diferentes organizações e grupos de mulheres profissionais tendem a ser tradicionalmente formais, geralmente contendo núcleos locais e corpos diretores nacionais com representantes eleitas, conselhos de diretoras, estatutos e outras armadilhas do processo democrático. Todas começaram como organizações nacionais topo-base sem uma base de massas. Alguns desenvolveram posteriormente uma base de massa, alguns ainda não o fizeram e outros não o querem.

A estrutura do ramo mais novo, por outro lado, pode ser melhor vista como uma rede descentralizada, segmentada e reticulada de grupos autônomos. Sua unidade básica é o pequeno grupo de cinco a trinta mulheres unidas por uma rede muitas vezes tênue de contatos pessoais e publicações feministas. Esses grupos têm várias funções, mas um estilo muito consistente. Suas características comuns são uma falta consciente de organização formal, uma ênfase na participação de todos, um compartilhamento de tarefas e a exclusão dos homens. Os milhares de núcleos-irmãos em todo o país são praticamente independentes uns dos outros, ligados apenas por numerosas

publicações, correspondência pessoal e viajantes transnacionais. Eles se formam e se dissolvem a tal velocidade que ninguém consegue rastreá-los.

Com o tempo e o crescimento, as redes de comunicação informais foram estratificadas parcialmente em linhas funcionais, de modo que dentro de uma única cidade as participantes de, vamos dizer, uma clínica de saúde feminista saberá menos sobre os diferentes grupos em sua própria área do que sobre outras clínicas de saúde de diferentes cidades. Algumas cidades, principalmente as menores, têm um comitê de coordenação que tenta manter a comunicação entre os grupos locais e canalizar as recém-chegadas para os grupos apropriados, mas nenhum desses comitês exerce qualquer poder sobre as atividades, menos ainda nas ideias, de qualquer um dos grupos que serve.

Essa falta consciente de hierarquia significa que os grupos compartilham uma cultura comum, mas são politicamente autônomos. Mesmo dentro dos grupos, os limites da autoridade e o processo de tomada de decisão são geralmente difusos e difíceis de discernir. Os grupos não são puramente democráticos, e geralmente há uma estrutura de poder, mas é apenas evidente ocasionalmente com eleições, votações e designações autoritárias. Em vez disso, a maioria dos grupos nesse ramo do movimento adotou informalmente uma política geral de "falta de estrutura".

É um erro comum tentar colocar os dois ramos no espectro tradicional esquerda-direita. Os termos "reformista" e "radical" pelos quais eles são tão frequentemente designados são convenientes e se encaixam em nossas noções pré-concebidas sobre a natureza da organização política, mas não nos dizem nada de relevante.

Se uma tipografia ideológica fosse possível, mostraria consistência mínima com qualquer outra característica. Alguns grupos frequentemente chamados de “reformistas” têm uma plataforma que mudaria tão completamente a nossa sociedade que seria irreconhecível. Outros grupos chamados “radicais” concentram-se nas preocupações femininas tradicionais de amor, sexo, filhos e relações interpessoais (embora com visões não-tradicionais). A divisão mais típica do trabalho, ironicamente, é que aqueles grupos rotulados como “radicais” se dedicam principalmente ao trabalho educacional, enquanto os chamados “reformistas” são os ativistas.

Como os dois ramos estão preocupados com os mesmos problemas, a comparação da organização pode ser separada de um exame de ideologia. No entanto, eles desenvolveram ênfases radicalmente diferentes e estratégias diferentes.

Essas diferenças podem ser explicadas menos pelas diferenças no que acreditam do que pelas diferenças na estrutura. O movimento começou sem uma ideologia e ainda tem apenas os rudimentos de uma. A ideologia feminista desempenhou um papel insignificante no desenvolvimento de suas estruturas e estratégias, embora as ideias não-feministas tenham sido adaptadas do contexto político no qual cada ramo cresceu, o que afetou seu estilo organizacional.

As diferentes estratégias de cada ramo não foram governadas por diferentes ideologias, mas por diferentes estruturas; é a estrutura que determina quais tipos de atividades são viáveis e quais explicam com maior precisão como vários grupos direcionavam suas energias.

Em geral, o estilo e a organização diferentes dos dois ramos foram em grande parte derivados da educação política e experiências distintas de cada grupo de iniciadoras. As mulheres do ramo mais velho foram treinadas e usaram as formas tradicionais de ação política,

enquanto o ramo mais jovem herdou a atitude relaxada, flexível e orientada para as pessoas dos movimentos de jovens e estudantes. As estruturas resultantes que envolveram cada um dos ramos colocaram diferentes problemas e possibilidades. As diferenças são frequentemente percebidas como conflitantes, mas é sua complementaridade essencial que tem sido uma força do movimento.

A ORGANIZAÇÃO NACIONAL PELAS MULHERES (NOW)

Dentro do movimento de libertação das mulheres, a Organização Nacional pelas Mulheres é a maior e mais proeminente organização. Como tal, é merecedora de estudo especial. Quando a NOW foi criada em 1966, parecia haver previsão mínima sobre sua direção futura. Foi concebida como uma organização de ação nacional, no entanto, era pouco mais que uma superestrutura concentrada na Costa Leste, cujos membros continham poucas ativistas e menos organizadoras ainda. Na reunião organizadora em Washington, uma declaração de propósito e uma estrutura nacional foram elaboradas. Mas estes contaram mais sobre a natureza de suas raízes do que sobre o seu futuro. As mulheres e homens que formaram o NOW conheciam as instituições legais, políticas e de mídia de nosso país; eles não eram orientados para a construção de uma organização de movimento social.

Apesar de muita conversa sobre a formação de núcleos e a percepção de que a organização local aumentaria a influência nacional, faltavam-lhe agora os recursos, o conhecimento e, na realidade, o interesse, para direcionar seus esforços nessa direção. Não se considerava uma organização tradicional, mas, pelo menos inicialmente, só poderia funcionar dentro dos limites da tradicional atividade de pressão em grupo.

É instrutivo contrastar as fundadoras da NOW com aquelas de outra organização do movimento social iniciada na mesma época — a *National Welfare Rights Organization*. A maioria das iniciadoras da NWRO era ativa no movimento pelos direitos civis; elas eram pessoas experientes no movimento. Elas sentiram que o estilo organizacional desse movimento tinha sido um erro que elas não queriam repetir.

Comentou uma organizadora da NWRO:

> *O movimento pelos direitos civis foi derrubado porque não tinha uma base de massas e porque tinha que depender de captação de recursos liberais. O movimento não tinha uma base de membros real, apenas quadros pequenos e dispersos de ativistas. O gueto nunca esteve realmente envolvido no CORE e em grupos como esse. A filosofia desses grupos foi a ação total. Eles não tinham base nem participação das próprias pessoas.*

Consequentemente, o NWRO concentrou suas energias na formação de grupos de membros locais e rapidamente desenvolveu um programa de atividades locais e nacionais. Mesmo que os recursos materiais de suas participantes fossem consideravelmente mais baixos que os da NOW, era muito mais eficaz. Suas organizadoras entenderam a natureza daquilo com o que estavam trabalhando — um movimento social — e como mobilizar seu recurso mais valioso — as pessoas.

No entanto, a conceituação da NOW criou o potencial para o desenvolvimento em uma variedade de direções, e apenas o tempo e as circunstâncias poderiam ditar em qual delas seguiria. A declaração fundadora de propósito articulou uma filosofia geral de igualdade e justiça sob a lei, ao invés de áreas específicas de ação.

> *…Não é mais necessário nem possível que as mulheres dediquem a maior parte de suas vidas à criação dos filhos; no entanto, a gravidez*

> *e a criação, que continuam sendo a parte mais importante da vida da maioria das mulheres, ainda são usadas para justificar a proibição das mulheres de igual participação econômica e profissional e avanço… acreditamos que uma verdadeira parceria entre os sexos exige um conceito diferente do casamento, uma partilha equitativa das responsabilidades do lar e dos filhos, e do peso económico do seu apoio… Somos (…) opostas a todas as políticas e práticas — na igreja, estado, colégio, fábrica ou escritório — que, sob o disfarce de proteção, não apenas negam as oportunidades, mas também estimulam nas mulheres o autodesabono, a dependência e a evasão de responsabilidade, minam sua confiança em suas próprias habilidades e estimulam o desprezo pelas mulheres.*

A declaração também enfatizou que "os problemas das mulheres estão ligados a muitas questões mais amplas de justiça social; sua solução exigirá ação conjunta de muitos grupos". Para investigar a necessidade de ações específicas, foram criadas sete forças-tarefa: a discriminação contra a mulher no emprego; educação; religião; a família; imagem das mulheres nos meios de comunicação de massa; direitos políticos e responsabilidades das mulheres; e os problemas das mulheres pobres. Para lidar com as necessidades administrativas da NOW, a sede foi transferida de sua localização temporária no Centro de Educação Continuada da Universidade de Wisconsin para Detroit, onde era dirigida por Caroline Davis, fora do escritório do Comitê de Mulheres do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Automobilística.

As atividades da NOW para os próximos três anos refletiram suas origens limitadas mais do que seus objetivos amplos. Formada como "um NAACP para mulheres", os esforços iniciais da NOW visavam a mudanças convincentes nas interpretações do Título VIII do EEOC e no

patrocínio de casos judiciais. Elas também foram bem-sucedidas em gerar cobertura de mídia sobre os seus esforços. Essas funções eram compatíveis com uma estrutura nacional e refletiam o contexto político e de comunicação das primeiras participantes.

No entanto, essa estrutura dificultou o desenvolvimento organizacional. A NOW sofreu três divisões entre 1967 e 1968. Como a única organização de ação preocupada com os direitos das mulheres, atraiu muitos tipos diferentes de pessoas com muitos pontos de vista diferentes sobre onde e como proceder. Com apenas uma estrutura nacional e, nesse ponto, sem base, era difícil para as integrantes explorarem soluções para as suas preocupações particulares em nível local; elas tiveram de persuadir toda a organização a apoiá-las. Dada a estrutura de cima para baixo da NOW e os recursos limitados, isto colocou limites severos à diversidade e, por sua vez, severos esforços na organização.

Dificuldades adicionais foram criadas pela falta de organizadoras para desenvolver novos núcleos e pela falta de um programa no qual elas pudessem se encaixar nas atividades locais. Nos primeiros três anos, o núcleo de Nova York representava mais da metade das integrantes nacionais. Foi o mais ativo e mais conhecido. Para muitas mulheres, o núcleo de Nova York era a NOW. Núcleos em outras cidades passaram por muitos falsos começos, formando-se e depois colapsando em confusão e inatividade. Ao contrário do núcleo de Nova York, que tinha acesso fácil à mídia nacional e a muitas pessoas habilitadas a usá-la, os outros núcleos tiveram dificuldade em desenvolver programas que não dependiam da mídia. Uma vez que o programa nacional estava quase exclusivamente engajado no apoio a casos legais ou lobby federal, os núcleos regionais também não se encaixavam facilmente nesse programa.

Embora as fundadoras da NOW tivessem muita experiência em mídia, elas sabiam pouco sobre organização. Elas podiam criar uma aparência de atividade, mas não sabiam como organizar a substância dela. Assim, a NOW costumava parecer maior do que era. O desenvolvimento dos núcleos teve de esperar que a mídia nacional atraísse mulheres para a organização ou a considerável mobilidade física das mulheres contemporâneas para trazer as proponentes para um novo território.

No final de 1969, a NOW começou a tentar formar ligações com o ramo mais jovem do movimento. Em novembro de 1969, o primeiro congresso para unir as mulheres foi realizado em Nova York e vários outros foram realizados em outro lugar durante o ano seguinte. Eles foram em grande parte malsucedidos. Carregados de discórdia, calúnia e xingamentos, não resultaram em nenhuma organização abrangente para falar pelos interesses de todas as feministas.

Mas esse mesmo fracasso deu algum sucesso à medida que feministas de ambos os ramos — particularmente a NOW — começaram a perceber que um movimento diverso poderia ser mais valioso do que um movimento unido. A multidão de diferentes grupos alcançou diferentes tipos de mulheres, serviu diferentes funções dentro do movimento e apresentou uma grande variedade de ideias feministas.

Embora tenham dificultado a ação coordenada, permitiram que as mulheres se relacionassem com o movimento da maneira mais apropriada às suas vidas. A fissão começou a parecer criativa, pois ampliou o alcance do movimento sem enfraquecer seu impacto. Os grupos concordaram em discordar e trabalhar juntos, sempre que possível.

À medida que os vários grupos feministas se tornaram mais tolerantes um com o outro, eles também se tornaram mais cooperativos e hoje a maior parte da amarga inimizade dos primeiros anos já foi esquecida. Os laços entre os grupos aumentaram e se fortaleceram e as mulheres que são membros dos grupos de ramos da NOW e mais jovens não são mais vistas com desconfiança por qualquer uma delas.

O ponto de "decolagem" do movimento de libertação das mulheres foi a Greve de 26 de agosto de 1970 para comemorar o 50º aniversário da 19ª Emenda. Foi a primeira vez que o poder potencial do movimento se tornou publicamente visível; o grande número de pessoas que acabou chocando a todos — incluindo as organizadoras. A greve inchou as fileiras da NOW e de outros grupos tremendamente. Os núcleos geralmente se expandiam de 50% a 70%. As novas integrantes tendiam a ser mais jovens que as originais e menos propensas a serem profissionais ou mesmo empregadas. Muitas eram donas de casa, preocupadas com o vazio de suas próprias vidas e preocupadas com a possibilidade de que o mesmo destino recaísse sobre suas filhas. Essas mulheres preferiam unir-se a NOW que a um grupo de libertação feminina, em parte porque era mais fácil encontrar a NOW do que os pequenos grupos amorfos e em parte porque parecia mais respeitável.

Essas novas membros trouxeram consigo diferentes interesses e diferentes problemas para a organização. Elas estavam menos interessadas em trabalhar na discriminação no trabalho e mais em projetos como a imagem da mídia sobre as mulheres e a representação de estereótipos de papéis sexuais em livros infantis. Vários grupos locais eventualmente se engajaram em grandes análises de estereótipos — embora tenham sido menos bem-sucedidos em pressionar por mudanças nas imagens sexistas do que em apontar sua

existência. Elas também trouxeram a necessidade de explorar o significado do feminismo para suas vidas pessoais e relacionamentos pessoais. Para o desprezo das membros mais antigas, que viam a discussão pessoal como um desvio desnecessário, elas queriam iniciar grupos de troca.

Assim, foi com grande relutância que muitos dos núcleos da NOW se prepararam para "atender" às necessidades de suas membros mais recentes. A ideia de "*conscientização*" como uma atividade significativa era contrária à imagem da NOW de si mesma como uma organização de ação. No entanto, a NOW acabou se convencendo de seu valor e hoje muitos núcleos institucionalizaram a conscientização em cursos de dez e quinze semanas com tópicos de discussão específicos.

A maioria dessas novas membros não tinha experiência anterior em organizações políticas ou voluntárias. Assim, à medida que a expansão do NOW aumentava suas fileiras, reduzia proporcionalmente sua parcela de pessoal treinado — em particular pessoas que tinham algum conhecimento dos problemas de administrar grandes organizações. Como regra geral, o grupo de ativistas em um núcleo da NOW nunca chega muito além das 50, independentemente do tamanho da associação; e esse ponto geralmente é alcançado quando o número de membros da seção atinge de 200 a 300. Posteriormente, quanto maior o núcleo, maior a proporção de seu tempo, energia e finanças para a administração, e menos para a ação.

Entre 1967 e 1974, a NOW passou de 14 núcleos para mais de 300; de 1000 para mais de 40000 membros. À medida que crescia, os núcleos individuais começaram a parecer cada vez mais isolados. Os problemas de comunicação, finanças e coesão eram evidentes tanto a nível local como nacional, e nenhum dos dois sentia que o outro era

extremamente sensível às suas necessidades. Os problemas são apenas parcialmente devido ao tamanho, como atesta o funcionamento mais suave de muitas organizações maiores. A falta de experiência, a impaciência em se engajar na ação, a escassez de recursos, a duplicação de esforços, a comunicação intra-organizacional inadequada e a falta de uma equipe administrativa agregam dificuldades.

A NOW começou como uma estrutura nacional e em muitos aspectos permanece como uma. Tem três sedes nacionais — administrativa em Chicago, relações públicas em Nova York e legislativa em Washington — que geralmente funcionam de forma bastante independente dos núcleos locais. Os núcleos locais, por sua vez, funcionam autonomamente uns dos outros. O que ainda não foi desenvolvido adequadamente é um conjunto de estruturas de nível médio para conectar os esforços nacionais com os locais. Tais esforços foram feitos, no entanto, com a criação de diretoras regionais e cerca de trinta forças-tarefa nacionais que tentam coordenar os esforços locais para que projetos individuais possam combinar um impulso nacional com instrumentação em nível local.

Apesar desses problemas, a NOW continua a funcionar muito bem porque suas membros compensam suas deficiências organizacionais. As mulheres criaram extensos "kits" sobre como formar núcleos, preencher reclamações de discriminação, pressionar a mídia e os publicitários a mudar suas imagens sexistas de mulheres, fazer lobby e até mesmo escrever cartas eficazes. Os boletins informativos locais informam sobre atividades nacionais ao estabelecer intercâmbios com publicações semelhantes. E muitas autoridades locais e nacionais dedicam muito tempo e dinheiro às atividades da NOW. O entusiasmo individual substitui a eficiência organizacional.

A NOW e as outras organizações de sucursais mais antigas estão prosperando neste ponto porque aprenderam a usar efetivamente as ferramentas institucionais que nossa sociedade fornece para a mudança social e política. No entanto, esses grupos também são limitados por essas ferramentas às arenas bastante estreitas dentro das quais são projetados para operar. A natureza dessas arenas e as habilidades específicas que elas exigem para a participação já limitam tanto o tipo de mulheres que podem efetivamente trabalhar em grupos de antigos ramos quanto as atividades que podem empreender.

No entanto, as mulheres dentro da NOW não limitaram o desenvolvimento de suas ideias, como visto pela expansão gradual da NOW das suas preocupações de questões estritamente legais e econômicas para as sociais também. Essa expansão foi preordenada na ampla Declaração de Princípios com a qual a NOW começou, mas foi fortemente estimulada pela associação da NOW com o restante do movimento. Como as membros da NOW sempre tiveram uma orientação liberal, foram muito suscetíveis à influência do ramo mais jovem do movimento.

Nos últimos dois anos, muitas feministas do ramo mais jovem superaram seu preconceito inicial contra a NOW e se tornaram membros. Isto é em parte devido a problemas dentro desse ramo do movimento, discutido abaixo, o que dificultou muito a ação política dentro dele. A NOW era muitas vezes a única organização de ação feminista disponível, mesmo que sua imagem fosse um pouco conservadora. Também, como é frequentemente o caso em outras situações, um maior contato entre os dois ramos aumentou a familiaridade e, por sua vez, diminuiu o preconceito. As feministas radicais começaram a ver a NOW como “pragmática” em vez de “reformista” e, portanto, aceitável como uma arena concomitante de

atividades, juntamente com suas outras atividades “radicais”. A NOW estava ok no lugar que ocupava.

Consequentemente, a NOW deixou de ser, com o tempo, a principal organização do ramo mais antigo para ser a principal organização feminista. Tornou-se um grupo muito abrangente para todos os tipos de feministas, mesmo aquelas cuja lealdade primária reside em outro lugar. A resultante sobreposição de membros trouxe para a NOW novas ideias e novos conflitos.

Os núcleos locais sempre foram bastante autônomos, apesar do controle central implícito pelos estatutos nacionais. Assim, eles eram livres para iniciar experimentos organizacionais e muito livres para desenvolver projetos locais. Esse tipo de flexibilidade foi considerado necessário porque a NOW é uma organização puramente voluntária e descobre que pode incentivar mais participação se os membros puderem trabalhar da maneira que acharem mais confortável.

Por várias razões, mais tarde, as recrutas da NOW se opuseram à sua organização hierárquica e ao tom autoritário dos estatutos que ditavam quadros, eleições, etc. Muitos novos núcleos simplesmente desconsideraram a estrutura proposta nacionalmente e criaram a sua própria. O núcleo de Berkeley, por exemplo, tem três convocadoras que dividem entre si os deveres usuais da direção. Mesmo aqueles núcleos que não se reestruturaram absorveram a ética básica da democracia participativa do ramo mais jovem e, por sua vez, fizeram exigências sobre liderança de núcleos que nem sempre são compatíveis com a maior eficiência organizacional.

A criação de grupos de troca foi uma dessas demandas — embora ainda não seja aparente se a sua formação desviou a energia da ação como temida pelas membros mais velhas da NOW ou economizou

tempo ao separar aquelas que estavam prontas para as ações daquelas que não estavam.

Outra dessas demandas, embora raramente esteja explicitamente declarada, é que as líderes gastam muita energia na manutenção de boas relações pessoais e que o comportamento das membros nas reuniões tem uma gama de tolerância maior do que a comum nas reuniões de negócios formais. A presidência muito "à vontade" das reuniões, desestruturadas, ocasionalmente irrelevantes, a discussão, expressão de sentimentos pessoais e entusiasmo, o evitar de estilos autoritários ou dominadores e tomada de decisão por consenso, tanto quanto possível, se tornaram cada vez mais característicos da NOW.

Tais atividades tomam muito tempo, energia emocional e paciência individual. Assim, os conselhos de direção, comitês e forças tarefa devem aceitar como necessárias longas e cansativas sessões de tomada de decisões… Mais do que em outras organizações, a líder da NOW é visto como alguém que facilita a tomada de decisões e alguém que pode ser legitimamente sancionado se tentar forçar suas ideias sobre o grupo. Da mesma forma, enquanto a NOW pode tomar tantas decisões por voto como qualquer comitê ou conselho de administração normal, em princípio rejeita a suposição de que "um lado deve vencer" para a suposição de que, com esforço suficiente investido, é possível obter um compromisso aceitável para todas.

Essas mudanças significam que uma proporção cada vez maior da energia da organização vai para a manutenção da organização — para criar um ambiente confortável para suas membros trabalharem, crescerem pessoalmente, desenvolverem habilidades e talentos individuais; muitas vezes ao sacrifício, pelo menos, da eficiência de curto prazo. Este sacrifício é justificado com base em que, tanto quanto possível, a NOW deve praticar os princípios humanísticos que

prega. Sentindo que as mulheres têm sido “mantidas” por muito tempo por homens dominadores e estruturas opressivas, elas não querem repetir essa característica em sua própria organização. Este ponto de vista é adotado diretamente do ramo mais jovem do movimento, mas encontrou aceitação imediata entre as novas recrutas da NOW, já que elas não estavam confortáveis e familiarizadas com a organização e o poder. Um ambiente mais pessoal e pessoalizável fez com que se sentissem mais em casa. Esse estilo não é inteiramente incontestável, mas um debate sobre a abordagem organizacional ainda não se tornou importante.

Em termos de problemas, a NOW também mudou para uma direção mais radical. A Greve de 26 de agosto obrigou o movimento a definir seus objetivos pela primeira vez. Até então, toda a história do movimento tinha sido a de ampliar seu escopo e estreitar seus objetivos imediatos — um processo muito necessário para qualquer movimento social. A greve foi centrada em três demandas centrais — aborto sob demanda, creches de 24hs e oportunidades iguais de emprego e educação. Estes não foram vistos como os únicos fins do movimento, apenas os primeiros passos que devem ser dados no caminho para a libertação. Ao mesmo tempo, enquanto as Forças-Tarefa e as membros da NOW exploravam as ramificações da situação das mulheres, elas adquiriram uma concepção mais ampla de quão integrados são todos os fenômenos sociais.

Com a sua convenção no outono de 1971, inúmeras resoluções foram aprovadas, dando uma posição feminista sobre uma infinidade de assuntos — como a Guerra do Vietnã — não diretamente relacionados às mulheres. Esse movimento foi antecipado pela Declaração de Propósito original, o apoio inicial da NOW à renda anual garantida e sua preocupação com as mulheres na pobreza. No entanto, foi uma grande ruptura com o passado. As atividades da

Força-Tarefa também aumentaram seu escopo. Em sua convenção de 1973, a NOW estava mesmo seguindo a liderança do ramo mais jovem do movimento em posições que favoreciam a liberdade de orientação sexual, a descriminalização da prostituição, a investigação de "questões fundamentais relativas à estrutura da sociedade baseadas no lucro e na competição" e o estabelecimento de Forças-Tarefas adicionais sobre temas como mulheres mais velhas, mulheres nos esportes e estupro. Também resolveu

> *que um grande esforço organizacional seja montado imediatamente dentro da NOW em nome das necessidades de todas as pessoas minoritárias, e que (…) ações devem ser realizadas para a eliminação de estruturas políticas e práticas que contribuem para o racismo na NOW.*

A crescente ampliação e "radicalização" dos objetivos da NOW não encontrou uma séria discordância dentro da organização desde as divisões sobre o aborto e a Emenda aos Direitos Iguais que marcaram seus dois primeiros anos. Há várias razões para isso:

Existe uma lógica inerente ao feminismo. Uma vez adotada a perspectiva feminista do mundo, é fácil aplicá-la a um círculo cada vez mais amplo de questões; pode-se analisar todos os aspectos da sociedade e chegar facilmente à conclusão de que toda a sociedade deve ser mudada. As questões relevantes tornam-se então por onde começar e o que fazer primeiro, e estas são estratégicas, e não ideológicas.

A NOW sempre foi uma organização liberal. Suas membros, e especialmente suas líderes, pensaram em si mesmas como estando na vanguarda da mudança social. Muitas das mulheres mais velhas se consideravam "radicais", mesmo que não usassem a palavra. Muitas vezes se queixavam amargamente de serem chamadas de

"reformistas" pelas feministas mais jovens, porque tal denominação era contrária à sua autoidentidade. A NOW estava muito aberta a mudar a "esquerda" porque representava uma extensão de seus valores humanitários liberais básicos. Como questões antigas, como a ERA (Lei da Equidade) e o aborto, tornaram-se socialmente aceitáveis, deliberadamente procuraram novos caminhos para abrir.

Embora não haja uma clara distinção ideológica entre os ramos mais antigos e mais jovens do movimento, o segundo funciona como uma vanguarda ideológica. Aqui, novas questões e novas interpretações são levantadas e legitimadas primeiro. Com o domínio da mídia feminista pelo ramo mais jovem e a crescente sobreposição de membros entre os pequenos grupos e a NOW, essas novas preocupações são facilmente transferidas; o que começou como um debate dentro da mídia feminista underground radical, emerge como uma resolução da NOW.

Essa transferência é facilitada em parte por causa da composição comum da classe média de ambos os ramos do movimento e das muitas relações pessoais e de amizade que ligam as participantes de ambos os lados. Goste ou não, suas membros compartilham uma cultura comum, um fundo comum, uma educação comum e, consequentemente, uma interpretação comum do significado do feminismo.

Um bom exemplo dessa radicalização é a posição da NOW sobre o lesbianismo. Em 1969 e 1970, Betty Friedan estava usando táticas de intimidação de McCarthy para "limpar" da NOW o que ela chamava de "ameaça lavanda" (*Lavanda Menace*). Através de uma série de eventos quase acidentais, concluiu que as lésbicas estavam tentando assumir a organização. Embora tenha conseguido expulsar muitas lésbicas da organização e outras para o armário, em 1973 a NOW

realizou um workshop sobre lesbianismo em sua convenção, estabeleceu uma Força-Tarefa sobre Sexualidade e Lésbicas, e aprovou uma resolução declarando que "*as mulheres têm o direito básico de desenvolver ao máximo seu pleno potencial sexual humano*", onde a NOW deveria

> *ativamente introduzir e apoiar a legislação dos direitos civis para acabar com a discriminação baseada na orientação sexual (…) em áreas como (…) habitação, emprego, crédito, finanças, guarda dos filhos e acomodações públicas.*

Isso não aconteceu porque a NOW foi tomada por lésbicas ou mesmo porque havia um interesse esmagador dentro da organização sobre lesbianismo. O workshop de convenções sobre casamento, família e divórcio, presumivelmente de maior interesse para as heterossexuais, teve a maior participação de todos, com 600 mulheres.

A resolução da NOW foi o resultado de uma discussão de três anos sobre a relação entre feminismo e lesbianismo na mídia feminista, nos pequenos grupos e muitos núcleos da NOW. Embora muitas membros da NOW ainda sentissem que o lesbianismo não era uma questão feminista e que o apoio da NOW apenas mancharia sua imagem, a resolução foi adotada porque o lesbianismo foi definido como uma questão de direitos civis e uma questão das mulheres, e porque o apoio era a coisa humanística e libertária a se fazer.

Os principais problemas da NOW não foram ideológicos, mas estruturais: como desenvolver a atividade de base com a coordenação nacional, como ter uma política nacional sem alienar as membros, como alocar recursos limitados, como conseguir dinheiro, como operar eficientemente, etc. Esses problemas refletem o dilema clássico das organizações do movimento social: o fato de que as

estruturas hierárquicas firmemente organizadas necessárias para mudar as instituições sociais conflitam diretamente com o estilo participativo necessário para manter o apoio aos membros e à natureza democrática dos objetivos do movimento.

A principal análise desse dilema deriva do trabalho de Weber e Michels. Esse modelo afirma que, como uma organização obtém uma base na sociedade, uma estrutura burocrática emerge e ocorre uma acomodação geral à sociedade. Os burocratas adquirem um interesse especial em manter a sua posição dentro da organização e, consequentemente, o lugar da organização na sociedade. Essa preocupação com a manutenção organizacional leva inevitavelmente à conservação e à oligarquização. No entanto, como apontam Zald e Ash, isso não precisa necessariamente ser o único resultado. A radicalização da NOW reflete uma acomodação, mas é uma acomodação para o seu ambiente feminista, não para o social.

O fato de um movimento social ser uma curiosa mistura proteica de estrutura e espontaneidade cria um conjunto de problemas únicos para qualquer organização de movimento social. O impulso para a pura racionalidade, com sua hierarquia concomitante, especialização de função e rotinização, que caracteriza a organização burocrática ideal, é muitas vezes contraproducente para uma organização de movimentos sociais. Na falta de recursos materiais para recompensar seus participantes, deve confiar em outros tipos.

Wilson descreve três tipos principais de incentivos disponíveis para as organizações e classifica as organizações de acordo com o uso de materiais (dinheiro e bens), solidário (prestígio, respeito, amizade) ou intencionais (cumprimento de valor).

Os movimentos usam uma combinação de incentivos intencionais e solidários — embora os materiais não sejam necessariamente

excluídos. Seu principal incentivo é intencional — a promessa de que um objetivo social desejado algum dia, de alguma forma, será alcançado. Como esses objetivos geralmente são remotos e a gratificação adiada geralmente é insuficiente, os incentivos contínuos são solidários.

No entanto, eles são um tipo peculiar de incentivo solidário. Ao contrário de Hoffer, não é apenas a oportunidade de "pertencer" que é valorizada, mas a oportunidade de fazer parte de um grupo que compartilha os próprios valores e que valida a perspectiva muitas vezes desviante do mundo. Pode-se "pertencer" à maioria de qualquer grupo social por meio de comportamento adaptativo apropriado; é o reforço do eu que é valorizado.

O principal recurso de um movimento social é o compromisso de seus membros. Deve confiar em seu próprio entusiasmo e dedicação aos seus objetivos para realizar o trabalho. Os participantes de um movimento social não fazem as coisas porque têm de fazê-las, mas sim porque querem. É por isso que a NOW pode funcionar muito bem apesar de suas insuficiências desenfreadas. A dependência do compromisso de adesão significa que manter a moral e a motivação é uma necessidade primordial de qualquer organização de movimento social. Leva muito da sua energia e determina muitas das suas atividades.

Hammond traça a distinção entre ação "instrumental" e ação "consumatória"; o primeiro é estritamente orientado para o objetivo, o último é determinado pelas necessidades de manutenção do grupo. Os movimentos sociais devem necessariamente usar os dois; de fato, quanto mais se apoia em incentivos solidários, mais consumatórias serão suas atividades, já que o prazer da participação é tudo o que ela tem a oferecer.

Um corolário disso é que, quanto mais remotos forem seus objetivos, maior será o papel dos incentivos solidários e mais consumatórias as suas ações. Assim, atividades consumatórias, embora superficialmente não relacionadas aos objetivos de um movimento, podem ser indiretamente instrumentais.

O principal problema que uma organização do movimento enfrenta é evitar degenerar em atividades unicamente consumatórias, por um lado, ou racionalizar-se em uma estrutura muito rígida, por outro, e, ao fazê-lo, alienar seus membros. Sua principal tarefa é manipular a estrutura de incentivos para recrutar e mobilizar seus membros para ação instrumental. É a tensão entre as necessidades de realização de metas e as de manutenção de grupo que estão na raiz do conflito entre as tendências oligárquicas e democráticas discutidas por Michels.

OS GRUPOS MENORES

O ramo mais jovem do movimento teve um conjunto diferente de experiências que levaram a diferentes atividades e problemas. Conseguiu expandir-se rapidamente no começo porque podia capitalizar a infraestrutura das organizações e meios da Nova Esquerda e porque suas iniciadoras eram hábeis na organização da comunidade local. Como a unidade primordial era o pequeno grupo e não se via necessidade de cooperação nacional, múltiplas divisões aumentavam sua força em vez de esgotar seus recursos. Essa fissão costumava ser “amigável” por natureza e, mesmo quando não era, servia para trazer um número cada vez maior de mulheres sob o guarda-chuva do movimento.

A expansão desses grupos foi mais amebiana do que organizada porque o ramo mais jovem do movimento se orgulhava de sua falta de

organização formal. De suas raízes radicais, herdou a ideia de que as estruturas eram sempre conservadoras e confinantes, e os líderes sempre isolados e elitistas. Os conceitos do movimento radical de democracia participativa, igualdade, liberdade e comunidade enfatizavam que todos deveriam participar das decisões que afetavam suas vidas e que as contribuições de todos eram igualmente válidas.

Esses valores levaram facilmente à ideia de que toda a hierarquia era ruim porque dava a algumas pessoas poder sobre outras e não permitia o desenvolvimento de talentos de todos. A crença era que todas as pessoas deveriam ser capazes de compartilhar, criticar e aprender com as ideias de cada um — igualmente. Qualquer tipo de estrutura, ou qualquer tipo de líder que pudesse influenciar esse compartilhamento igual, era automaticamente ruim.

A conclusão lógica dessa linha de pensamento — de que toda estrutura e todas as formas de liderança são intrinsecamente erradas — não foi inicialmente articulada. Mas o potencial estava claramente lá e não demorou muito para a ideia de grupos sem liderança e sem estrutura emergirem e até mesmo "*dominarem de fato esse ramo do movimento*".

A adesão a esses valores baseou-se na suposição de que todas as mulheres eram igualmente capazes de tomar decisões, realizar ações, executar tarefas e formar políticas. Essas suposições poderiam ser feitas porque as mulheres envolvidas tinham pouca experiência em organizações democráticas que não fossem as da Nova Esquerda, onde viram o domínio por si, a competição por lugares na hierarquia de liderança, e a disputa masculina de egos dominarem o dia.

Elas sentiram domínio e controle similares por si mesmas nas estruturas sociais — primariamente escola e família — das quais faziam parte. A ideia de que havia alguma relação entre autoridade e

responsabilidade, entre organização e participação igualitária e entre liderança e autogoverno, não estava dentro de seu campo de experiência. Novas mulheres que entravam no movimento careciam até mesmo das habilidades de organização das iniciadoras e, como a ideia de "liderança" e organização "gozavam de descrédito, não tentavam adquiri-las. Não queriam lidar com instituições políticas tradicionais e abdicavam-se de todas as habilidades políticas tradicionais". O grupo menor era mais agradável e a mudança pessoal como um pré-requisito para a mudança política era mais familiar.

Destes pequenos grupos surgiu a estrutura e atividade mais prevalentes do ramo mais jovem — o "grupo de troca". Nesses grupos, as mulheres exploravam questões pessoais de relevância feminista "trocando" umas com as outras sobre suas experiências individuais e analisando-as em conjunto.

Enquanto o uso do "testemunho" pessoal como uma forma de educação política foi desenvolvido por outros movimentos sociais em outras tempos e lugares, muitas das primeiras feministas condenaram como reuniões de discussão "não-políticas" que "degeneraram" em "sessões de fofoca". No entanto, outras viram que a "sessão de fofocas" obviamente atendeu a uma necessidade básica, se apoderou dela e criou uma instituição. Com o tempo, tornou-se a atividade mais predominante do ramo mais jovem do movimento. Era fácil de organizar, não exigia nenhuma habilidade ou conhecimento além da vontade de discutir as próprias experiências da vida, e tinha resultados muito positivos para as mulheres envolvidas nela.

Embora os grupos de troca tenham sido excelentes técnicas para mudar atitudes individuais, eles tendem a fracassar quando seus membros esgotavam as virtudes da conscientização e decidiam que queriam fazer algo mais concreto. Alguns grupos assumem projetos

específicos, como trabalhar em creches; alguns se constituem como células organizadoras e estabelecem outros grupos; alguns tornam-se grupos de estudo e aprofundam-se mais na literatura feminista e política; a maioria apenas se dissolve e seus membros procuram outras atividades feministas para participar. Como os grupos são pequenos e descoordenados, eles realizam pequenas tarefas que podem ser gerenciadas em nível local.

As mulheres criaram centros, serviços de aconselhamento sobre aborto, livrarias, escolas de libertação para o ensino de mulheres, creches, unidades de produção de filmes e fitas, projetos de pesquisa e bandas de *rock*. A produção de uma publicação feminista é uma das mais viáveis para um pequeno grupo lidar, que é uma razão pela qual há tantos delas. O desenvolvimento de um projeto nunca é o resultado de qualquer coordenação ou planejamento nacional e, portanto, reflete apenas as oportunidades, necessidades e habilidades das mulheres envolvidas nele.

PROBLEMAS DE FALTA DE ESTRUTURA

Essa filosofia de organização do *laissez-faire* permitiu que os talentos de muitas mulheres se desenvolvessem espontaneamente e outras aprendessem habilidades que não conheciam. Também criou alguns problemas importantes para o movimento.

A maioria das mulheres entrou no movimento por meio dos grupos de troca; e a maioria saiu pelo mesmo lugar que entrou. Não há maneira fácil de passar de um grupo de troca para um projeto; as mulheres tropeçam em um ou começam um projeto próprio. A maioria não faz nem um nem outro. Uma vez em um projeto, a participação muitas vezes consome enormes quantidades de tempo.

O problema é que a maioria dos grupos não está disposto a mudar sua estrutura quando muda suas tarefas. Aceitaram a ideologia da “ausência de estrutura” sem perceber as limitações de seus usos. O estilo do grupo de troca encoraja a participação na discussão e sua atmosfera de apoio provoca *insight* pessoal; mas nenhum deles é muito eficiente no manuseio de tarefas específicas. Isso significa que o movimento é essencialmente executado localmente por mulheres que podem trabalhar em tempo integral.

Nacionalmente, o movimento não é dirigido por ninguém e nenhuma figura pública comanda a obediência de qualquer parte dele. Mas como o movimento não escolheu as mulheres para falar por isso, acreditando que ninguém poderia, a mídia fez a escolha ao invés disso. Isso criou uma tremenda quantidade de animosidade entre as “líderes” do movimento local (que negariam que elas são as líderes) e aquelas rotuladas como “líderes” pela mídia.

Embora não tenha conscientemente escolhido porta-vozes, o movimento lançou muitas mulheres que chamaram a atenção do público por vários motivos. Essas mulheres não representam nenhum grupo particular ou opinião estabelecida; elas sabem disso e geralmente dizem isso. Mas, como não há porta-vozes oficiais nem qualquer órgão decisório que a imprensa possa consultar quando quer saber a posição do movimento sobre um assunto, essas mulheres são vistas como porta-vozes.

Dentro do movimento, essas mulheres eram rotuladas de “estrelas da mídia” e eram frequentemente denunciadas por “crescer sobre a opressão de suas irmãs”. Este problema foi um resultado inevitável de ter uma ética anti-liderança em um movimento publicamente atrativo. Isso teve duas consequências negativas tanto para o movimento quanto para as mulheres chamadas de “estrelas”.

Como o movimento não as colocou no papel de porta-vozes, o movimento não pode removê-las. A imprensa as coloca lá e só a imprensa pode optar por não as ouvir. Enquanto o movimento acreditar que não deveria ter representação, a imprensa, em vez do movimento, tem controle sobre a seleção de "líderes" feministas nacionais.

De 1969 a aproximadamente 1971 (e ainda um pouco hoje) as mulheres que adquiriram qualquer notoriedade pública por qualquer motivo foram denunciadas como "elitistas". Esse xingamento e outras formas de ataques pessoais eram o único meio de controle disponível para o movimento porque ele havia conscientemente rejeitado a estrutura aberta.

Como em qualquer grupo ou movimento, havia certamente pessoas famintas por poder e fama que achavam o movimento uma excelente oportunidade de progresso pessoal, mas em seu medo de manipulação, as feministas frequentemente não faziam distinção entre aquelas que "usavam" o movimento e aquelas que eram mulheres "fortes" ou tinham talentos valiosos.

Embora os ataques tenham sido inicialmente destinados a "estrelas da mídia", seu escopo se ampliou a tal ponto que algumas sentiram que qualquer mulher que "tivesse conseguido dolorosamente qualquer grau de conquista" fora vitimada. "Elitista" acabou sendo usado com frequência e com quase o mesmo propósito que "*pinko*" tinha sido usado por anticomunistas nos anos 50.

Como resultado, algumas das mulheres mais talentosas do movimento retiraram-se inteiramente, amargamente alienadas. Outras permaneceram, mas isoladas. Removidas da pressão do grupo, elas não eram mais responsáveis pelo que diziam publicamente para ninguém além de si mesmas. Em junho de 1970, mulheres de várias

cidades que tiveram essa experiência viram-se coincidentemente em Nova York e, comparando notas, ironicamente se chamavam de “feministas refugiadas”.

Assim, o maior medo do movimento tornou-se uma profecia autorrealizável. A ideologia da “ausência de estrutura” criou o “sistema de estrelas” e a reação a ela encorajou o próprio tipo de irresponsabilidade individualista que mais condenava.

Embora essa ideologia condenasse a ideia de liderança, o movimento não era e não é “desliderado”, no sentido de que algumas pessoas influenciam a tomada de decisões em grupo e as atividades mais do que outras.

Qualquer grupo de pessoas inevitavelmente se estrutura com base nas redes de amizade dentro dele. Se tal rede dentro de um grupo maior é composta por pessoas particularmente interessadas nesse grupo, que compartilham ideias e informações comuns, elas se tornam a estrutura de poder do grupo. E, tal como as “estrelas da mídia”, como o grupo não as selecionou como líderes, não pode removê-las.

A inevitável natureza exclusiva das redes informais de comunicação de amigas não é um fenômeno novo, característico do movimento de mulheres, nem um fenômeno novo para as mulheres. Essas relações informais excluíram as mulheres durante séculos da participação em grupos integrados de que faziam parte.

Em qualquer profissão ou organização, essas redes criaram a mentalidade de “vestiário” e os laços da “velha escola” que efetivamente impediram que as mulheres, como um grupo, assim como muitos homens individualmente, tivessem acesso às fontes de poder ou recompensa social. Grande parte da energia dos movimentos de mulheres do passado foi direcionada para que as estruturas de tomada de decisão e os processos de seleção fossem formalizados, de

modo que a exclusão das mulheres pudesse ser diretamente enfrentada. É particularmente irônico que o movimento das mulheres deva infligir a si mesmo um problema que vinha lutando há séculos.

Dados os ideais do movimento, o problema das estruturas secretas de poder era muitas vezes exacerbado. Quando as elites informais são combinadas com um mito de "falta de estrutura", não pode haver tentativa de colocar limites ao uso do poder, porque os meios de fazê-lo foram eliminados. Os grupos, portanto, não têm meios de obrigar a responsabilidade das elites que os dominam. Eles não podem sequer admitir que eles existem.

Como os grupos de movimento não tomaram decisões concretas sobre quem deve exercer poder dentro deles, muitos critérios diferentes foram e são usados em todo o país. Às vezes, os critérios para participação na elite são a adesão a uma linha ideológica estreita e específica. Geralmente, os critérios são a conformidade a algumas características tradicionalmente femininas.

Por exemplo, nos primeiros dias do movimento, o casamento com homens da Nova Esquerda era frequentemente um pré-requisito. Este padrão tinha alguma realidade por trás disso, no entanto, como o fato de que eram os homens da Nova Esquerda que muitas vezes tinham acesso aos recursos necessários ao movimento — listas de correspondência, impressoras, contatos e informações.

Embora isso tenha mudado com o tempo, todas as elites informais têm padrões pelos quais apenas mulheres que possuem certas características materiais ou pessoais podem participar. Geralmente incluem: classe ou formação educacional, estado civil ou parental, preferência sexual, estilo de vida, idade, ocupação e, especialmente, atratividade do estilo pessoal. Como Mansbridge apontou, esse

padrão não se restringe ao movimento de mulheres, mas é comum a todos os grupos que enfatizam a democracia participativa.

> *Em um sistema participativo, os recursos políticos são transferidos para os mais voltados para o outro. O membro que não é sutil ou empático em suas relações com as pessoas está em desvantagem em um grupo participativo.*

Esses e outros critérios têm temas comuns. As características pré-requisito para participar das elites informais do movimento e, portanto, para exercer o poder dentro dele, dizem respeito a sua origem, personalidade ou alocação de tempo. Eles não incluem a competência, dedicação ao feminismo, talentos ou contribuições potenciais ao movimento. Os primeiros são os critérios que geralmente se usam para determinar os amigos. Estes últimos são os que qualquer movimento ou organização deve usar se pretende ser politicamente eficaz.

Isso não quer dizer que tais grupos nunca sejam eficazes; apenas que a eficácia é muitas vezes incidental para o funcionamento do grupo. Ocasionalmente, a estrutura informal desenvolvida do grupo coincide com uma necessidade disponível que o grupo pode preencher. Existem quase inevitavelmente quatro condições comuns a esses grupos:

É orientado por tarefas. Sua função é muito estreita e muito específica, como fazer uma conferência ou colocar um jornal. É a tarefa que basicamente estrutura o grupo. Ao determinar o que precisa ser feito e quando precisa ser feito, ele fornece um guia pelo qual as pessoas podem julgar suas ações e fazer planos para atividades futuras.

É relativamente pequeno e homogêneo. A homogeneidade é necessária para garantir que os participantes tenham uma "linguagem

comum” de interação. Pessoas de origens amplamente diferentes podem proporcionar riqueza a um grupo de conscientização, onde cada um pode aprender com a experiência dos outros, mas uma diversidade muito grande entre os membros de um grupo orientado por tarefas significa apenas que eles continuamente se entendem mal uns aos outros.

Pessoas tão diversas interpretam palavras e ações de maneira diferente. Elas têm expectativas diferentes sobre o comportamento de cada uma e julgam os resultados de acordo com critérios diferentes. Se todas no grupo se conhecerem bem o suficiente para entender essas nuances, elas poderão ser acomodadas. Normalmente, elas só levam à confusão e a intermináveis horas gastas na resolução de conflitos que ninguém pensou que surgiriam.

Existe um alto grau de comunicação. As informações devem ser repassadas para todos, as opiniões devem ser verificadas, o trabalho dividido e a participação assegurada nas decisões relevantes. Isso só é possível se o grupo for pequeno e as pessoas praticamente viverem juntas nas fases mais cruciais da tarefa.

Desnecessário será dizer que o número de interações necessárias para envolver todo mundo aumenta geometricamente com o número de participantes. Isso inevitavelmente limita os participantes do grupo a cerca de cinco, ou exclui alguns de algumas das decisões. Os grupos bem-sucedidos podem ter dez ou quinze, mas somente quando são de fato compostos de vários subgrupos menores que executam partes específicas da tarefa e cujos membros se sobrepõem uns aos outros, de modo que o conhecimento do que os diferentes subgrupos sabem fazer possa ser passado facilmente.

Existe um baixo grau de especialização de habilidades. Nem todo mundo tem de ser capaz de fazer tudo; mas tudo deve poder ser feito

por mais de uma pessoa para que ninguém seja indispensável. Até certo ponto, as pessoas devem se tornar partes intercambiáveis.

Essas circunstâncias ideais não ocorrem com frequência e, quando o fazem, tendem a coincidir com as redes de amizade. Essa coincidência não é acidental, pois os princípios sobre os quais os grupos participativos operam são, em grande parte, as normas da amizade; contudo, quando a amizade se torna a base primária da organização, ela traz consigo várias consequências.

Os grupos de troca são muito fáceis de serem formados pelas mulheres individuais. Pode-se colocar um aviso em um quadro de avisos, anunciar no jornal ou simplesmente passar a palavra entre os amigos. Grupos de trabalho não são criados tão facilmente; especialmente quando se deve fazê-lo a partir do zero. É muito mais difícil encontrar e reunir as pessoas necessárias e encontrar os recursos necessários para os propósitos da pessoa.

Um movimento que exige que todo grupo comece de novo não possibilita que as pessoas construam experiências alheias. Assim, o fim das ações de conscientização deixa as mulheres sem nenhum lugar para ir e a falta de estrutura não lhes permite chegar lá. Algumas apenas “fazem suas próprias coisas”. Mas a direção para a qual as mulheres e/ou os grupos individuais vão é determinada mais pelo acaso do que está disponível que por aquilo que está projetado.

Isso pode levar a uma grande dose de criatividade individual, muito útil para o movimento, mas não é uma alternativa viável para a maioria das mulheres. Muitas simplesmente saem do movimento inteiramente porque não querem desenvolver um projeto individual e não encontraram nenhuma maneira de descobrir, aderir ou iniciar projetos em grupos que as interesse.

Os grupos participativos frequentemente devem fechar-se a novas membros por causa do tempo e do investimento emocional necessários para construir a confiança, a aceitação e o entendimento mútuo necessários para seu funcionamento bem-sucedido. Mas um grupo fechado que controla um projeto, serviço ou publicação de valor para o movimento é, na verdade, um enclave oligárquico dentro do movimento.

Embora possa ser dito com justiça que uma estrutura social segmentada e reticulada não cria oligarquias de todo o movimento, ela cria muitas oligarquias locais. As oligarquias descentralizadas ainda são oligarquias, e ainda têm todos os problemas de exclusividade e ênfase na manutenção do grupo que as oligarquias centralizadas têm. A rotação da liderança é minimizada e a responsabilidade reduzida.

A necessidade de manter bons relacionamentos interpessoais característicos de um grupo participativo direciona o equilíbrio à ação instrumental. Uma quantidade enorme de tempo e energia dos participantes deve necessariamente ser gasta no processo de grupo e não nos fins de grupo. Muitas vezes o processo de grupo se torna o fim do grupo. Embora esse maior investimento pessoal no grupo possa aumentar o comprometimento com seus objetivos, também diminui o tempo e a energia disponíveis para persegui-los. Os grupos permanecem unidos puramente com a finalidade de permanecer juntos.

A estrutura de incentivos do movimento torna-se fortemente ponderada em favor de incentivos solidários. Isso, por sua vez, favorece atividades consumatórias, em vez de atividades instrumentais. Nos primeiros dias do movimento, uma atividade principal eram as “ações relâmpagos” (por exemplo, caminhadas de bruxas). Estas cessaram para serem substituídas por projetos de

serviço. Muitos deles são úteis e interessantes, mas dificilmente substituem a ação política. "*O efeito total de tais ações é comparável ao da Senhora Abundância dos séculos anteriores. Os problemas individuais das mulheres serão aliviados por enquanto, mas nenhuma mudança duradoura é produzida*."

A ênfase nos projetos de serviço não resulta unicamente da natureza dos grupos participativos. Também reflete uma inexperiência e alienação das formas tradicionais de atividade política, a "deslegitimidade" da ação direta/protesto que acompanhou o declínio dos movimentos de direitos civis e movimentos estudantis, e a herança de suas raízes radicais do objetivo de "revolução". Estes últimos levaram muitas a acreditar que qualquer cooperação com o "sistema" era reformista e, portanto, errada.

Os projetos de serviço podem ser configurados como "instituições alternativas". O paradoxo de preencher buracos dentro dos serviços do "sistema" como uma forma de atividade radical não foi percebido por muitas. O fato de que uma ênfase nos projetos de serviço não é puramente um resultado de uma estrutura segmentada e descentralizada é ilustrada por sua predominância em Chicago, Seattle e nas poucas outras cidades que não aderiram à ideia de "ausência de estrutura" e adotaram organizações por cidades.

Não obstante, os projetos de serviços são um resultado lógico de um sistema de incentivo principalmente solidário, seja a ênfase em tais incentivos proveniente do afastamento de objetivos (isto é, a revolução) ou as maiores necessidades de manutenção de um grupo participativo.

Um estilo de organização do movimento que enfatiza grupos participativos, descentralizados e segmentários tem vantagens e desvantagens. Por um lado, é politicamente ineficaz, exclusivo e

discriminatório contra aquelas que não são ou não podem ser amarradas nas redes de amizade. Aquelas que não se encaixam no que já existe por causa de classe, raça, ocupação, educação, parentalidade ou estado civil, personalidade, etc., inevitavelmente serão desencorajadas a tentar participar.

Aquelas que se encaixam desenvolverão interesses pessoais em manter as coisas como estão. Os interesses dos grupos informais são sustentados pelas estruturas informais que existem e monopolizam a maioria dos "nichos" existentes da atividade do movimento. Concomitantemente, o poder que eles exercem dentro do movimento, enquanto menos que isso em uma organização centralizada, também é menos responsável. Por outro lado, o próprio fato de muitas mulheres serem excluídas dos "nichos" do movimento compele a inovação daqueles que querem se relacionar de alguma forma. Sua natureza segmentar também incentiva a proliferação, adaptação e capacidade de resposta a seu ambiente.

Embora a especialização seja desvalorizada e muito trabalho seja replicado, esses aspectos, por sua vez, criam oportunidades para que as mulheres individuais desempenhem papéis organizacionais e aprendam habilidades que seriam limitadas em uma organização centralizada. Não é por acaso que este ramo do movimento desenvolveu várias perspectivas ideológicas, grande parte da terminologia do movimento, um número surpreendente de publicações e "contra-instituições", numerosas novas questões e até novas técnicas de mudança social. A ênfase desse ramo tem sido na mudança pessoal como um meio de entender o tipo de mudança política desejada, e sua contribuição tem sido a sua criatividade, não a sua eficácia. Enquanto a principal preocupação desse ramo pudesse ser a mudança pessoal, ele não teria de enfrentar os problemas criados pela sua estrutura.

Desde 1971, a conscientização como uma das principais funções do movimento está se tornando obsoleta. Devido à intensa publicidade da imprensa e aos inúmeros livros e artigos “de superfície” que começaram a circular, a libertação das mulheres tornou-se uma palavra doméstica. Suas questões foram discutidas e foram formados grupos informais de troca, por pessoas que não tinham conexão explícita com nenhum grupo de movimento. Ironicamente, essa disseminação sutil, silenciosa e subversiva da consciência feminista causou uma situação de desemprego político. O trabalho educacional não era mais uma necessidade tão grande. Projetos de serviço só poderiam fazer parte da resposta. O que o movimento precisava desesperadamente era algum senso de direção. O problema era como consegui-lo.

Um resultado do estilo do movimento foi um movimento criativo muito amplo, com o qual os indivíduos podiam se relacionar da maneira que desejavam sem se preocupar com ortodoxia ou doutrina. Outra foi uma espécie de impotência política.

A nível local, a maioria dos grupos poderia operar de forma autônoma, mas os únicos grupos que poderiam organizar uma atividade nacional eram os grupos organizados nacionalmente. Grupos como NOW, WEAL e alguns grupos de mulheres de esquerda eram as únicas organizações capazes de fornecer direção nacional, e essa direção era determinada pelas prioridades dessas organizações. A NOW, por exemplo, organizou a greve de agosto de 1970 e, ao fazê-lo, reuniu muitos grupos em uma coalizão temporária. A WEAL iniciou e coordenou as denúncias sobre discriminação sexual contra faculdades e universidades registradas junto ao Departamento de Saúde, Educação e Bem-Estar. É sobre a rocha da falta de direção que o ramo mais jovem do movimento está se debatendo há tanto tempo que praticamente se tornou um modo de vida. Há uma qualidade

semelhante à de uma fênix para o movimento — grupos diferentes morrendo, reformando e emergindo simultaneamente — de modo que é difícil obter uma leitura precisa sobre o estado de sua saúde.

Embora o ressurgimento do feminismo tenha atraído uma importante fonte de energia feminina, a estrutura do ramo mais jovem não foi capaz de canalizá-la efetivamente. Algumas mulheres são capazes de criar seus próprios projetos de ação locais, grupos de estudo ou centros de serviços. A maioria não o é, e o movimento não fornece meios coordenados ou estruturados para encaixá-las em projetos existentes.

Em vez disso, essas mulheres ou são recrutadas para a NOW e outras organizações nacionais, ou abandonam completamente a atividade organizada. Estas últimas raramente deixam de ser feministas; em vez disso, aplicam suas novas ideias às suas vidas pessoais e preocupações individuais.

A consequência, no entanto, é que novos grupos se formam e se dissolvem em um ritmo acelerado, criando uma boa dose de consciência e muito pouca ação concertada. Até certo ponto, o movimento está se expandindo, mas não construindo; forja em novas áreas, enquanto não consegue consolidar seus ganhos em idade.

A vida média das ativistas do movimento é de cerca de dois anos, após os quais elas se retiram em exaustão para serem substituídas por novas convertidas que tentam compensar com entusiasmo o que lhes falta na experiência. Enquanto esta alta taxa de retirada continuamente adiciona sangue novo ao movimento, isso também significa que questões antigas têm que ser continuamente refutadas. Assim, a educação interna consome boa parte da energia do movimento, e apenas algumas organizações — principalmente no ramo mais antigo — conseguiram evitar ficar atoladas nessa tarefa.

Gerlach e Hine argumentam que um movimento descentralizado e segmentado é a maneira mais viável de desenvolver novos meios de mudança social, pois sua flexibilidade permite uma maior utilização do método consagrado pelo tempo da inovação social — tentativa e erro.

Uma organização burocrática e dirigida centralmente é obviamente mal-adaptada a esse tipo de abordagem. É dentro do contexto de uma estrutura segmentada e descentralizada que essa inovação pode ocorrer com mais facilidade. Em um movimento policéfalo, os erros de um grupo ou de um líder têm pouco ou nenhum efeito sobre os outros. Os membros do grupo podem se dispersarem, reformarem sob nova liderança ou simplesmente ser absorvidos por outros grupos, e o movimento continua. Uma tentativa de inovação que falha afeta apenas aqueles mais intimamente associados a ela; de fato, esse fracasso pode ajudar outros por suas demonstrações do que não funcionará.

Conforme aplicado ao movimento de libertação das mulheres, seus julgamentos sobre o aumento das inovações estão corretos. Certamente houve muitas novas ideias. No entanto, pode-se questionar se o desenvolvimento dessas novas ideias representa progresso ou apenas moda. Isto é, se são fundadas sobre a experiência passada em uma tentativa de melhorá-la, ou se são perseguidas com base na suposição de que qualquer coisa nova é automaticamente melhor.

Talvez seja cedo demais para fazer esse tipo de avaliação. Mas o que está claro é que novas ideias sem direção organizacional muitas vezes não chegam a lugar algum. Isso não significa que as ideias não se espalhem. Dado um certo interesse da mídia e a adequação das condições sociais, as ideias ainda serão amplamente difundidas. Mas

a difusão de ideias não significa que elas sejam implementadas; isso só significa que se fala sobre elas.

Na medida em que podem ser aplicadas individualmente, pode-se colocá-las em prática; na medida em que exigem poder político coordenado para serem implementadas, elas não serão.

É por isso que o ramo mais jovem do movimento pode, ao mesmo tempo, ser tão inovador ideologicamente e tão conservador na prática. Seus debates, disputas e ideias fornecem novos alimentos para o pensamento feminista. Suas oligarquias segmentadas e projetos de serviço restringem suas atividades a politicamente inócuas. Gerlach e Hine obviamente falharam em apreciar as implicações políticas, ou a falta delas, nesse tipo de estrutura, por mais atraentes que possam ser seus outros aspectos. É bom para a mudança pessoal; é ruim para a mudança institucional.

Felizmente, o ramo mais jovem não é a soma total do movimento de libertação das mulheres. Existem algumas organizações nacionais, de certa forma centralizadas, capazes de ação política. São essas organizações que geralmente desenvolvem as ideias fermentadas pelos pequenos grupos. Embora seja verdade que a NOW e outras organizações nacionais não seriam tão inovadoras sem a pressão ideológica que esses grupos oferecem, também é verdade que suas novas ideias teriam poucos caminhos para a implementação se não fossem pela NOW. Essa relação simbiótica entre grupos de movimentos variados, até mesmo diferentes, é típica de outros movimentos e talvez seja uma condição para o sucesso do movimento. [36]

A ironia é que não é a organização do movimento social centralizado, NOW, que está se movendo em direção à conformidade com o modelo de oligarquização, conservação e meta de

transformação de Weber/Michels. São os pequenos grupos não burocráticos e não centralizados. São eles que são executados em grande parte por oligarquias, que se acomodaram suficientemente a seus ambientes para transformar seus objetivos, na prática, se não em teoria, de mudança social radical em projetos de melhoria de serviço.

Parece que aqui a tensão inerente entre as necessidades de realização de metas e as necessidades de manutenção do grupo é completada. Um grupo que tem muito pouca estrutura dedica-se desproporcionalmente ao último, assim como um grupo que tem demais.

Pode-se concluir que o que é necessário para a sobrevivência do movimento é não optar nem pela apoteose da eficiência nem pela apoteose da participação, mas sim por manter um equilíbrio entre ambas.

UN MUNDO
DONDE QUEPAN
MUCHOS MUNDOS

Nosso cinismo não vai construir um movimento. Colaboração sim.

"Centenas de milhares de pessoas estão tentando descobrir o que significa ingressar em um movimento. Se demonstrarmos que para ser parte de um movimento você deve acreditar que as pessoas não podem mudar, que a transformação não é possível, que é mais importante estar certo do que estar conectado e interdependente, nós não venceremos.

Se nosso movimento não leva a sério a construção de poder, estamos apenas engajadas em um exercício fútil de quem pode ser a mais radical.

Este é um momento para todas nós lembrarmos quem éramos quando entramos no movimento – lembrar das organizadoras que foram pacientes conosco, que discordavam de nós e ainda assim permaneciam conectadas, que sorriam conscientemente quando nosso senso de retidão nos consumia.

Eu me lembro de quem eu era antes de dar minha vida ao movimento. Alguém foi paciente comigo. Alguém viu que eu tinha algo para contribuir. Alguém ficou comigo. Alguém fez o trabalho para aumentar meu compromisso. Alguém me ensinou a ser responsável. Alguém abriu meus olhos para as causas dos problemas que enfrentamos. Alguém me pressionou a colocar minha visão no futuro. Alguém me treinou para juntar outras pessoas que procuram um movimento.

Construir um movimento requer ir além das pessoas que concordam com você. Simplificando, precisamos um do outro e precisamos de liderança e estratégia.

Podemos dizer às pessoas centenas de vezes que, porque não estiveram aqui, não têm o direito de estar aqui agora. Mas prometo que o único lugar a que isso nos levará é para lugar nenhum!

Alicia Garza, co-fundadora do movimento Black Lives Matter

Considerações finais

1. O feminismo é uma prática política e, como tal, é preciso estar organizada para ser-se feminista. Ativismo é agir.
2. Autonomia é uma necessidade, isolamento é uma opção (incompatível!). Trabalhar com outros movimentos, grupos, sindicatos e partidos é uma forma de avançar a agenda.
3. Conscientização é um trabalho contínuo, para nós e para todas, mas não é suficiente. Tomar as ruas, fazer campanhas, tomar parte nas estruturas e apoiar as mulheres e a comunidade são tarefas da militante feminista.
4. Criar alternativas tem a sua relevância, mas permitir que a atividade política se limite ou se esgote na manutenção da alternativa, ao invés de buscar e trabalhar para o objetivo final, é uma fuga da responsabilidade revolucionária.
5. Um coletivo feminista não é um fim em si mesmo: precisamos trabalhar para uma aliança política entre grupos feministas, a confederação e alinhamento nacional e internacional dos movimentos é onde reside a sua força política e poder de transformação.

"Tenho de lhe pedir que resista, não obedeça. Que destrua o poder que os homens têm sobre as mulheres, que se recusem a aceitá-lo, que o abominem e que façam o que for necessário, custe o que custar, para mudá-lo." – Andrea Dworkin